



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA SODRÉ

REVITALIZAÇÃO DA CIDADE EMAÚS: projeto arquitetônico em foco.

BELÉM, PA

2025

MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA SODRÉ

REVITALIZAÇÃO DA CIDADE EMAÚS: projeto arquitetônico em foco.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do grau de Arquiteto e Urbanista do Instituto de Tecnologia da Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Professora Doutora Ana
Klaudia de Almeida Viana Perdigão

BELÉM, PA
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S679r SODRE, MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA.
REVITALIZAÇÃO DA CIDADE EMAÚS: : projeto
arquitetônico em foco / MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA
SODRE. — 2025.
86 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Ana Klaudia de Almeida Viana
Perdigão
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2025.

1. Projeto Arquitetônico. 2. Processo Projetual. 3.
Arquitetura Amazônica. 4. Cidade Emaus. I. Título.

CDD 720

MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA SODRÉ

REVITALIZAÇÃO DA CIDADE EMAÚS: projeto arquitetônico em foco.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do grau de Arquiteto e Urbanista do Instituto de Tecnologia da Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Professora Doutora Ana Kláudia de Almeida Viana Perdigão

Data de aprovação: __/__/__

Conceito:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ana Kláudia de Almeida Viana Perdigão – Orientadora
FAU-ITEC-UFPA

Prof. Dr. Celma Chaves de Souza Pont Vidal – Membro
FAU-ITEC-UFPA

Prof. Dr. Ana Maria Orlandina Tancredi Carvalho – Membro
ICED-UFPA

Tainá Marçal dos Santos Menezes – Membro
SESMA

*À minha família, que me mostrou que um
lar se ergue com afeto, muito antes de eu
aprender como se erguem paredes.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a professora orientadora, Ana Kláudia Perdigão, que me acompanha desde o período de bolsista PIBIC- UFPA. Mesmo nos momentos em que estive ansiosa, mostrou que, com calma, tudo se resolve. Foi ela quem me incentivou a entrar na pesquisa e me ajudou a encontrar respostas para inúmeras indagações que tive ao longo do curso e, ao mesmo tempo, me apresentou novas perguntas, estimulando a minha constante busca por conhecimento. Suas orientações e conselhos foram essenciais para minha formação como arquiteta e urbanista e para a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, Girlene e Marcelo, que desde criança me incentivaram e moveram céus e mundos para que eu pudesse ter o melhor, que me ensinaram a ver o mundo com olhos curiosos e questionadores. Minha mãe, exemplo de resiliência e força, nunca permitiu que eu desistisse, e me inspira a ser melhor e buscar mais a cada dia, sem seu amor eu não conseguiria; meu pai que desde pequena me mostra músicas e me questiona o significado delas, me ensinou a pensar além da caixinha, e me orientou em cada passo dessa jornada, sem tua dedicação eu não conseguiria. Vocês são minha base, e espero, um dia, retribuir todo o amor e dedicação com a tão sonhada casa de praia que me pedem todos os dias.

Aos meus irmãos, Gabriel e Manuela, que me impulsionam a seguir em frente com seus pedidos caros e são pessoas para quem quero ser exemplo. Sem as risadas e momentos compartilhados diariamente, não teria chegado até aqui.

Ao meu namorado, Hiago, que me acompanha desde os primeiros passos na faculdade e técnico. Sempre que pensei em desistir, esteve ao meu lado para me apoiar, secar minhas lágrimas, comemorar cada pequena vitória e acreditar em mim, às vezes até mais do que eu mesma. Ajudou-me a ter sonhos que nem eu mesma achei que um dia teria, e espero realiza-los com você ao lado.

À minha tia Giane e meus primos Gudryan e Seline, que me fazem rir desde a hora que pisam na porta de casa, que topam todas as minhas ideias e me apoiam em tudo.

À minha tia Geovana e minha prima Atalla, que me proporcionaram a melhor viagem que já fiz, onde voltei a sorrir plenamente e que me causavam gargalhadas em

qualquer lugar e a qualquer momento. Mesmo distante, vocês estão sempre presentes no meu coração, mal espero para estar perto de vocês novamente.

Aos meus avós, Eli, Aluízio, ÉÉ e Maria, que sempre me apoiam e cuidam de mim, me ensinaram valores de amor, simplicidade e resiliência. A presença de vocês é fonte de força e inspiração nesta caminhada.

Agradeço em especial às pessoas que hoje não estão mais comigo neste plano, mas sei que me acompanham e, de alguma forma, seguem me dando força para continuar. À minha tia Lene, que durante o pré-vestibular falava diariamente o quanto acreditava em mim e que sabia que eu alcançaria meus objetivos, me apresentou a espiritualidade e a caridade, que me formam como ser humano hoje. Ao meu tio Michel, que me perturbava todos os dias e, se estivesse aqui, diria que me daria uma tatuagem de presente só para irritar a família e rirmos. E ao meu padrinho, que sempre foi inspiração e acreditou em mim, me deu as mãos desde criança juntamente à minha madrinha, e juntos me ensinaram a não desistir e sempre focar nos meus objetivos.

Por fim, agradeço aos meus colegas de turma, em especial ao Cincolares: Aline Nascimento, Elizabeth Quaresma, Kalena Uchôa e Mateus Fernandes. A amizade de vocês foi uma surpresa pra mim, não esperava encontrar um grupo tão bom tão cedo na faculdade, que se tornassem meus parceiros fiéis. Vocês foram essenciais no meu dia-a-dia, me ajudando a enfrentar qualquer obstáculo que surgisse na faculdade e na vida. São meus parceiros de grupo em todas as matérias, e tornaram esses anos da faculdade mais leves, obrigada por todo companheirismo e pelo laço que criamos.

Aos meus gatinhos que passaram pela minha vida ao longo desses anos, que nos momentos de angústia vinham amassar pãozinho e faziam qualquer tristeza passar. Obrigada Ariel e Pelé, que todos os dias me fazem rir e tirar foto de posições engraçadas que dormem, e aos que já não estão mais aqui, mas permanecem no meu coração: Joey, Neymar, Mônica e Phoebe.

Aos colegas do LEDH-UFPA. A todos que de alguma forma fizeram parte dessa trajetória, meu sincero agradecimento. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada momento compartilhado contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Nada pode jamais renascer. Mas por outro lado, nada desaparece completamente. E qualquer coisa que um dia existiu sempre reaparece em uma nova forma.

Alvar Aalto

RESUMO

Objetiva-se desenvolver uma proposta de revitalização do terreno Cidade de Emaús, sede do Movimento de Emaús, em Belém do Pará, a partir do papel da arquitetura no contexto amazônico com fortes referências no pensamento projetual de Milton Monte, arquiteto que se destaca pela valorização do lugar, diálogo entre o erudito e não erudito, aproveitando a pesquisa em projeto como base à prática projetual superando uma simples reprodução de modelos externos até o reconhecimento da riqueza cultural local. A proposta arquitetônica foi contextualizada a partir do Quaterno Contemporâneo que estrutura o processo de projeto em quatro condições fundamentais: lugar, programa, construção e estrutura formal. Essa abordagem possibilitou a organização da proposta em etapas coerentes, que valorizaram tanto o papel da coletividade na produção do espaço quanto as atuais demandas de uso. O projeto resultante configura-se como um espaço de múltiplos usos, aberto à comunidade no entorno, promove a integração social e reforça o valor histórico de lutas do Movimento de EMAÚS na cidade de Belém (PA). Conclui-se que a compreensão teórica do projeto, a vivência com os problemas levantados na Cidade Emaús e a organização dos dados de projeto por meio do Quaterno Contemporâneo foram decisivos para a reflexão sobre o papel do conhecimento e sobre a importância da vivência do projetista na definição do Programa de necessidades para o aprofundamento de uma prática arquitetônica mais responsável na Amazônia.

Palavras-chave: Projeto Arquitetônico; Processo Projetual; Arquitetura Amazônica; Cidade Emaús.

ABSTRACT

The objective is to develop a proposal for the revitalization of the Cidade de Emaús site, headquarters of the Emmaus Movement, in Belém do Pará, based on the role of architecture in the Amazonian context with strong references in the design thought of Milton Monte, an architect who stands out for the appreciation of the place, dialogue between the erudite and non-erudite, taking advantage of the project research as a basis for the design practice, overcoming a simple reproduction of external models until the recognition of wealth local cultural culture. The architectural proposal was contextualized from the Contemporary Quaternary that structures the design process in four fundamental conditions: place, program, construction and formal structure. This approach made it possible to organize the proposal in coherent stages, which valued both the role of the community in the production of the space and the current demands of use. The resulting project is configured as a multi-use space, open to the surrounding community, promotes social integration and reinforces the historical value of the struggles of the EMAUS Movement in the city of Belém (PA). It is concluded that the theoretical understanding of the project, the experience with the problems raised in Emmaus City and the organization of the project data through the Contemporary Quaternary were decisive for the reflection on the role of knowledge and on the importance of the designer's experience in the definition of the Program of Needs for the deepening of a more responsible architectural practice in the Amazon.

Keywords: Amazonian Architecture; Contemporary Quarter; Architectural Design.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 — Croqui da Praça Batista Campos.....	37
Figura 2 — Equipamentos de ginástica na Praça Batista Campos.....	37
Figura 3 — Equipamentos infantis em madeira na Praça Batista Campos.....	38
Figura 4 — Vista aérea da Praça da República.....	39
Figura 5 — Apropriação dos gramados pela população na Praça da República.....	39
Figura 6 — Feira de Artesanato na Praça da República.....	40
Figura 7 — Vista aérea do Parque da Cidade.....	41
Figura 8 — Área de recreação infantil e anfiteatro do Parque da Cidade.....	42
Figura 9 — Vista aérea das quadras, pista de caminhada e ciclofaixa do Parque da Cidade...	42
Figura 10 — Residência Onda Amarela em Mosqueiro, PA.....	44
Figura 11 — Aberturas na Residência Onda Amarela em Mosqueiro, PA.....	44
Figura 12 — Estrutura do Beiral Quebra-sol/Quebra-chuva.....	45
Figura 13 — Localização e área do terreno do EMAÚS.....	48
Figura 14 — Mancha de Alagamento no Bairro do Bengui.....	48
Figura 15 — Campo Frontal do Terreno.....	49
Figura 16 — Vegetação do Campo Frontal do Terreno.....	50
Figura 17 — Playground no Campo Frontal do Terreno.....	50
Figura 18 — Caminhos internos no Terreno.....	51
Figura 19 — Área atual da Praça.....	55
Figura 20 — Planta de Setorização da Praça.....	56
Figura 21 — Layout da Praça.....	57
Figura 22 — Mapa de Ambientes.....	58
Figura 23 — Aproximação Setor Esporte e Saúde.....	59
Figura 24 — Aproximação Setor Lazer e Cultura.....	61
Figura 25 — Aproximação Setor Apoio.....	62
Figura 26 — Layout Espaço Ecumênico e Anexo.....	63
Figura 27 — Planta de Cobertura do Espaço Ecumênico e Anexo.....	64
Figura 28 — Fachada 1 e 2 do Espaço Ecumênico.....	65
Figura 29 — Fachada 3 a 8 do Espaço Ecumênico.....	66
Figura 30 — Vista Frontal do Espaço Ecumênico.....	66
Figura 31 — Fachada 9 do Anexo.....	68
Figura 32 — Fachada 10 do Anexo.....	68
Figura 33 — Fachada 11, 13 e 14 do Anexo.....	69
Figura 34 — Fachada 12 do Anexo.....	69
Figura 35 — Fachada 15 do Anexo.....	70
Figura 36 — Vista Lateral do Espaço Ecumênico e Anexo.....	70
Figura 37 — Planta de Implantação do Terreno Cidade de EMAÚS.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese de referências	45
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1	TEORIA DE PROJETO	18
2.2	PENSAMENTO E OBRA DE MILTON MONTE	23
3	CONTEXTO DE PROJETO	29
3.1	MOVIMENTO REPÚBLICA DE EMAÚS	29
3.1.1	<i>Padre Bruno Sechi</i>	30
3.1.3	<i>Expressão Cidade de EMAÚS</i>	31
3.1.4	<i>Relação do Movimento República de Emaús com o entorno</i>	32
3.2	DEMANDAS	33
4	PROPOSTA ARQUITETÔNICA	34
4.1	REPERTÓRIO	35
4.1.1	<i>Praça Batista Campos</i>	35
4.1.2	<i>Praça da República</i>	38
4.1.3	<i>Parque da Cidade</i>	40
4.1.4	<i>Arquitetura do Barracão</i>	42
4.2	LUGAR (DIAGNÓSTICO E CARACTERIZAÇÃO DO TERRENO)	46
4.3	PROGRAMA	51
4.3.1	<i>Espaço coletivo – uma Praça que acolhe a comunidade do entorno</i>	52
4.3.2	<i>Espaço Ecumênico</i>	52
4.4	CONSTRUÇÃO	53
4.5	ESTRUTURA FORMAL E FORMA PERTINENTE	54
4.5.1	<i>Praça</i>	55
4.5.2	<i>Espaço Ecumênico e anexo</i>	62
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
6	REFERÊNCIAS	75
	APÊNDICE A - PRANCHAS DE PROJETO	77

1 INTRODUÇÃO

A Amazônia é marcada por sua diversidade cultural, ambiental e social, o que demonstra a importância da produção de conhecimento com abordagens arquitetônicas sensíveis às especificidades do seu território, um recorte do que acontece em toda a América Latina. Existe uma vasta produção arquitetônica com indiscriminada reprodução de fórmulas internacionais (Perdigão; Oliveira, 2018), aplicadas de maneira descontextualizada. Essa adoção de padrões externos, que não estão comprometidos com condicionantes ambientais locais e as singularidades culturais amazônicas, compromete não apenas as condições de conforto, como também a capacidade simbólica, afetiva e cultural provocada pelos espaços construídos, resultando em uma arquitetura que não dialoga com a complexidade de padrões do usuário (Arraes; Perdigão, 2024). Essa arquitetura negligencia e apaga as relações ancestrais entre o homem, o rio e a floresta, que repercute o modo de construir e habitar, como o tipo palafita amazônico (Menezes, 2015).

Tal cenário reflete uma crise mais ampla na prática e no ensino da arquitetura, identifica com a ausência de pensamento projetual fundamentado em processos críticos e comprometidos com o lugar (Mahfuz, 1984). Assim como explica Mahfuz (2003), essa crise gera a perda da dimensão cultural e social da arquitetura, e é intensificada pela globalização e mercantilização da arquitetura, promovendo um panorama de homogeneização nos espaços habitados.

Por outro lado, existe uma crise no ensino de projeto de arquitetura que se justifica pela forma como o ensino e a prática projetual estão estruturados. Como afirma Silva (2003), o tema do ensino de projeto arquitetônico não tem recebido tanta atenção, visto que o núcleo pedagógico ainda se vale de enfoques de origem centenária dos principais conceitos usados nos processos de discussão. Considerando que a relação entre teoria arquitetônica e prática estão desarticulados, e as demandas do mundo contemporâneo reivindicam uma ampliação dos mecanismos projetuais, Perdigão (2009) se dedica à investigação do processo de projeto para explorar e propor fundamentos conceituais e operacionais ao ofício da arquitetura.

Essa fragilidade no ensino se deu, segundo Mahfuz (1984), após a segunda guerra mundial, quando os arquitetos se formaram e foram moldados pela

Bauhaus, que teve grande influência no ensino e prática da arquitetura no Brasil. Com essa ideia de projeto como ato individual e desvinculado de referências culturais e históricas, reforça-se uma tradição no ensino de projeto com a falta de aprofundamento em processos projetuais, criando um cenário onde a concepção não é reflexiva, nem tampouco sistematizada para ser transmitida e replicada de forma crítica (Mahfuz, 2003). Como resultado, não houve de certo modo, ou de um modo consensual, a consolidação de um fazer arquitetônico local, principalmente no contexto amazônico onde a diversidade do território fosse considerada por meio de um pensamento projetual próprio, capaz de articular aspectos ambientais e socioculturais. A falta de valorização ampliada e sistematização do saber projetual local tem gerado uma desconexão do arquiteto amazônico com o contexto regional e perpetuando uma prática hegemônica e descontextualizada.

Diante dessa crise que desalinha teoria e prática no exercício projetual amazônico, o estudo da teoria de projeto e da trajetória profissional do arquiteto Milton Monte, tornam oportuna a investigação de uma referência importante para a construção de um pensamento arquitetônico comprometido com o lugar amazônico (Arraes; Perdigão, 2022). Sua produção revela uma prática sintonizada com aspectos ambientais e culturais da Amazônia, articulando referências hegemônicas e vernaculares. Dessa forma, para os autores, a sistematização de padrões e processos de Monte, fundamentado na experiência vivida no território e na escuta atenta às necessidades do usuário, é essencial para a discussão de um pensamento projetual de um arquiteto nativo da Amazônia, e possibilita a retomada de um olhar técnico ampliado sobre a prática projetual amazônica e sua transmissibilidade como um modo particular de reflexão e prática do projeto que rompe com uma tradição em priorizar os padrões externos e de pouca adaptabilidade para o homem da região (Perdigão; Oliveira, 2018).

Diante do cenário apresentado, torna-se fundamental a adoção de uma abordagem projetual que reconheça o lugar não como apenas uma dimensão física, mas também cultural e simbólica na arquitetura. O modo de viver e habitar na Amazônia demanda uma escuta atenta aos saberes locais e às complexidades ambientais e sociais. A escolha de abordar o projeto arquitetônico sob essa ótica da valorização do lugar e com auxílio da teoria do projeto tem sido um caminho frutífero desenvolvido pela produção científica dos pesquisadores do Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano em sua abordagem do projeto como objeto

de investigação (Oliveira, 2010), o que contribui para o desenvolvimento de um processo de concepção fundamentado no lugar e próprio da Amazônia. A obra de Milton Monte oferece subsídios para essa reflexão ao propor uma prática sensível e comprometida com o contexto, além de delinear um processo de projeto que articula referências eruditas e vernaculares às demandas bioclimáticas. Dessa forma, estudar essa produção contribui para uma revisão da prática e do ensino do projeto arquitetônico, afirmando a importância de uma arquitetura produzida na Amazônia para a Amazônia.

A revitalização de espaços da Cidade de Emaús, sede do MRE (Movimento República de EMAÚS) em Belém do Pará, atualmente em processo de reestruturação institucional tem se mostrado um cenário oportuno para o exercício projetual por toda importância que o Movimento Emaús significa para a sociedade paraense. No âmbito do projeto “Áreas Sustentáveis e Resiliência Climática no MRE”, englobou-se o recorte do Eixo 2 -Revitalização de Áreas Verdes e Espaços de Convivência, priorizando o desenvolvimento de áreas que respondessem a essa demanda.

Para tanto, o trabalho está estruturado da seguinte forma: o Capítulo 2 reúne a fundamentação teórica, discutindo a teoria de projeto e apresentando o Quaterno Contemporâneo – metodologia usada para apresentação do contexto de projeto e base para o desenvolvimento da proposta arquitetônica, e o pensamento e obras do arquiteto Milton Monte; o Capítulo 3 apresenta a contextualização e as demandas da Cidade de Emaús, demonstrando a relevância desse projeto para o Movimento República de Emaús e a comunidade do entorno; o Capítulo 4 desenvolve a proposta arquitetônica, organizado segundo os elementos do Quaterno; e, por fim, o Capítulo 5 traz as considerações finais, refletindo sobre os resultados alcançados e a contribuição do trabalho para a prática projetual na Amazônia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a questão apresentada, o presente trabalho permite uma abordagem que evidencia a compreensão teórica da prática projetual por meio da teoria de projeto e sua aplicação.

A fundamentação teórica irá delinear e justificar um campo de possibilidades no âmbito do projeto. Neste capítulo serão explicitadas teorias de projeto e as contribuições a respeito do pensamento projetual do Arquiteto Milton Monte, que deixou um legado de como fazer arquitetura na Amazônia.

2.1 Teoria de Projeto

O fazer arquitetônico, mesmo que intrinsecamente ligado a condicionantes físicas e geométricas – como orçamentos, materiais, legislação –, é um processo que começa no campo conceitual. Pode-se parafrasear Boudon (2007), quando afirma que “o objeto arquitetural, quando ainda não existe, existe para a concepção”. O campo da concepção, pouco debatido e esquematizado, diz respeito aos processos da concepção e como as suas decisões são realizadas. Conforme Marcus (1971 apud Perdigão e Oliveira, 2018), há uma diferenciação entre o processo de projeto e a sequência de decisões. O processo de projeto é a sequência íntegra de acontecimentos, das primeiras concepções até sua realização total, enquanto que a sequência de decisões corresponde aos intervalos bem delineados do processo de projeto, entre organização de dados, análise, síntese e avaliação. Esse campo é regido por uma dimensão simbólica que carrega valores sociais, culturais e históricos. Como afirma Mahfuz (1984), o ato de projetar nunca parte do nada, mas de uma base de referências construída ao longo do tempo. Nesse sentido, compreender a teoria do projeto não vale apenas pela adoção de procedimentos, mas pela construção de um modo de pensar próprio capaz de articular junto a outras dimensões da arquitetura, a cultural, social e individual. Servindo, então, como suporte reflexivo para compreender operações mentais e metodológicas que produzem arquitetura ligada às pessoas, que acolhe, representa e conecta os indivíduos ao lugar.

Conforme Mahfuz (1984), a produção da arquitetura vista como transformação de conhecimento, ressalta a importância do uso de analogias e do

método tipológico para o ofício do arquiteto, resgatando o tipo como uma estrutura cognitiva que sustenta o pensamento projetual. Segundo o autor, o método tipológico é usar tipos como parte do processo de projetos de novos artefatos arquitetônicos, justificado por uma analogia entre o existente e o problema que existe. A adoção do tipo como analogia referente ao método tipológico não significa copiar formas do passado, mas apropriar-se de princípios espaciais e, com consciência crítica, conseguir abstrair a essência do existente e atualizá-la para ajudar a resolver os problemas e necessidades do momento. Dessa maneira, alcança-se uma arquitetura autêntica.

Perdigão (2009) discute a relevância do tipo como ponto de partida para o projeto arquitetônico. Para a autora, o tipo é um instrumento cognitivo de caráter operativo ao processo projetual e que desempenha o papel de organizador da concepção arquitetônica baseada em precedentes que se destacam na história da arquitetura. Atualizando o tempo no espaço, o tipo cria a oportunidade de ocorrer variações sobre o princípio gerador que produz resultados peculiares à demanda espacial, agregando significado cultural e afetivo. Dessa maneira, atribui-se caráter simbólico para o espaço arquitetônico, visto que a produção tipológica declara a permanência de padrões espaciais consolidados na memória, gerado como resposta a conjuntos de necessidades ideológicas ou práticas da sociedade. Verifica-se, portanto, que o uso do tipo é uma estratégia para o uso do lugar como referência de projeto e que é mais comprometida com uma integralidade das representações espaciais que é resultante de saberes formais e dos saberes culturalmente acumulados pela sociedade.

Alguns exemplos expostos pela autora são de obras dos arquitetos Álvaro Siza e Milton Monte que, conforme seus respectivos contextos, demandas e referências culturais, usaram o tipo como partido em seus projetos. O Projeto Habitacional da Malagueira de Siza, que se decorre do tipo casa-pátio e as variações do tipo casa-pátio (varanda) das obras de Monte são alguns exemplos. Monte, por meio desse tipo, desenvolve projetos análogos aos barracões seringalistas, valorizando as manifestações culturais e ambientais da Amazônia por meio da prática arquitetônica. A clara relação entre a modernidade e a tradição, utilização de instrumentos conceituais e operativos desenvolvidos pela cultura moderna bem como soluções características dos modos de vida constituem a cultura arquitetônica do lugar (Perdigão, 2009).

Perdigão (2009) também propõe a inserção do espaço pulsional, que se configura como o desejo (inconsciente) do usuário, como demanda de projeto. Essa dimensão, ainda pouco explorada pela teoria da arquitetura, é fundamental para compreender o vínculo afetivo do ser humano com o espaço. O espaço pulsional é definido a partir da teoria psicanalítica de Freud (1915), que se expressa como desejo inconsciente do usuário e se manifesta por meio de representações e afetos que articulam o corpo e o psiquismo. Esse espaço é desenvolvido na infância, quando o ser humano registra relações topológicas relacionadas às necessidades originais. As relações topológicas dizem respeito a uma diversidade de elementos geométricos nos espaços e evocam significado existencial. Dessa forma, pode-se evocar o tipo como um ponto de partida de projeto, visto que a partir dele é possível obter várias representações geométricas para o mesmo princípio gerador e atribuir ao edifício significado histórico e cultural, além de permitir uma concepção arquitetônica humanista ao integrar o espaço da vivência com o espaço geométrico por meio de analogias.

A representação pulsional proposta por Perdigão (2009) pode orientar a prática projetual através de equivalência com imagens mentais, objetos de desejo e histórias pessoais do usuário, de forma a estimular associações e analogias nas decisões projetuais. Para isso, Perdigão (2005) apresenta como metodologia consultas não-verbais aos usuários como meio de captar essas representações pulsionais e traduzir seus equivalentes afetivos em diretrizes de projeto. O estabelecimento e reconhecimento dessas imagens mentais e vínculos simbólicos oferecem ao arquiteto uma base sólida para decisões espaciais que respeitam a individualidade e promovem o bem estar, ampliando a ligação entre o sujeito e o espaço construído.

A partir da articulação entre as representações geométrica, topológica e pulsional, Perdigão (2009) aponta para a necessidade da integração de aspectos afetivos, perceptivos e culturais à racionalidade formal. Essa integração aos sistemas já complexos de arquitetura garante a tratativa integral de representações do ser humano para tomadas de decisões, admitindo a inserção de valores do usuário e do projetista nas operações de projeto.

Na mesma direção, Mahfuz (2003) aponta para a importância de uma sistematicidade nas operações projetuais. Um sistema formal é um princípio sólido e flexível que tem procedimento para construir e conjunto ordenado de elementos

espaciais e construtivos. Trabalhar dessa forma implica em concepções de forma com uma integração a um sistema global, que resulta em uma geometria singular frente a uma situação singular. A ausência da sistematicidade implica ao que ele chama de “procedimento sintomático”, caracterizado por soluções parciais e efeitos isolados, que geram um edifício sem identidade formal – o que acontece rotineiramente no Brasil. Para o autor, a sistematicidade garante uma identidade formal e a chegada à uma “forma pertinente”.

No texto “Reflexões sobre a forma pertinente”, Mahfuz (2003) levanta discussões acerca da crise disciplinar de arquitetura e da globalização da mesma. Ao se render ao mercado, o arquiteto vira apenas um prestador de serviços, tratando edifícios como objetos de consumo e projetando de forma a vender mais, gerando uma espetacularização da arquitetura. Dessa forma, segundo o autor, perde-se a dimensão cultural e social da arquitetura. Essa crise justifica a necessidade de uma sistematicidade para a prática de uma arquitetura autêntica que preserva o seu papel social e cultural.

Até meados do século XVIII, a boa arquitetura seria aquela que chegasse a um equilíbrio entre os componentes da tríade vitruviana: Firmitas (solidez) e Utilitas (função), que estão no campo racional do conhecimento, e Venustas (beleza), que está no campo estético. Mahfuz (2003) verifica a deficiência desse método, que tem com preocupação arquitetônica maior a beleza – conceito relativo que varia em época e lugar. Para suprir essa necessidade, o autor propõe uma atualização dessa interpretação, apresentando o seu “Quaterno Contemporâneo”.

O Quaterno Contemporâneo apresentado por Mahfuz (2003) é composto por quatro condições ao problema projetual, sendo três internas e uma externa. As condições internas são: Construção (firmitas), Programa (utilitas) e Lugar (novidade); e a condição externa é a estrutura formal (venustas). O Quaterno tem como foco a Forma Pertinente, e tem como objetivo criar artefatos marcados pela pertinência ou adequação da sua forma. Às condições internas, o autor as denomina estimulantes da forma, visto que estão presentes constantemente em diferentes intensidades tanto na origem quanto no desenvolvimento do processo projetual.

O programa é o maior vínculo do projeto com a realidade, e a sua resolução em termos formais é a essência da arquitetura. O sentido de projeto se dá pela articulação com a realidade, que dá escopo para basear a estruturação formal.

Essa vinculação com o programa e a necessidade de transcendê-lo é o que possibilita uma qualidade objetual da obra de arquitetura. A outra condição interna é a Construção. O autor afirma que a importância dessa condição é tanta que não há concepção sem consciência construtiva. Por último, destaca a relação com o Lugar como fundamental para a arquitetura, “nenhum projeto de qualidade pode ser indiferente ao seu entorno” (Mahfuz, 2003), dessa forma, é necessário estabelecer relação entre as partes com o todo, tanto para relações internas a um projeto quanto para as que um edifício estabelece com o entorno que ele faz parte.

Por fim, a condição externa que completa o quarteto contemporâneo é a estrutura formal. Uma estrutura formal é “um princípio ordenador segundo o qual uma série de elementos, governados por relações precisas, adquirem uma determinada estrutura”. Esses princípios podem agir tanto no repertório acumulado na história da arquitetura quanto vir de fora dela. Para uma arquitetura autêntica, esses repertórios formais e compositivos devem sempre ser selecionados de maneira crítica, de modo a levar em conta a pertinência das decisões tomadas em cada situação específica. Para Mahfuz (2003), o projeto deveria sempre começar no edifício que resolveu melhor um caso similar, e diz que o ato criativo não está nos elementos, mas sim na ação de associá-los.

Após discorrer sobre o quaternário, Mahfuz (2003) introduz o conceito de Construção formal, que é um procedimento por meio do qual se obtém uma síntese de vários subsistemas de uma obra de arquitetura, em uma estrutura formal que possua identidade, sentido e consistência. Apesar de não determinarem a forma, a técnica, o lugar e a função são a sua condição de possibilidade. A forma, então, é a síntese do programa, da técnica e do lugar, alcançada por uma ordem visual. A partir disso, se tem o conceito de Identidade Formal, que é a ordem específica de cada obra e independente de fatores externos. Atingir essa identidade formal é o maior objetivo da concepção arquitetônica, visto que é um valor essencial da obra de arquitetura. Essa identidade é dependente da presença de uma estrutura formal que irá definir sua organização espacial e sua relação e proximidade com o entorno, e é isso que separa a arquitetura de qualidade do funcionalismo derivado do organograma funcional.

Por último, Mahfuz (2003) ressalta as duas qualidades essenciais da arquitetura: sentido e consistência. O sentido diz respeito à orientação da sua incidência na realidade, é adquirido em função da relação com o entorno ou com

os materiais com os quais o projetista deve lidar, os condicionantes de projeto. Enquanto isso, uma obra consistente está constituída por relações internas que garantem sua identidade formal, respeitando e transcendendo os requisitos funcionais.

Desse modo, ao considerar a articulação entre tipo, analogia, espaço pulsional e as condições do quaterno, constrói-se uma teoria de projeto que orienta a prática da boa arquitetura e amplia o papel enquanto agente cultural do arquiteto. A partir disso, emerge uma arquitetura que respeita o lugar, acolhendo as histórias e vivências do usuário, expressando uma identidade própria que está enraizada nas dimensões simbólicas do espaço. Essa abordagem será essencial para pensar a revitalização do território do Movimento República de Emaús, pois reconhece as camadas de memória, afeto e cultura que constituem o lugar e traduzi-las em uma proposta arquitetônica significativa e comprometida com o espaço amazônico.

2.2 Pensamento e Obra de Milton Monte

A atuação profissional de Milton Monte como arquiteto nativo da Amazônia mostra uma prática fortemente comprometida com o lugar. Ao contrário do movimento que arquitetos nativos têm executado, com a replicação de modelos universais e hegemônicos, Monte trabalha com uma atenta escuta ao território amazônico: aos seus modos de vida, saberes acumulados e ao bioclimatismo. Seu trabalho não parte de generalidades, mas de uma construção da articulação de saberes eruditos e vernaculares locais, produzindo uma arquitetura situada, sensível e crítica. Sua contribuição extrapola o campo do edifício construído (de representação geométrica) e adentra uma dimensão existencial e disciplinar, constituindo um saber projetual que pode ser transmitido e que se ancora na realidade cultural e ambiental da Amazônia.

Milton Monte é um arquiteto amazônida, nascido em Xapuri no Acre, onde viveu durante a sua infância. Mudou-se para Belém, onde cursou sua primeira graduação em engenharia civil e ingressou na primeira turma de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Tanto na sua infância quanto em suas vivências profissionais, Monte teve contato com uma arquitetura produzida sem arquitetos. A linguagem vernacular amazônica se mostrou presente, e teve grande influência no seu fazer arquitetônico, são elas: a arquitetura do barracão e

a morada indígena Waiãpi. Esse histórico permitiu o desenvolvimento de soluções locais muito particulares, consequência natural de sua história de vida.

O Barracão, nome dado à casa do seringalista no interior da Floresta Amazônica que, além de sua função de habitação, tinha também o papel de armazém e depósito de mercadorias extraídas da floresta pelos seringueiros, como a castanha e a borracha (Cherobim, 1983). É caracterizada por ser toda em madeira, com cobertura em quatro águas em telhas cerâmicas e piso elevado há aproximadamente 2 metros do solo. Essas características foram absorvidas às obras de Monte devido sua grande adequação às condições climáticas e desempenho ambiental, utilizando-se de materiais em abundância na região e bons resultados contra infiltrações providas do solo.

Posteriormente, durante sua vida profissional, Monte visitou uma habitação indígena típica da comunidade Waiãpi. Era um único espaço aberto, protegido por uma cobertura de palha acentuadamente curva, com longos beirais que chegavam a ficar a 1,3m o solo e que circundam toda a edificação. O que lhe chamou atenção foi a eficiência desse sistema em proporcionar conforto, visto que o beiral longo proporciona eficiente proteção contra chuvas e radiação solar excessiva, além da ventilação natural percorrer livremente pelo espaço (Monte, 1986).

Alguns fatores presentes nas práticas profissionais diferenciam a abordagem arquitetônica do Monte, pois o arquiteto utiliza de estratégias que estão fundamentadas na teoria e se comprometem com o espaço Amazônico. Para alcançar tal feito, Monte opera com a valorização do lugar em todas as suas dimensões, utiliza do tipo e de analogias para criar soluções adeptas ao bioclimatismo regional, de maneira a articular o vernacular e o erudito, escuta atenta ao cliente e ao programa.

Em decorrência das vivências, Monte consolida o desenvolvimento de ferramentas de projeto para a melhoria de condições de habitabilidade, muitas delas estão atreladas ao resgate da linguagem regional vernacular de moradia. Desse modo, assume o significado da arquitetura vernacular para a criação de um vocabulário arquitetônico muito particular, que permitiu uma atuação profissional apoiada em padrões culturais amazônicos (Arraes; Perdigão, 2022). Sendo assim, desenvolve um modelo de arquitetura que contempla todos os princípios indicados pelo bioclimatismo para regiões quentes-úmidas, nos seus aspectos socioculturais e ambientais (Perdigão, 1997)

A valorização do lugar é um dos pilares do fazer arquitetônico de Monte. O lugar, não resumido ao espaço físico, mas entendido como conjunto de relações afetivas e sociais, orienta a concepção formal do arquiteto. A produção de Monte perpassa discussões acerca do regionalismo, abrangendo também debates sobre processos de concepção e referências projetuais, que representam uma estratégia de resistência à extinção do modo de vida tradicional na Amazônia (Arraes; Perdigão, 2022). A sua atenção ao vernacular não significa, no entanto, uma cópia desse modelo, mas sim uma referência crítica e transformadora, garantido a dimensão cultural e social da arquitetura (Mahfuz, 2003). Dessa forma, evita-se a espetacularização arquitetônica e a homogeneização formal que desconsidera especificidades culturais.

A produção de Monte utiliza de operações projetuais como o tipo e a analogia. O tipo, como afirma Perdigão (2009), atualiza o tempo no espaço, sendo um ponto de partida com caráter simbólico, visto que a produção tipológica declara a permanência de padrões espaciais consolidados na memória. A partir da sua vivência na região Amazônica, Monte faz um espaço de experimentações, associando a cultura vernacular com condições bioclimáticas e com criações singulares para o uso de materiais locais e de elementos arquitetônicos, como o uso de amplos beirais, inspirados nas habitações indígenas Waiãpi.

Perdigão (2009) discute o uso do tipo na produção de Monte, que usa de variações do tipo casa-pátio (varanda), revelando a presença da representação pulsional na composição do espaço arquitetônico do arquiteto. Por conseguinte, verifica-se uma clareza didática que proporciona maior transmissibilidade do procedimento de projeto, além de representar uma integração entre a representação geométrica, topológica e pulsional na prática arquitetônica (Perdigão; Oliveira, 2018)

Além disso, Monte se dedica a reinterpretar esses elementos tradicionais para uma abordagem contemporânea. Segundo Perdigão (1997), Monte tem como modelo uma filosofia de espaço interno protegido por um grande chapéu, e a partir dessa analogia concebe sua cobertura “quebrada”, conhecida como “beiral quebra sol/quebra chuva”. Conforme Mahfuz (1984), “em arquitetura é preciso saber abstrair, chegar à essência do existente e, principalmente, saber julgar sua relevância para o caso de que nos ocupamos no momento”. Para essa concepção,

Monte utiliza o método tipológico, abstraindo a essência da residência indígena e usando sua criticidade para tal.

Os saberes locais estão impressos na produção do espaço construído de Monte. Em uma sistematização dos elementos da arquitetura residencial do contexto amazônico, o arquiteto adota estratégias que caracterizam suas propostas arquitetônicas e que fazem analogia ao barracão e à morada indígena: Padrão de circulação mais integrado e sem divisórias; cobertura com sistema em madeira complexo que exige mão de obra especializada de um saber tradicional das construções de edificações; forro em lambri e áticos ventilados que garantem maior circulação de ventilação; utilização do beiral quebra-sol/quebra-chuva formando uma proteção contra adversidades climáticas da região; aberturas bem marcantes e com uso de brises e venezianas; elevação do piso em relação ao nível do solo, que eram proteção contra a umidade do solo.

A investigação sobre as obras do arquiteto Milton Monte vem sendo realizada na UFPA pelo Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano - LEDH sob orientação da Profa. Ana Klaudia Perdigão, por meio de trabalhos de iniciação científica, dissertações de mestrado e agora teses de doutorado. A primeira residência a ser analisada pela equipe do LEDH foi a “Residência Onda Amarela”. Com esse estudo, Perdigão e Oliveira (2018) geraram o artigo “Milton Monte e sua Arquitetura do Barracão: análise da residência Onda Amarela, Ilha do Mosqueiro (PA)”, que teve como base a relação de soluções do Arquiteto com a Amazônia, sistematizadas por Perdigão (1997) a partir da qual os estudos vem se desenvolvendo, no qual é feita uma integração de informações sobre o arquiteto na reunião de documentos pessoais, entrevistas com familiares, croquis e material gráfico. Nesse texto, as autoras colocam a arquitetura de Monte no contexto do regionalismo e da cultura do lugar e apresenta a arquitetura do barracão, modelo de arquitetura das casas seringalistas de onde Monte viveu na infância.

A residência Onda Amarela é a maior representação da prática arquitetônica de Monte, reunindo suas estratégias e estudos acumulados durante sua carreira: O uso do Beiral quebra-sol/quebra-chuva, varanda frontal, esquadrias com bandeiras vazadas, circulação integrada e sem divisórias, cobertura em madeira e elevação do piso em relação ao nível do solo. Esses elementos são encontrados nas outras obras de Monte, tanto residenciais quanto institucionais, demonstrando seu empenho em desenvolver uma arquitetura que respeita às condições do lugar

e garantem conforto térmico, garantindo uma identidade profissional marcante e inspiradora (ARRAES; PERDIGÃO, 2022).

A sensibilidade particular de Monte ao lidar com o espaço revela uma compreensão das representações espaciais que se entrelaça com as representações topológicas e pulsionais, como propõe Perdigão (2009). A dimensão topológica se expressa nas relações espaciais, enquanto a pulsional à experiência sensível do corpo e a memória. Arraes e Perdigão (2024) observam que elementos característicos de Monte consideram o clima amazônico não como obstáculo, mas como aliado na construção e mediação entre interior e exterior.

Outra qualidade das obras de Monte que as transformaram em obras singulares, mesmo que tivessem características semelhantes, é a importância do programa. Cada projeto pode ser lido como único, pois o programa e o perfil do cliente ofereciam boas razões para decisões peculiares para um recorte mais preciso de necessidades e aspirações de clientes (Perdigão; Oliveira, 2018). Em entrevista, Elias Kalume, cliente de Monte, ressalta as conversas durante o desenvolvimento dos projetos de suas casas, notando a escuta atenta de Monte à cada desejo de Kalume, sempre traduzindo da melhor forma para o projeto sem perder a sua identidade formal própria (Arraes; Perdigão, 2022).

Perdigão et al (2018) constatam que a expressão do arquiteto Monte sobre seu fazer arquitetônico demonstra clareza e transparência de princípios, de acordo com a caixa de vidro referida por Silva (1986) ao se referir à transmissibilidade do conhecimento sobre a concepção do projeto de arquitetura. Além disso, pode-se encontrar uma sistematicidade (Mahfuz, 2003) na concepção de Monte, que garante uma identidade formal e o alcance de formas pertinentes.

Monte deixou um legado para a cidade de Belém, tendo suas casas como referência para a população local. Os elementos característicos da sua produção, apropriados à produção erudita, mas com forte vínculo com o vernacular, permanecem e resistem ao tempo. Nos seus projetos, legitimando o legado cultural que as soluções de Monte mantinham com o homem Amazônico, o arquiteto usa a arquitetura para expressar seu vínculo com o imaginário amazônico – imaterial, afetivo e o que contempla as formas de morar do homem amazônico convivendo na floresta, nas várzeas, e que quer manter sua relação com as suas origens (Arraes; Perdigão, 2018). Resultando, então, em uma arquitetura que não apenas

abriga corpos, mas também memórias, afetos e modos de vida. Uma arquitetura viva, enraizada na experiência amazônica.

3 CONTEXTO DE PROJETO

O contexto de projeto da Cidade de EMAÚS é determinante para orientar as decisões projetuais, pois envolve sua trajetória e evolução, bem como o reconhecimento de sua missão institucional e de seus desdobramentos no território, visto que o desenvolvimento de uma proposta arquitetônica não se restringe apenas às dimensões físicas do espaço, mas também a compreensão de condições sociais, históricas e culturais que permeiam aquele projeto específico

Este capítulo, portanto, apresenta os elementos que estruturam tal contexto, resgatando a história e os objetivos do Movimento República de EMAÚS, a relevância de figuras centrais como o Padre Bruno Sechi, a constituição da Cidade de EMAÚS e sua relação com o entorno. A partir desta conjuntura, evidencia-se a importância das demandas do Movimento frente à sociedade, que orientam a busca por reestruturações capazes de fortalecer sua atuação social e cultural. Assim, o item fornece bases práticas e conceituais que fundamentam a intervenção arquitetônica proposta neste Trabalho de Conclusão de Curso.

3.1 Movimento República de EMAÚS

O Movimento República de EMAÚS (MRE), situado em Belém do Pará, é uma organização sem fins lucrativos que age em prol da proteção, garantia e defesa dos direitos de crianças, adolescentes e jovens em situação de risco na região amazônica. Sua origem aconteceu no ano de 1970, cenário onde acontece grande engajamento de trabalhadores sociais, agentes pastorais e líderes comunitários em defesa dos direitos dos grupos de crianças e adolescentes que tinham a rua como centro de convivência e moradia. Devido a isso, a Igreja Católica realiza iniciativas em várias cidades, criando instituições e programas como a República do Pequeno Vendedor (RPV) em Belém (Jesus, 2021).

A República do Pequeno Vendedor - RPV teve como marco inicial o apoio às crianças ambulantes do mercado de Ver-O-Peso. Em seguida, criam a Campanha de EMAÚS, onde há coleta de objetos doados pela população, e que acontece anualmente até os dias atuais. Na década de 1980, o ideal de transformação social que orienta a RPV, ganha maiores possibilidades, com a criação da Expressão Cidade de EMAÚS, localizada no bairro do Benguí, em Belém. Nesse período de intensa

expansão urbana houve a doação de um terreno para a República, possibilitando que a sede do Movimento República de Emaús, localizada na Padre Eutíquio, fosse transferida para o novo local, com o objetivo de criar um espaço onde fosse possível garantir a educação, saúde e dignidade para as crianças e suas famílias que estavam em situação de vulnerabilidade. Nesse momento, a República de EMAÚS passa a ser reconhecida como um Movimento.

Sua missão institucional está centrada na luta pela garantia dos direitos das crianças e adolescentes, realizando intervenções que assegurem a promoção dos direitos, defesa dos direitos e controle social, por meio de desenvolvimento social, cultural e econômico. Para isso, atua por meio de diversas expressões e setores, que atuam na educação, assistência, promoção do trabalho e defesa jurídica do seu público.

3.1.1 Padre Bruno Sechi

A história do Movimento República de Emaús está entrelaçada à trajetória de seu fundador, o padre italiano Bruno Sechi. Ao chegar no Brasil, Bruno Sechi iniciou sua missão fundando a República de EMAÚS, muito sensibilizado com a realidade das crianças e adolescentes em situação de rua na capital. Estabelece, então, um espaço de acolhimento e transformação social voltado à promoção da dignidade juvenil por meio da escuta e formação cidadã.

Sua atuação demonstrou um compromisso forte com os direitos humanos e, ao longo das décadas de sua atuação, construiu um legado sólido com a comunidade, validando o Movimento República de Emaús não somente como uma instituição, mas um movimento social vivo e engajado na luta por uma sociedade justa e igualitária.

A liderança de Padre Bruno também era a grande organizadora, responsável pela articulação entre as expressões e consolidação dos pilares do movimento. Sua morte, em 2020, representou uma grande transição para o Movimento República de Emaús. Desde então, o movimento passou por um processo de reconfiguração, na tentativa de preservar sua identidade enquanto se adapta aos novos desafios. A sua ausência evidenciou a necessidade de novas formas de organização interna e maior articulação com o entorno, principalmente no contexto da Cidade EMAÚS.

Face as exigências que ocorrem em função de novos regramentos legais, neste momento, o Movimento República de Emaús passa por um processo de atualização

dos seus documentos oficiais, na tentativa de continuar a sua missão e enfrentar novos desafios impostos pela ordem social.

O Movimento República de EMAÚS tem como missão promover o acolhimento, a escuta ativa e formação cidadã de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Seus objetivos centrais incluem: garantir a proteção integral de crianças e adolescentes; promover atividades de educação popular e formação crítica; e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva, conforme descrito em seu site.

Ao longo de décadas de atuação em Belém do Pará, o EMAÚS se tornou referência no atendimento do público infante-juvenil, especialmente em bairros periféricos da cidade. A atuação do movimento abrange dimensões educativas, culturais, ambientais, e formativas, com eixo central à dignidade humana. Sua relevância social também está nas suas atividades de formação, como oficinas, encontros e mutirões que visam fortalecer o senso de pertencimento e identidade.

3.1.3 Expressão Cidade de EMAÚS

A Cidade de EMAÚS foi fundada na década de 1980 no bairro do Bengui, como um prolongamento do Movimento República de Emaús, que buscava realizar uma necessidade do coletivo: a criação de uma cidade onde fosse possível viver com dignidade, estudar e produzir a sua existência. Nessa época, houve a doação de terra para o grupo, que impulsionou a ida do Movimento República de Emaús até o local, onde se encontra hoje.

O termo “cidade” se refere a uma proposta de unidade comunitária, onde se compartilharia a educação, convivência solidária e formação cidadã. O ideal era de um local que comportasse escola, hortas, animais e áreas de lazer, promovendo um espaço seguro e integral para os seus moradores. Nesse terreno, foi implementada a Escola Cidade de EMAÚS, que tinha uma linguagem arquitetônica que remete à uma habitação indígena denominada “oca”, com plantas circulares e construídas com materiais como madeira e telhados de palha, e com uma proposta pedagógica baseada nos princípios de Paulo Freire e da Pedagogia Montessoriana, que valoriza o protagonismo infante-juvenil. Por anos, a escola foi referência por seu projeto político-pedagógico, que criou forte vínculo com a comunidade do entorno. Porém, com mudanças nas gestões públicas, houve um processo de desestruturação da

escola tanto física quanto simbólica, passando o Estado a assumir totalmente a Escola.

Atualmente, estão integradas nessa área todas as Expressões do Movimento República de Emaús, a saber a República do Pequeno Vendedor com atividades de socialização, atividades educativas, Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, a Campanha de Emaús, com um galpão e uma loja, e a Cidade de Emaús, uma capela; uma quadra; um restaurante; a casa do Padre Bruno e a parte administrativa; além de enorme área verde e um campo, que estão sendo subutilizados e que, recentemente, se tornou alvo de ocupações irregulares de moradia. Diante desse cenário, percebe-se a demanda de uma reestruturação espacial, o que impulsiona propostas de revitalização em concordância aos princípios do movimento: o cuidado com o lugar, a escuta atenta à comunidade e valorização de práticas educativas e culturais.

3.1.4 Relação do Movimento República de Emaús com o entorno

Desde sua fundação, o Movimento República de Emaús desenvolve uma relação próxima com o entorno no qual está inserido. Essa relação vai além da ocupação física, mas se constrói por meio de constantes diálogos com as comunidades, da escuta das demandas locais e da atuação perceptível na melhoria das condições de vida da população.

O terreno ocupado pelo Movimento tornou-se uma referência comunitária, acolhendo múltiplas atividades culturais, esportivas, educativas e de formação profissional. A sua configuração física, ainda que tenha sofrido modificações ao longo do tempo, carrega uma forte dimensão simbólica e afetiva para os moradores do entorno, para os jovens formados e para os educadores que nele atuam.

Essa conexão com o território reforça a importância de práticas projetuais que valorizem o lugar como base conceitual e física para as transformações propostas. No caso da revitalização da Expressão Cidade de Emaús, é essencial para preservar os vínculos identitários já estabelecidos, ao passo que se propõe novos usos e estruturas que dialoguem com as necessidades contemporâneas da comunidade. Assim, o Movimento República de Emaús assegura seu compromisso com a construção de uma sociedade justa, inclusiva e plural.

3.2 Demandas

Comprometido com esses princípios e atento aos desafios contemporâneos, como os relacionados às mudanças climáticas, o Movimento República de Emaús lançou no ano de 2025 o “Projeto Cidade de EMAÚS: Áreas sustentáveis e Resiliência Climática no MRE”, que propõe um conjunto de ações em diferentes eixos temáticos.

Foi realizada uma reunião no dia 08 de fevereiro de 2025 com os representantes de cada eixo proposto para apresentar o projeto e definir de ações, com o apoio de um encarte explicativo. A proposta arquitetônica desenvolvida neste trabalho está inserida no Eixo 2 que tem como projeto a “Revitalização de Áreas Verdes e Espaços de Convivência”. O objetivo geral deste eixo é “melhorar a infraestrutura dos espaços do MRE para proporcionar um ambiente mais acolhedor e sustentável”, por meio de ações como a revitalização das áreas verdes e a criação de lugares seguros para recreação e atividades comunitárias.

Além dessa iniciativa institucional, foram realizadas reuniões com a coordenadora da Cidade de Emaús, Ana Cristina, e com o corpo de voluntários, nas quais emergiram diversas demandas relativas à infraestrutura do espaço. Entre elas, após análise e discussão, definiu-se que o presente Trabalho de Conclusão de Curso se concentraria no desenvolvimento de duas áreas prioritárias: a transformação do campo frontal em uma praça pública com quadras esportivas e áreas de socialização, e a criação de um espaço ecumênico capaz de atender às necessidades coletivas de encontro e convivência. Dessa forma, busca-se contribuir para o reencontro da identidade e missão de EMAÚS, promovendo maior proximidade com o entorno e fortalecendo a dimensão comunitária do Movimento.

4 PROPOSTA ARQUITETÔNICA

A elaboração da proposta arquitetônica da Cidade de EMAÚS se ancora metodologicamente no Quaterno Contemporâneo de Mahfuz (20003), que estabelece quatro condições fundamentais – lugar, programa, construção e estrutura forma – como requisitos indissociáveis para obtenção de uma forma pertinente. Tal abordagem permite compreender o projeto como resultado de uma síntese crítica entre teoria, contexto e prática, garantido maior coerência entre aspectos simbólicos, sociais, ambientais e técnicos que compõem a arquitetura. Dessa forma, orienta-se uma prática profissional mais clara e que pode ser transmitida mais facilmente.

Nesse sentido, a estruturação deste capítulo segue a lógica indicada pelo Quaterno. Inicialmente, apresenta-se o repertório de referências, com destaque para praças e parque de Belém e para a obra de Milton Monte, que oferecem subsídios críticos ao desenvolvimento da proposta, além de estarem contextualizadas à região, como indica o método de Mahfuz. Em seguida, realiza-se a análise do Lugar, a partir do diagnóstico físico e simbólico do terreno e seu entorno, sendo um elemento estruturador do processo.

Em sequência, é desenvolvido o Programa de Necessidades, fundamentado nas demandas apontadas pelo Movimento República de Emaús e seus voluntários, priorizando a criação de uma praça multifuncional e de um espaço ecumênico. O capítulo, então, parte para a dimensão da construção, na qual são explicitados os critérios técnicos, materiais e ambientais que orientam a materialidade da proposta, valorizando soluções regionais, sustentáveis e enraizadas na cultura amazônica.

Por fim, será apresentado o item referente à Estrutura Formal e ao resultado da Forma Pertinente, onde os elementos descritos ao longo deste capítulo convergem para a configuração arquitetônica final, resultante do diálogo entre o repertório, lugar, programa e construção.

Desse modo, a organização do capítulo sistematiza o percurso projetual e reafirma a importância de uma metodologia crítica, que integra teoria e prática, em busca de uma arquitetura amazônica sensível às condições locais e à missão social do Movimento República de Emaús

4.1 Repertório

O estudo do repertório constitui uma etapa fundamental do processo projetual, pois oferece referências críticas e concretas que orientam a concepção da proposta arquitetônica. A análise de praças e parques urbanos de Belém, bem como da obra de Milton Monte e sua Arquitetura do Barracão (Monte, 1988; Perdigão & Oliveira 2021), possibilita compreender como diferentes soluções espaciais, construtivas e programáticas respondem ao contexto amazônico, articulando aspectos ambientais, sociais e culturais.

Nesse sentido, o repertório aqui apresentado não se restringe a um levantamento descritivo de casos, mas busca extrair princípios projetuais capazes de dialogar com os elementos do quaterno contemporâneo – o programa, o lugar, a construção e a estrutura formal. Assim, cada referência estudada é analisada a partir de sua potencial contribuição ao projeto da Expressão Cidade de Emaús.

Dessa forma, o repertório funciona como ponte entre a reflexão teórica e a prática projetual, consolidando um conjunto de soluções que subsidiam a elaboração de uma forma pertinente para o projeto, em consonância com as especificidades ambientais e socioculturais da Amazônia.

4.1.1 Praça Batista Campos

A Praça Batista Campos constitui um exemplar dos escassos espaços verdes preservados na cidade de Belém, no estado do Pará, destacando-se não apenas pela sua arborização e arquitetura paisagística, mas também pelo caráter histórico e cultural que a define. Tombada como patrimônio histórico em 1983, a praça combina traços do paisagismo romântico inglês, com composições sinuosas, e influências do ecletismo arquitetônico, evidenciado em elementos como pontes, lagos, caramanchões e coretos de ferro. Esses aspectos revelam uma prática que busca conciliar a funcionalidade do espaço público com a criação de um cenário contemplativo, proporcionando ao mesmo tempo o contato com a natureza e a integração social.

A configuração da praça combina eixos ortogonais com caminhos sinuosos, proporcionando uma circulação orgânica que aproxima os usuários do entorno arborizado e dos equipamentos disponíveis. Essa dimensão fluida de percurso é

referência à concepção do projeto de praça para a Cidade de EMAÚS, onde a implantação de caminhos orgânicos objetiva favorecer a exploração do espaço e a aproximação com a vegetação. Além disso, a presença de áreas de recreação infantil, equipadas com brinquedos de madeira, evidencia a atenção à ludicidade e à integração da população infantil ao contexto natural, estratégia que será incorporada ao projeto do Movimento República de Emaús, reforçando a importância da madeira como material local e de contato direto com a natureza como recurso pedagógico e recreativo.

A expressiva arborização da Praça Batista Campos, composta por espécies nativas e adaptadas ao clima amazônico, é um elemento de relevância tanto estética quanto funcional, proporcionando sombra, conforto térmico e qualidade ambiental aos usuários. A adoção dessa estratégia pretende atender às condições climáticas da região Amazônica, criando um microclima e incentivando o uso do espaço nos diferentes horários do dia. Além disso, essa escolha evidencia a importância de se considerar o “lugar” como elemento interno do quaterno contemporâneo, que articula tanto aspectos ambientais quanto os sociais, analisando melhores soluções para especificidades do ambiente, gerando um espaço adequado e confortável para sua função. Assim, a praça potencializa práticas sociais e recreativas, sustentando a ideia de espaço público como elemento de coesão comunitária e promoção da saúde e bem-estar.

Além do planejamento ambiental e recreativo, a Praça Batista Campos evidencia como a apropriação cotidiana do espaço público articula dimensões sociais, culturais e históricas, tornando-se um ponto de encontro que abriga simultaneamente atividades esportivas, de lazer e contemplativas. Essa multiplicidade de usos reforça a compreensão do espaço como produto e meio de reprodução social, em que a vivência cotidiana molda a percepção e produção do lugar (Dias, 2009). Do ponto de vista do projeto, a praça demonstra como o programa, a construção e a estrutura formal podem dialogar com o lugar para criar uma forma pertinente, integrada ao entorno e adaptada às necessidades dos usuários. No projeto da Praça da Cidade de EMAÚS, esse entendimento inspira a criação de ambientes flexíveis, capazes de receber diferentes tipos de interação social, desde momentos de descanso e convivência até práticas esportivas e educativas, promovendo uma experiência integrada entre os indivíduos.

Figura 1 — Croqui da Praça Batista Campos.



Fonte: Acervo IPHAN, 2006.

Figura 2 — Equipamentos de ginástica na Praça Batista Campos



Fonte: Acervo NAEA/UFPA.

Figura 3 — Equipamentos infantis em madeira na Praça Batista Campos.



Fonte: Acervo NAEA/UFPA.

4.1.2 Praça da República

A Praça da República, localizada em Belém, constitui um espaço público de grande significação histórica e cultural, que se consolidou como um marco no desenho da paisagem urbana da cidade. Seu traçado, implantado desde o final do século XIX e consolidado nas primeiras décadas do século XX, apresenta uma configuração que combina caminhos sinuosos com elementos ortogonais, grandes gramados, canteiros elaborados, coretos e áreas arborizadas (Andrade; Tângari, 2002). Essa diversidade formal, em conjunto à presença de coretos e fontes, reflete uma forma urbana inspirada em matrizes europeias.

Embora a morfologia da praça não tenha sido a principal referência para o Projeto da Cidade de EMAÚS, a praça evidencia a capacidade de espaços públicos na promoção de múltiplas práticas sociais e culturais. A apropriação cotidiana do espaço por diversos segmentos da população, desde crianças nos gramados, adultos em caminhadas e até a presença de artistas e intelectuais, ilustra a capacidade do espaço em acolher simultaneamente diferentes grupos e usos. Essa multiplicidade de funções reforça a importância de pensar o programa e a setorização de forma flexível, permitindo que a vivência na praça se adapte às necessidades da comunidade. Essa característica fundamenta a concepção do coreto e anfiteatro no projeto da Praça da Cidade de EMAÚS, que responde diretamente à demanda de espaços culturais e comunitários do programa, buscando criar ambientes flexíveis para apresentações culturais, oficinas, reuniões comunitárias ou pequenos eventos locais, estimulando a

interação social e a participação coletiva, servindo de apoio para aproximar a comunidade dos resultados obtidos nos cursos ofertados pelo Movimento.

Dessa forma, assim como a Praça da República compreende a dimensão simbólica e afetiva do espaço público para seus usuários, o projeto da praça aliará a função de contemplação e lazer à experiência social e cultural dos usuários. Ao permitir variados usos e promover a convergência de diferentes grupos, o projeto dedica-se ao resgate da identidade do Movimento República de Emaús ao aproximá-lo da comunidade, promovendo um espaço público vivo, capaz de articular identidade comunitária e cultura, tornando-o um espaço vivo e dinâmico, inspirado na experiência consolidada da Praça da República.

Figura 4 — Vista aérea da Praça da República



Fonte: Augusto Miranda / Ag. Pará

Figura 5 — Apropriação dos gramados pela população na Praça da República



Fonte: Ag. Pará

Figura 6 — Feira de Artesanato na Praça da República



Fonte: Thiago Gomes / O liberal

4.1.3 Parque da Cidade

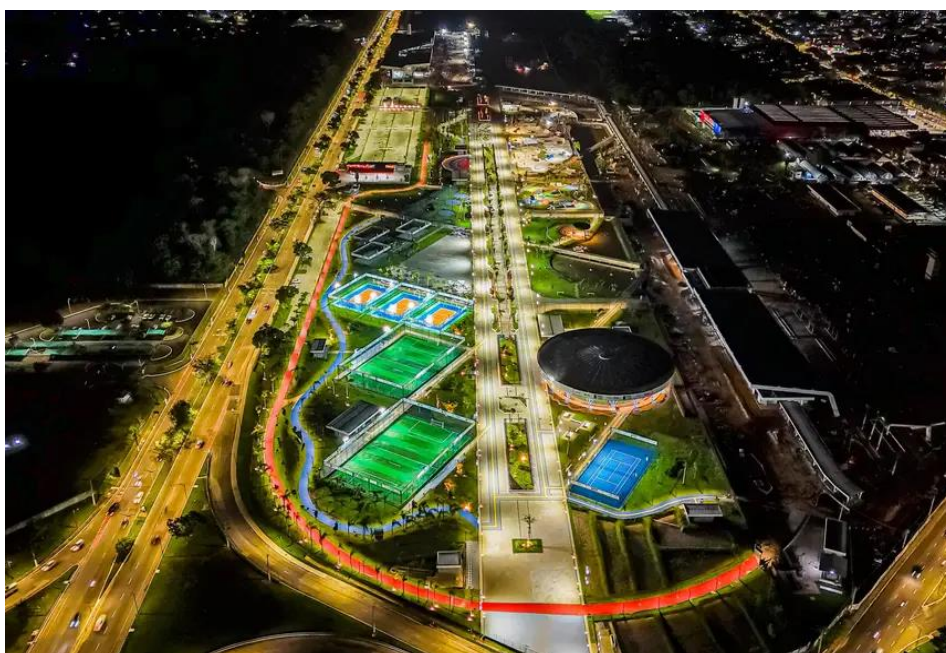
O Parque da Cidade, localizado no bairro da Sacramenta, em Belém, é uma das mais recentes e expressivas intervenções urbanas da cidade, distinguindo-se pela extensão territorial e diversidade de usos previstos em seu projeto. Com uma área de aproximadamente 500.000m², o parque foi concebido não apenas como espaço de lazer, mas um ponto de encontro para atividades recreativas, culturais, esportivas e de convivência social. Durante o período em que esteve aberto ao público, o Parque da Cidade teve uma intensa presença de pessoas de diferentes faixas etárias e interesses, evidenciando sua capacidade como espaço de sociabilidade.

Este parque foi escolhido como referência para o projeto da Cidade de EMAÚS pois conta com elementos que se destacam, como a pista composta por faixa de pedestre e ciclofaixa que circunda todo o parque, proporcionando um percurso contínuo para prática de atividades físicas seguras e integradas à paisagem. Essa infraestrutura incentiva a mobilidade ativa e promove o bem-estar físico e mental, além de contribuir para apropriação cotidiana do espaço pela comunidade. As diversas áreas de esporte e recreação, como quadras e playgrounds, corroboram a observação empírica de que tais estruturas funcionam como catalisadores de encontros sociais, proporcionando interação entre famílias, grupos de amigos e crianças, além de estimular hábitos saudáveis. Essa solução reforça a integração entre programa e lugar, evidenciando como a mobilidade ativa pode estruturar o espaço urbano em diálogo com as práticas sociais cotidianas.

Embora a arborização ainda seja limitada, a experiência de uso demonstra que a vitalidade do espaço se dá à diversidade de atividades e capacidade de adaptação do parque às necessidades dos usuários. Essa constatação evidencia a importância de compreender o lugar não apenas como espaço físico, mas um contexto ativo, que influencia e é influenciado pelos usos sociais, reforçando a relação entre lugar e programa discutida no quaterno. Essa perspectiva orientou a proposta da praça da Cidade de EMAÚS, na qual a pista de caminhada juntamente à ciclovia foi incorporada como elementos estruturantes do espaço, associados a áreas de esporte e recreação, garantindo uma circulação segura e fluida, ao mesmo tempo que promovem sociabilidade e inclusão.

O parque da cidade revela a importância de projetar espaços públicos que aliem atividades que promovam saúde e bem estar, diversidades de uso e possibilidade de apropriação pela população, atuando como referência para desenvolvimento de áreas lúdicas e esportivas na Cidade de EMAÚS. A presença constante de usuários nos diferentes horários do dia, a coexistência de atividades individuais e de lazer, bem como interação entre áreas de lazer e esportivas com acessibilidade, fortalecem a relevância de conceber espaços multifuncionais, capazes de atender às demandas de bem-estar, convívio e identidade comunitária.

Figura 7 — Vista aérea do Parque da Cidade



Fonte: Alexandre Costa / Ag. Pará

Figura 8 — Área de recreação infantil e anfiteatro do Parque da Cidade



Fonte: Raphael Luz / Ag. Pará

Figura 9 — Vista aérea das quadras, pista de caminhada e ciclofaixa do Parque da Cidade



Fonte: Ag. Pará

4.1.4 Arquitetura do Barracão

A obra de Milton Monte, como já discutido, evidencia uma arquitetura sensível ao contexto amazônico, articulando tradição vernacular e experimentação formal. Sua experiência profissional se orientou naturalmente para a busca de uma arquitetura voltada para o desenvolvimento de ferramentas de projeto que melhorassem as condições de habitabilidade, muitas delas atreladas ao resgate da linguagem vernacular de moradia, em consonância com os princípios indicados pelo bioclimatismo para regiões quentes-úmidas, nos seus aspectos socioculturais e ambientais (Perdigão, 1997).

Ao valorizar referências locais de produção do espaço, Monte não apenas preserva a identidade cultural amazônica, mas também produz subsídios pedagógicos e metodológicos transparentes, permitindo que as soluções projetuais desenvolvidas por ele possam inspirar novos projetos contextualizados com a região. A primeira residência a ser estudada e analisada pelo Laboratório e Desenvolvimento Humano – LEDH sob a orientação da Profa. Ana Kláudia Perdigão foi a Residência Onda Amarela, que reúne soluções do arquiteto para a Amazônia. Suas soluções são sistematizadas pela equipe do LEDH, resultando em análises que englobam seis categorias de soluções espaciais consideradas por Villas-Boas (1985), que demonstraram a consistência de seu trabalho e método.

Na sistematização dos elementos da arquitetura em contexto amazônico, o arquiteto adota estratégias que caracterizam suas propostas arquitetônicas e fazem analogia à arquitetura ribeirinha e ao barracão seringalista: Padrão de circulação mais integrado e sem divisórias; cobertura com sistema em madeira complexo exigindo mão de obra especializada; forro em lambri e áticos ventilados que garantem maior circulação da ventilação; utilização do beiral quebra-sol/quebra-chuva formando uma proteção contra adversidades climáticas da região; aberturas bem marcantes com uso de brises e venezianas; elevação do piso em relação ao nível do solo que protege contra a umidade do solo. Tais práticas reforçam a importância de uma arquitetura que nasce do lugar e se traduz em soluções construtivas pertinentes, coerente com a lógica do quaternário contemporâneo.

Essas características da obra de Monte são encontradas em obras também no espaço urbano, como é o caso da Residência Gadotti, objeto de estudo do projeto PIBIC. A análise da residência revelou a aplicação de técnicas eruditas e não eruditas, bem como a preocupação em desenvolver um projeto que aproxima os moradores de suas raízes, a dimensão ribeirinha. Foi observado que essa característica proporcionou um lar com maior vitalidade, onde os moradores se conectaram especialmente com os elementos que remetiam à arquitetura ribeirinha.

Esse entendimento inspirou a concepção do espaço ecumênico, estabelecendo características comuns à arquitetura de Milton Monte a serem adaptadas para as demandas da Cidade de EMAÚS, em especial à idealização do Espaço Ecumênico. Tal espaço requer uma ambiência que favoreça maior concentração e conexão nas suas atividades, ao mesmo tempo que mantém integração com o entorno natural existente no terreno. Com base nesses parâmetros, serão utilizadas soluções como a

elevação do solo, cobertura em cerâmica com beiral quebra-sol/quebra/chuva, utilização de um sistema construtivo misto em madeira e alvenaria, além de grandes aberturas que favoreçam ventilação e iluminação natural.

Figura 10 — Residência Onda Amarela em Mosqueiro, PA



Fonte: Acervo LEDH.

Figura 11 — Aberturas na Residência Onda Amarela em Mosqueiro, PA



Fonte: Acervo LEDH.

Figura 12 — Estrutura do Beiral Quebra-sol/Quebra-chuva



Fonte: Acervo LEDH.

Para entender como as referências contribuíram para a concepção da proposta de revitalização do Emaús, elaborei um quando onde sintetizo as principais inspirações extraídas de cada uma:

Quadro 1: Síntese de referências

REFERÊNCIA	SÍNTESE
Praça Batista Campos	Caminhos orgânicos, uso de mobiliário em madeira e espaços de contemplação.
Praça da República	Multifuncionalidade, espaços culturais e apropriação do espaço.
Parque da Cidade	Caminho seguro para realização de atividades físicas, atividades para diferentes idades.
Milton Monte	Elevação do piso, cobertura em madeira, aberturas marcantes, bandeiras de esquadrias vazadas.

Fonte: Autor.

4.2 Lugar (Diagnóstico e Caracterização do Terreno)

O estudo do lugar constitui uma etapa fundamental do processo projetual, pois é nele que se registram as condições ambientais, sociais e simbólicas que fundamentam a concepção arquitetônica. No Quaterno Contemporâneo, Mahfuz (2003) destaca que o lugar deve ser compreendido para além da sua dimensão física, mas também em sua profundidade cultural e social, configurando-o como um dos pilares da definição da forma pertinente.

O contexto simbólico do terreno do Movimento República de Emaús já foi explorado, sendo necessário então o entendimento do seu entorno e suas características físicas. Dessa forma, a análise do terreno parte de uma escala mais ampla, do bairro, até chegar às particularidades do lote. Tal leitura proporcionará que as soluções projetuais dialoguem de maneira crítica com o contexto, transformando o lugar em elemento estruturador da proposta arquitetônica.

Para reunir informações sobre o bairro e sobre o terreno, foram reunidos os resultados dos trabalhos acadêmicos da matéria de Planejamento Urbano I, cedidos por dois grupos dessa turma que foram orientados pela Professora Roberta Menezes Rodrigues. O grupo que pesquisou o bairro de Parque Verde, o qual faço parte junto com Aline Nascimento Silva, Kalena Uchôa Dias, Maria Elizabeth de Souza Quaresma e Mateus Fernandes Dias, realizou levantamento bibliográfico e de campo para fazer uma análise do bairro. Sobre o bairro do Bengui, as informações foram gentilmente cedidas pelo grupo composto pelos alunos Ana Beatriz do Valle Monteiro, Eduardo Amorim Falcão, Vitor Pereira Lima e Walter Roberto da Silva Santos, que igualmente apresentaram um amplo diagnóstico do bairro.

O terreno do Movimento República de Emaús está localizado no bairro do Bengui em Belém do Pará, embora uma parte de sua área também pertença ao bairro de São Clemente. Contudo, considerando que seu acesso principal se dá pelo Bengui, este será o bairro a ser usado como referência para esse estudo.

O Bengui é marcado por um traçado urbano majoritariamente orgânico, resultado de um processo de ocupação informal e da presença massiva de loteamentos irregulares. Conforma um bairro com adensamento populacional moderado, cujo moradores pertencem a faixas de renda mais baixas em sua maioria.

Em termos de Infraestrutura Urbana, o bairro apresenta uma carência significativa de equipamentos públicos de convivência e áreas de lazer, como praças

e centros comunitários, além de acesso precário à rede de esgoto. O uso do solo é predominantemente residencial, conforme estipulado pelo zoneamento urbano. O Bairro localiza-se na ZAU 4, sendo permitida, na área do terreno, o uso do modelo urbanístico M15.

O acesso ao terreno se dá pela Av. Padre Bruno Sechi, uma via coletora de mão dupla, onde é possível circular automóveis, motos, bicicleta e transporte público. Ainda que a oferta de linhas de ônibus para essa área seja baixa, há uma parada próxima ao portão de entrada do terreno, permitindo a chegada a pé a partir do transporte público. A porção do bairro do entorno dessa rua tem um traçado um pouco mais regular em comparação ao restante, o que reflete um ordenamento urbano mais consolidado.

O terreno do Movimento República de Emaús é de grandes proporções, com uma área total de 78.461,12m², com aproximadamente 220 m de extensão. Tem um formato retangular e está inserido em um terreno naturalmente alagadiço, o espaço carrega em si uma forte presença da paisagem amazônica. É banhado pela bacia hidrográfica de Val-de-cães, tendo um braço de rio que atravessa o terreno do Igarapé de Val-de-Cães. A presença do curso d'água influencia diretamente a topografia, que é relativamente uniforme na maior parte do terreno, apresentando alterações mais perceptíveis nas margens do igarapé.

A cobertura vegetal é densa, com muita área preservada, o que reforça a potência ambiental do lugar. O terreno conta com edificações térreas onde as atividades são realizadas, além de área de campo e praça.

Figura 13 — Localização e área do terreno do EMAÚS



Fonte: Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (2024)

Figura 14 — Mancha de Alagamento no Bairro do Bengui



Fonte: Análise do Bairro do Bengui na matéria Planejamento Urbano 1 (2024)

Por estar situado em uma área com bastante água e vegetação nativa, além de usos diversos, o terreno expressa uma complexidade que aponta desafios e potencialidades projetuais. A leitura deste lugar, então, não se restringe à sua dimensão geométrica, mas também uma escuta atenta às suas camadas sociais e culturais, que carregam simbolismos importantes para a população local. Ainda que este capítulo se dedique à descrição física do terreno, é a partir dessa base que será

possível projetar reconhecendo as particularidades do lugar como elemento fundamental para a formulação de uma forma pertinente.

Figura 15 — Campo Frontal do Terreno



Fonte: Autor.

Figura 16 — Vegetação do Campo Frontal do Terreno



Fonte: Autor.

Figura 17 — Playground no Campo Frontal do Terreno



Fonte: Autor.

Figura 18 — Caminhos internos no Terreno



Fonte: Autor.

4.3 Programa

Baseando-se nas demandas apresentadas no capítulo 3 acerca do contexto de projeto, no sub item 3.2, em que são sintetizadas diretrizes e necessidades apresentadas pela coordenação e voluntários do Movimento República de Emaús, foi possível estruturar o programa de necessidades que orienta esta proposta arquitetônica. O foco deste item é a sistematização em termos projetuais das aspirações selecionadas, o que corresponde à condição programática do quaterno.

Ao desenvolver o Eixo 2 – Revitalização de Áreas Verdes e Espaços de Convivência, busca-se conceber meios que respondem ao objetivo de reaproximar o Movimento República de Emaús da comunidade e restauração de áreas verdes. Nesse sentido, duas principais demandas foram definidas: a elaboração de um espaço coletivo e de espaço ecumênico.

4.3.1 Espaço coletivo – uma Praça que acolhe a comunidade do entorno

Nas reuniões realizadas nos dias 08 e 15 de Fevereiro e 31 de Maio no terreno da Cidade Emaús com a gestão do Movimento, e no dia 15 de Agosto com a Ana Cristina Machado, Coordenadora da Cidade Emaús, foi possível constatar a necessidade da revitalização do campo frontal, antes utilizado somente para jogos de futebol, sem aproveitamento das potencialidades da área. Portanto, foi concebida como um equipamento multifuncional e setorizado capaz de abrigar diferentes formas de encontro e atividades. Sua organização foi dividida em três setores, de acordo com as demandas do movimento, são eles: Esporte e saúde, Lazer e cultura, e Apoio.

O setor de Esporte e Saúde conta com campo de futebol, quadra poliesportiva, quadra de vôlei e quadra de beach tennis, espaço para academia ao ar livre, acompanhados de áreas de apoio como depósito, banheiros acessíveis, vestiários e bebedouro. Além disso, foram incluídas mesas de jogos (pingue-pongue, xadrez e dama), visando atender públicos de diferentes faixas etárias.

A área de Lazer e Cultura é composta por um parque infantil, coreto central com mesas e bancos ao redor, um anfiteatro ao ar livre e um bosque formado pelas árvores já existentes, sendo um percurso sombreado com caminhos e bancos para permanência. Por último, a área de apoio com a elaboração de um estacionamento com vagas para carros, motos e bicicletas, além de uma guarita para controle de entrada.

4.3.2 Espaço Ecumênico

O espaço ecumênico foi apresentado como uma necessidade para ocorrer atividades do oratório, com a premissa de ser um espaço propício à concentração, encontro e conexão com a natureza. O programa prevê duas áreas: O oratório como um espaço central, flexível para diferentes usos ecumênicos; e um Anexo para estadia, destinado a voluntários ou pessoas em situação de necessidade temporária, composto por dois quartos, cozinha, sala de estar, sala de jantar e banheiro.

Assim, estruturando um programa que responde à diferentes escalas de uso: esportiva, cultural, comunitária, habitacional. Dessa forma, requalificando a área de EMAÚS e reafirmando a dimensão social do Movimento, retomando a sua Identidade, oferecendo ao entorno e à cidade um espaço de integração, acolhimento e vitalidade.

4.4 Construção

A dimensão construtiva do projeto responde à quarta condição do Quaterno, onde a concepção espacial precisa encontrar a materialidade adequada para de tornar uma forma pertinente. Significa articular técnica, materiais e autenticidade, sem recorrer a modismos, mas buscando coerência entre estrutura, programa e lugar (Mahfuz, 2003).

Nesse sentido, optou-se pelo uso privilegiado de materiais regionais e técnicas construtivas acessíveis, em consonância com os princípios de sustentabilidade, economia de recursos e integração ao meio natural. Tal estratégia se aproxima do pensamento de Milton Monte, cuja prática mostra a valorização de materiais locais, e estabelece uma arquitetura mais autêntica e enraizada na cultura amazônica.

A Praça trata-se de um campo permeável extenso, com algumas árvores já existentes, o que gerou uma diretriz central de preservação e respeito ao existente, além do plantio de novas árvores, bem como realocação de espécies para potencializar a experiência da convivência com a natureza e o conforto térmico criado pela boa arborização. As quadras serão cobertas, para maior conforto e possibilitando o uso em diferentes horários do dia, serão em concreto armado. Os caminhos serão executados em blocos de concreto, permitindo a permeabilidade do solo e fácil manutenção. Os equipamentos urbanos, como bancos, serão em concreto, assegurando maior resistência e durabilidade. O anfiteatro e as arquibancadas serão em estrutura de madeira, remetendo ao repertório construtivo local. O coreto terá uma linguagem construtiva similar à existente na antiga Escola, que contava com uma cobertura em palha ou cavaco, e estrutura em madeira.

Ainda na praça, o parque infantil será naturalizado, com brinquedos especialmente em madeira, projetados de modo a possibilitar a participação das próprias crianças em sua construção e transformação, aproximando-as da natureza e estimulando o uso criativo do espaço. A academia ao ar livre seguirá a mesma lógica, como já ocorre em referências locais, a exemplo da Praça Batista Campos. As áreas de apoio da praça (banheiros, vestiários e depósito) serão construídas em alvenaria com cobertura em cerâmica com beirais mais extensos.

Quanto ao espaço ecumênico, a solução adotada foi a elevação da edificação em relação ao solo, protegendo-a da umidade e reforçando o vínculo com a lógica

ribeirinha de habitar. No espaço ecumênico a estrutura será majoritariamente em madeira, com fechamentos em madeira e esquadrias em vidro, enquanto no anexo os fechamentos e estruturas serão em alvenaria, com esquadrias em madeira e vidro, permitindo um sistema misto e garantindo solidez, luminosidade e integração visual com a paisagem. A cobertura em telha cerâmica e com longo beiral, colabora com o conforto térmico e protege contra intempéries climáticas. O projeto também se apoia em estratégias bioclimáticas, como ventilação cruzada e iluminação natural, além do percurso solar ser decisivo para locação dos ambientes, especialmente no anexo destinado à estadia.

A escolha dos materiais e soluções técnicas não se resumiu à critérios de resistência e funcionalidade, mas também a um compromisso com a autenticidade e a sustentabilidade. Com isso, a construção deixa de ser um simples suporte físico do projeto, e transmite valores sociais, ambientais e culturais da Cidade de EMAÚS e seu território.

4.5 Estrutura Formal e Forma pertinente

A proposta arquitetônica para o Movimento República de Emaús estrutura-se a partir da aplicação do Quaterno Contemporâneo de Mahfuz (2003), que orientou o desenvolvimento do trabalho pelas quatro condições fundamentais: lugar, programa, construção e forma pertinente. Dessa forma, neste item serão apresentados os resultados desse percurso projetual, referente à Forma Pertinente, que geraram duas frentes de intervenção: a praça e o espaço ecumênico.

Embora esses espaços possuam programas diferentes, os dois projetos foram concebidos tendo como diretrizes: o diálogo com o lugar, de modo a preservar e valorizar suas características ambientais e climáticas, atendendo às demandas do Movimento República de EMAÚS e traduzindo no espaço construído a sua identidade; e a acessibilidade universal, garantindo que o maior número de pessoas possa usufruir plenamente dos espaços. Desse modo, cada proposta será apresentada de forma individual, evidenciando as soluções adotadas para cada uma, e em seguida a integração entre elas no conjunto do terreno.

4.5.1 Praça

Para o desenvolvimento do projeto da Praça, as referências projetuais expostas no sub item 4.1 Repertório, na página 32, foram decisivas para soluções que serão apresentadas em seguida. Não foi feita uma cópia, mas uma releitura, buscando potencializar e adaptar as soluções para o terreno Cidade de EMAÚS e necessidades do Movimento.

A área destinada à Praça é, atualmente, um campo na parte Frontal do terreno completamente permeável, usado para eventuais jogos de futebol realizados pelo Movimento, além de ter um pequeno parque infantil e um coreto próximo às árvores existentes na área sul do campo, mas que permanecem sem uso ou manutenção em grande parte do tempo. Portanto, o projeto buscou preservar grande parte da área permeável, mas diminuindo a frequência de necessidade de manutenção da mesma, e realocou o parque infantil e o coreto.

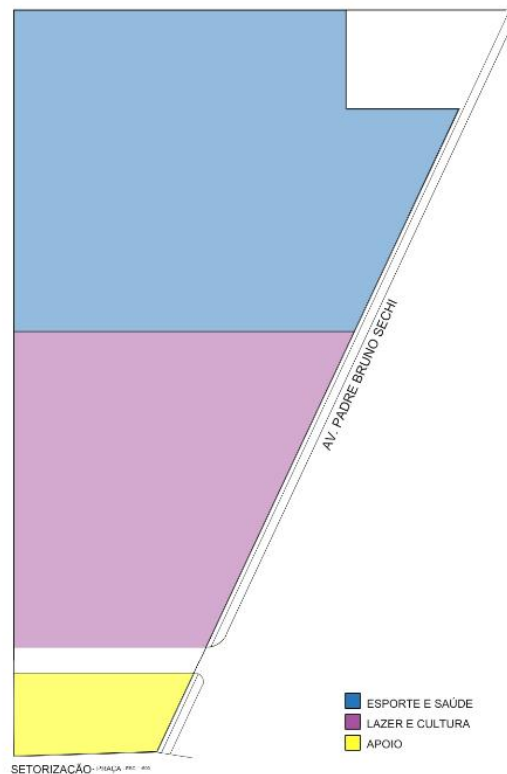
Figura 19 — Área atual da Praça



Fonte: Autor.

A praça projetada para o Movimento República de Emaús organizou-se a partir das demandas conversadas em reuniões com a Coordenação da Cidade, que estabeleceu um Programa com o objetivo maior de aproximação do Movimento com o Entorno. Para atender à essa finalidade, a praça foi dividida em três grandes setores: Esporte e Saúde, Lazer e Cultura e Apoio, como observado na Figura 15: Planta de Setorização da Praça, onde mostra a divisão de usos da Praça.

Figura 20 — Planta de Setorização da Praça

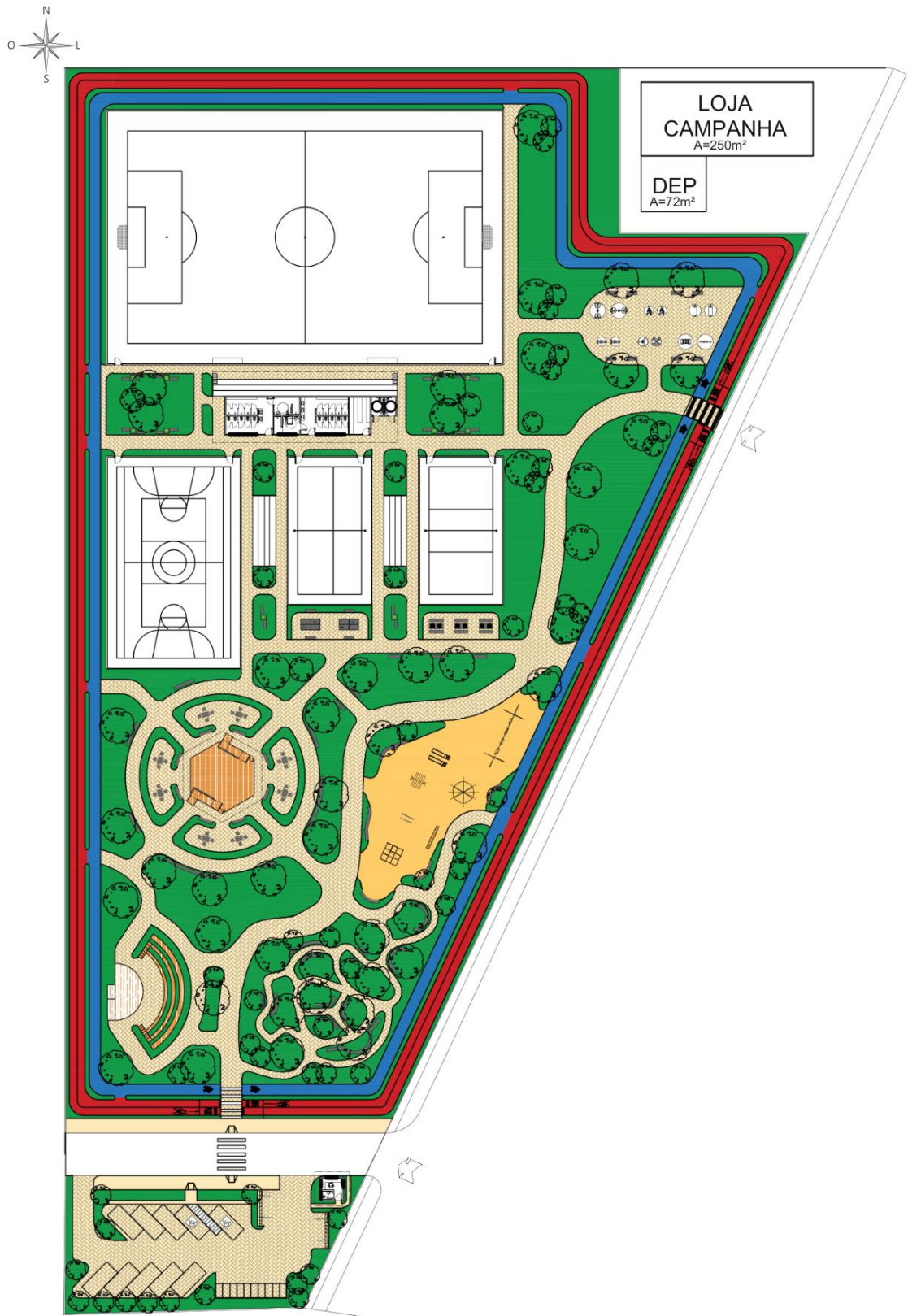


Fonte: Autor.

Quanto ao layout geral, os setores foram subdivididos em ambientes similares para orientar melhor a permanência da comunidade e agrupar atividades semelhantes próximas, garantindo uma leitura mais clara dos usos. Dessa forma, o Programa de necessidades é atendido, oferecendo um espaço seguro, acessível e acolhedor.

Os acessos foram localizados próximo às paradas de ônibus, aproveitando a saída de carros existente na área sul do campo, e criando um novo no setor de esportes, o que permite a conexão de todas as áreas da praça por meio de um passeio contínuo. Os caminhos foram estruturados em hierarquias, onde o eixo principal conecta os acessos entre si, enquanto os percursos secundários se desdobram para atender cada ambiente da praça. O traçado foi desenvolvido, na maior parte, adotando linhas mais orgânicas, evocando fluidez de um rio e caminhos na floresta.

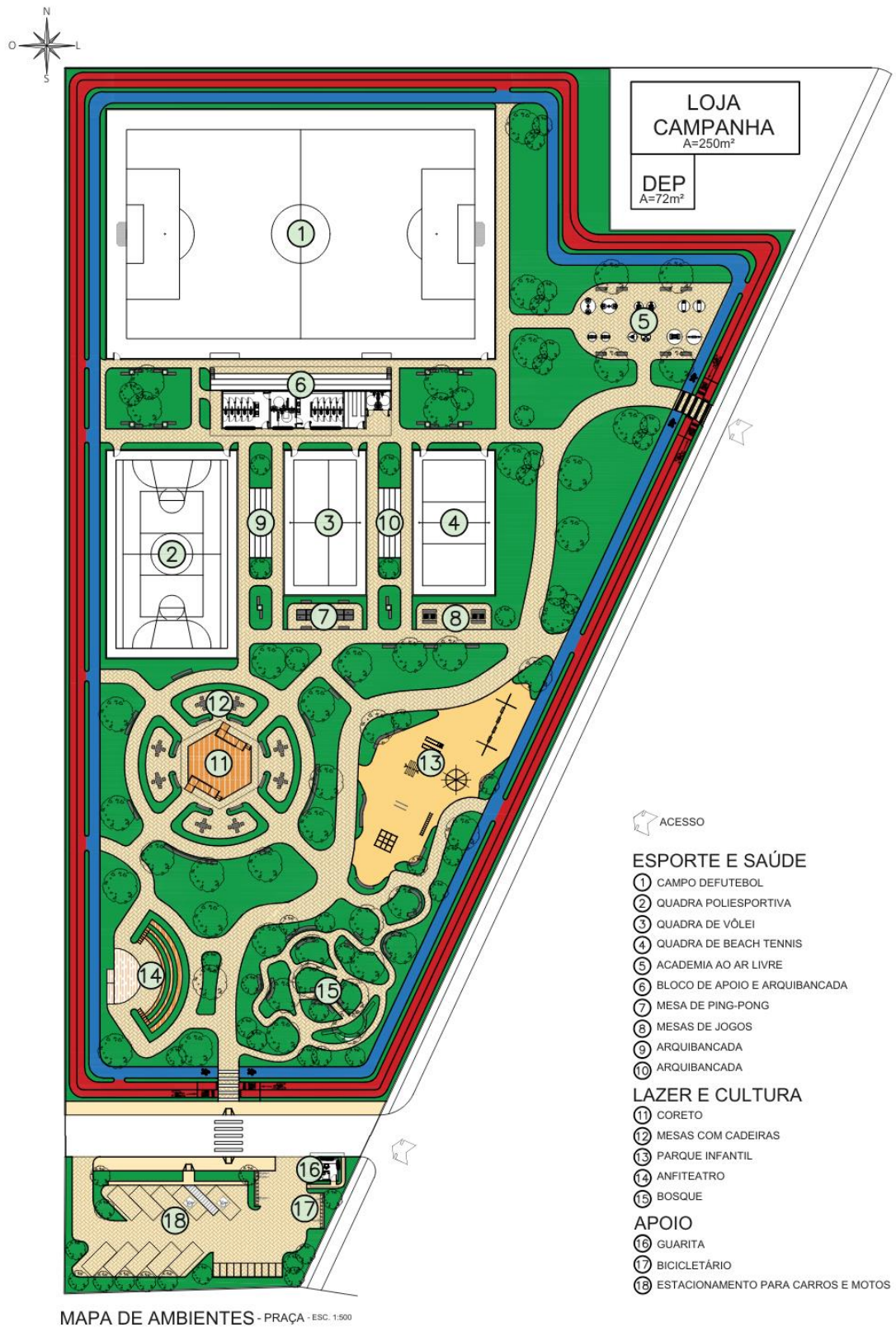
Figura 21 — Layout da Praça



LAYOUT - PRAÇA - ESC. 1:500

Fonte: Autor.

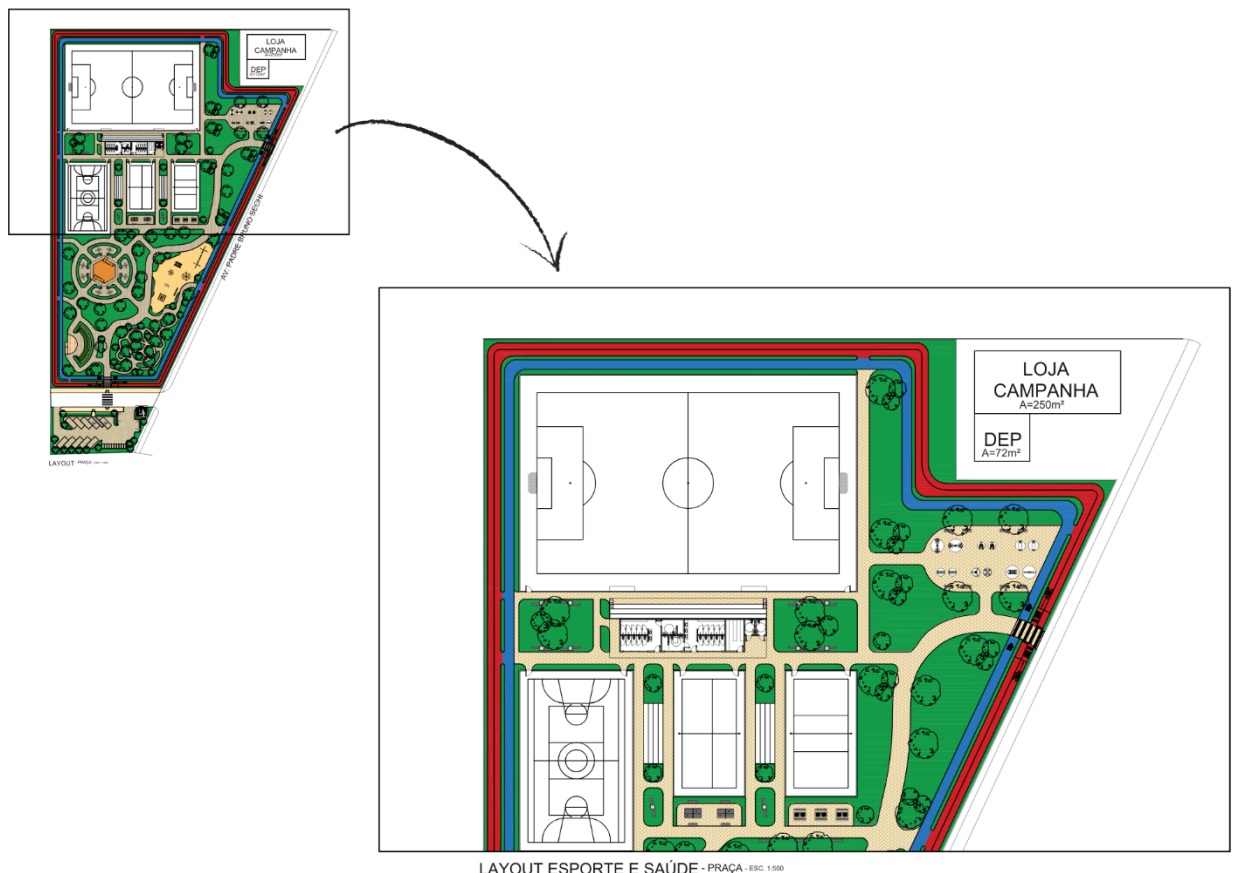
Figura 22 — Mapa de Ambientes



Fonte: Autor.

O setor de Esporte e Saúde, localizado na área à norte do campo, concentrou as atividades esportivas, contemplando quatro quadras cobertas: Campo de futebol, quadra poliesportiva, quadra de vôlei e quadra de *beach tennis*, com arquibancadas. Além disso, há uma academia ao ar livre com equipamentos naturalizados, inspirada na referência da Praça Batista Campos, e complementando a isso, uma área de mesa em concreto de Ping-Pong e outra destinada a jogos, com desenho de xadrez já pintado, reforçando a diversidade de práticas coletivas possíveis e que abrange diferentes idades. Há um bloco de apoio que reúne espaços de infraestrutura com Vestiários Feminino e Masculino, Banheiros público acessível, depósito e bebedouro, que funcionam como suporte para toda a praça. Integra ainda o setor, embora se estenda ao longo de todo o perímetro, uma pista de caminhada e ciclofaixa pensadas para a realização de práticas com maior segurança para os usuários, inspirada no modelo do Parque da Cidade, ampliando as possibilidades de lazer e a promoção de hábitos saudáveis.

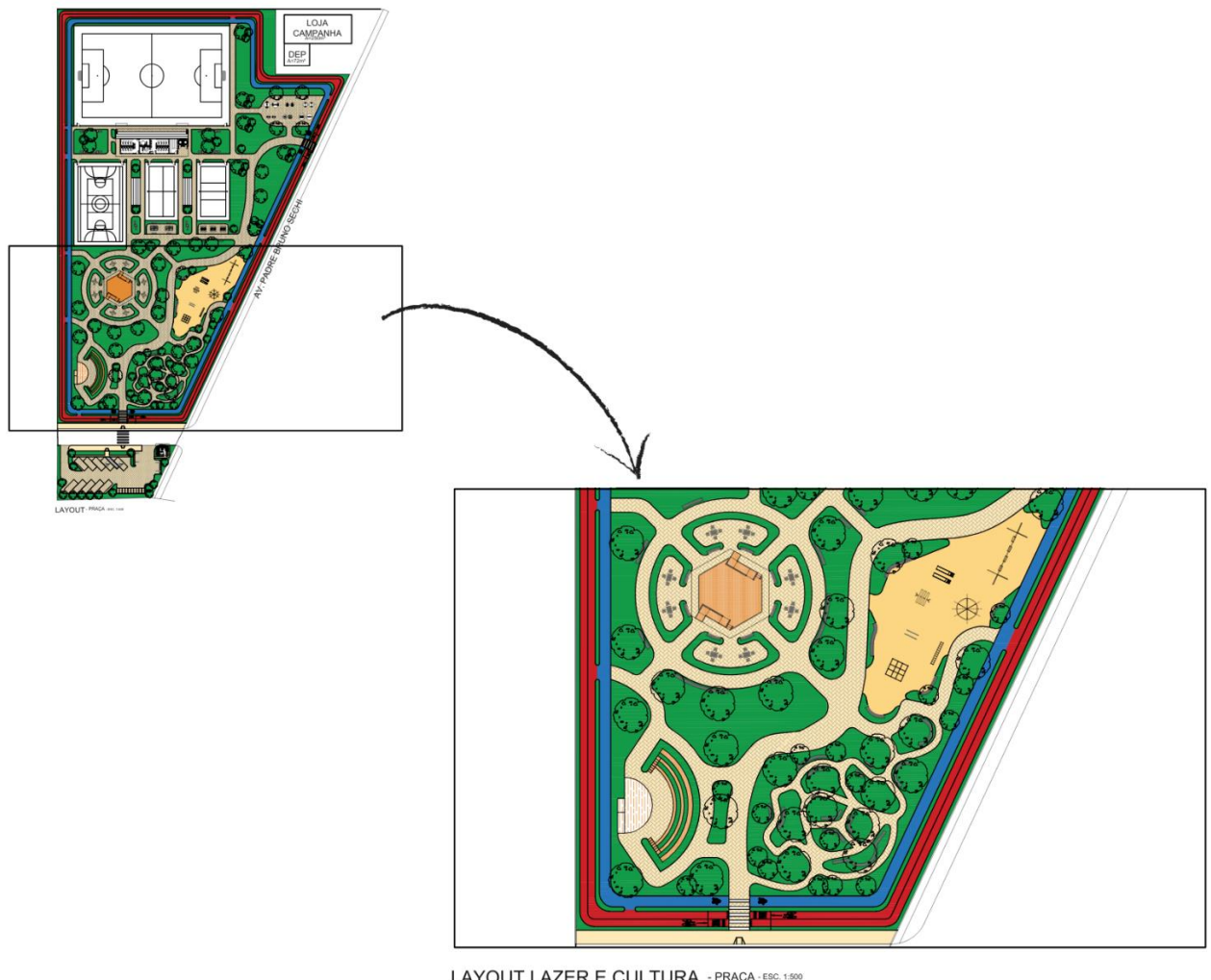
Figura 23 — Aproximação Setor Esporte e Saúde



Fonte: Autor.

O setor de Lazer e Cultura foi estruturado em torno de elementos que promovam maior interação entre as pessoas e com valor simbólico para o Movimento. Para esse setor, a referência de maior destaque foi a Praça da República, de modo a alcançar multiplicidade de funções e que a vivência na praça possa se adaptar às necessidades da comunidade. O coreto central resgata a linguagem arquitetônica da Escola Cidade de EMAÚS com uma cobertura em cavaco, ao mesmo tempo que propõe um espaço multifuncional, capaz de abrigar oficinas, apresentações ou mesmo atividades de comércio. Ao seu redor, mesas de convivência ampliam a integração entre os visitantes. O parque infantil naturalizado, com brinquedos em madeira e elementos construídos junto às crianças, cria uma experiência lúdica de contato com a natureza. O setor é complementado com um Anfiteatro, feito em madeira e com a arquibancada que se eleva do solo com área permeável, espaço onde terão mostras de resultados de atividades educativas do Movimento, e o bosque, área onde preserva-se as árvores existentes, onde foram inseridos bancos para contemplação e relaxamento. Além disso, grandes áreas verdes foram previstas para apropriação do espaço. Esse escopo garante grande diversidade de uso pela população e pelo Movimento República de Emaús.

Figura 24 — Aproximação Setor Lazer e Cultura



LAYOUT LAZER E CULTURA - PRAÇA - ESC. 1:500

Fonte: Autor.

Por fim, o setor de Apoio reúne o estacionamento de carros, motos e bicicletas, além de uma guarita de controle. O número reduzido de vagas de automóveis, quando comparado ao porte do terreno, atende ao princípio de priorizar o público do entorno imediato. A guarita acomodará um trabalhador e possui um lavabo, terá estrutura em concreto e fechamento em alvenaria, com esquadrias grandes para maior visibilidade da entrada e saída de veículos. O piso do estacionamento é em blocos de concreto, e manteve algumas áreas permeáveis, além de posicionar as vagas PNE próximas à faixa de pedestres.

Figura 25 — Aproximação Setor Apoio



LAYOUT APOIO - PRAÇA - ESC. 1:250

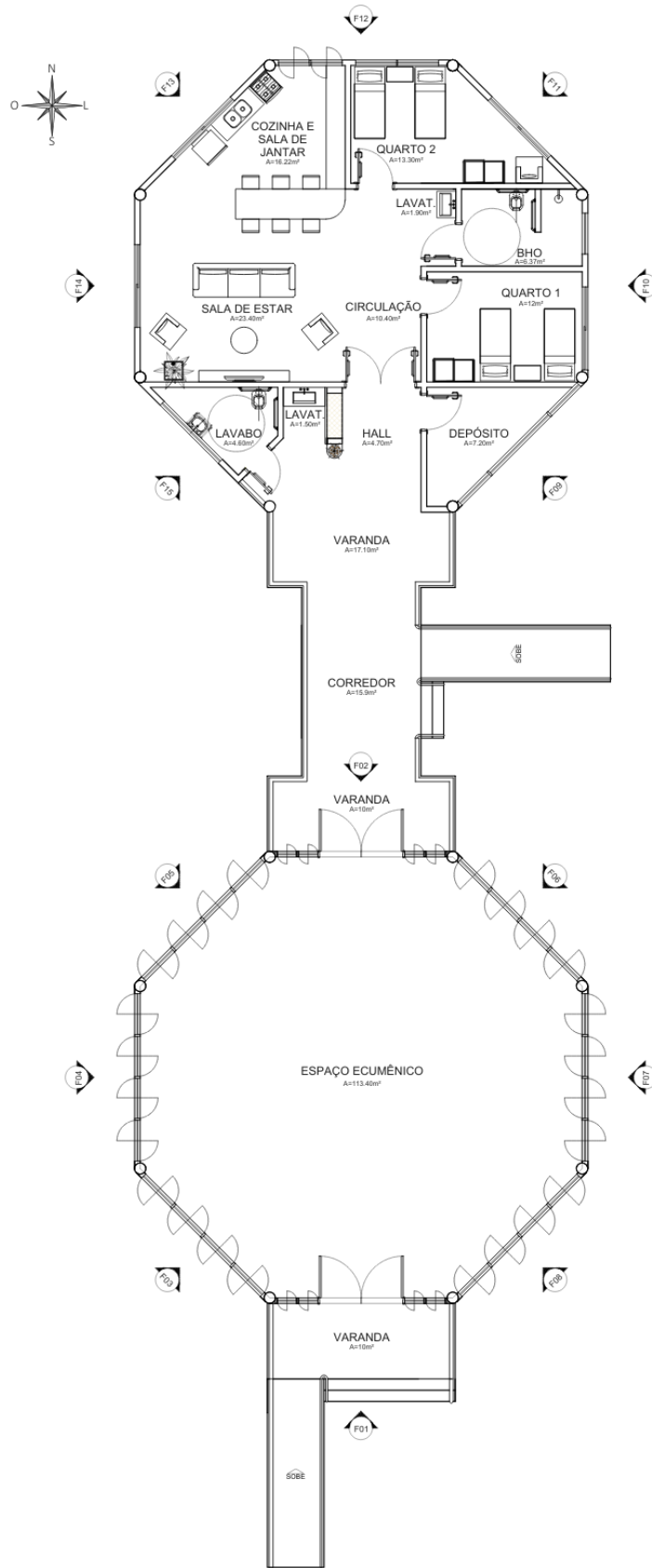
Fonte: Autor.

A organização da praça garante que funcione como um espaço plural, de usos complementares, aberto à apropriação pela comunidade em diferentes escalas de convivência. Mais do que responder às necessidades programáticas, a proposta busca criar um lugar de identidade e pertencimento, no qual a memória do Movimento República de Emaús, a preservação ambiental e a vida coletiva se encontram.

4.5.2 Espaço Ecumênico e anexo

O Espaço Ecumênico e o anexo foram concebidos como um conjunto integrado, orientado pelo conceito do barracão presente na obra de Milton Monte: Ambos possuem uma volumetria de oito lados, são avarandados, estrutura elevada do solo e ampla cobertura de telhas cerâmicas com grandes beirais. Estão inseridos em meio à vegetação existente, e se conectam por um varandado entre eles. Foram previstas duas formas de acessá-los de forma separada: Uma entrada principal para o espaço ecumênico, e uma entrada lateral que dá acesso tanto ao ecumênico quanto ao anexo.

Figura 26 — Layout Espaço Ecumênico e Anexo

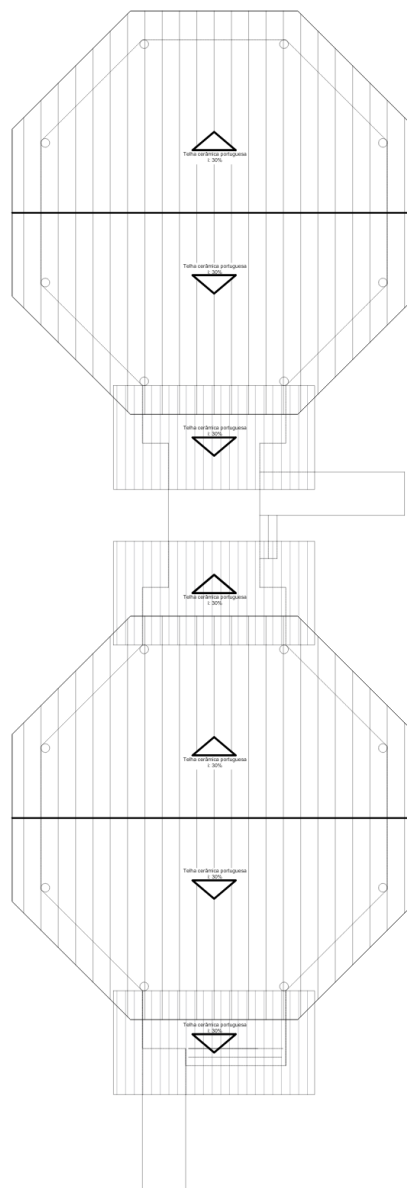


LAYOUT - ESPAÇO EC. E ANEXO - ESC. 1:100

Fonte: Autor.

A cobertura é um dos principais elementos da proposta, inspirada também na obra de Monte, é de telha cerâmica com uma inclinação de 30%, com duas águas, e dispõe de um longo beiral, funcionando como proteção contra insolação e chuvas intensas. Além disso, é proposta uma cobertura em nível diferente nas varandas, para gerar maior dinamicidade na forma. Devido a largura do espaço, essa cobertura necessita de uma altura mais elevada, e estrutura mais robusta, que deu imponência à edificação.

Figura 27 — Planta de Cobertura do Espaço Ecumênico e Anexo



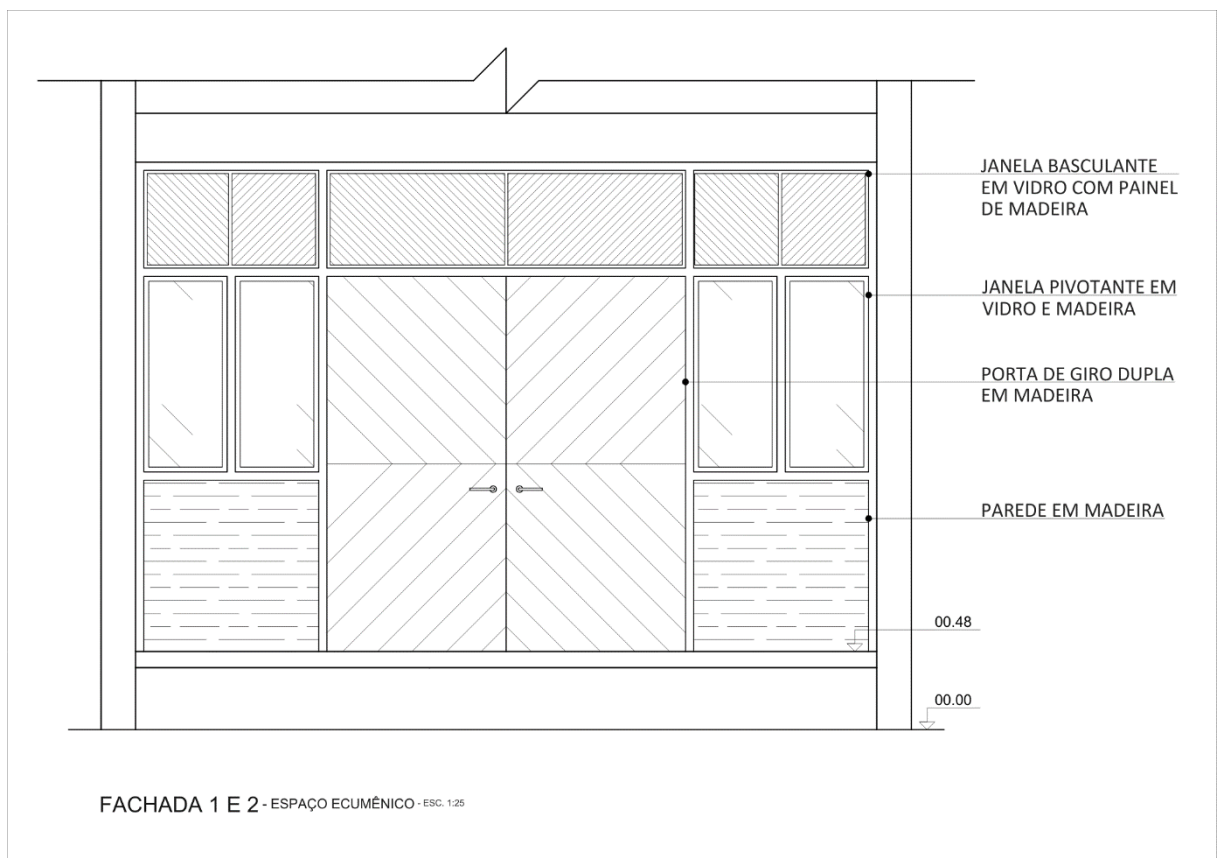
PLANTA DE COBERTURA - ESPAÇO EC. E ANEXO - ESC. 1:100

Fonte: Autor.

O Espaço Ecumênico é caracterizado por um grande salão sem divisórias internas, capaz de abrigar múltiplas atividade coletivas, possuindo capacidade para cerca de 85 pessoas confortavelmente. As oito fachadas foram desenhadas de modo a reforçar a ventilação cruzada e a entrada de luz natural, com esquadrias pivotantes inferiores e basculantes superiores, com desenhos que remetem à arquitetura ribeirinha. Além disso, o material de destaque é a madeira: Piso, estrutura do telhado, vedações e esquadrias; somente a estrutura dos pilares que será em Concreto Armado em forma circular.

As fachadas de acesso, 1 e 2, conforme indicado no layout, foram idealizadas com uma grande porta central dupla, meias paredes em madeira e janelas em vidro e madeira.

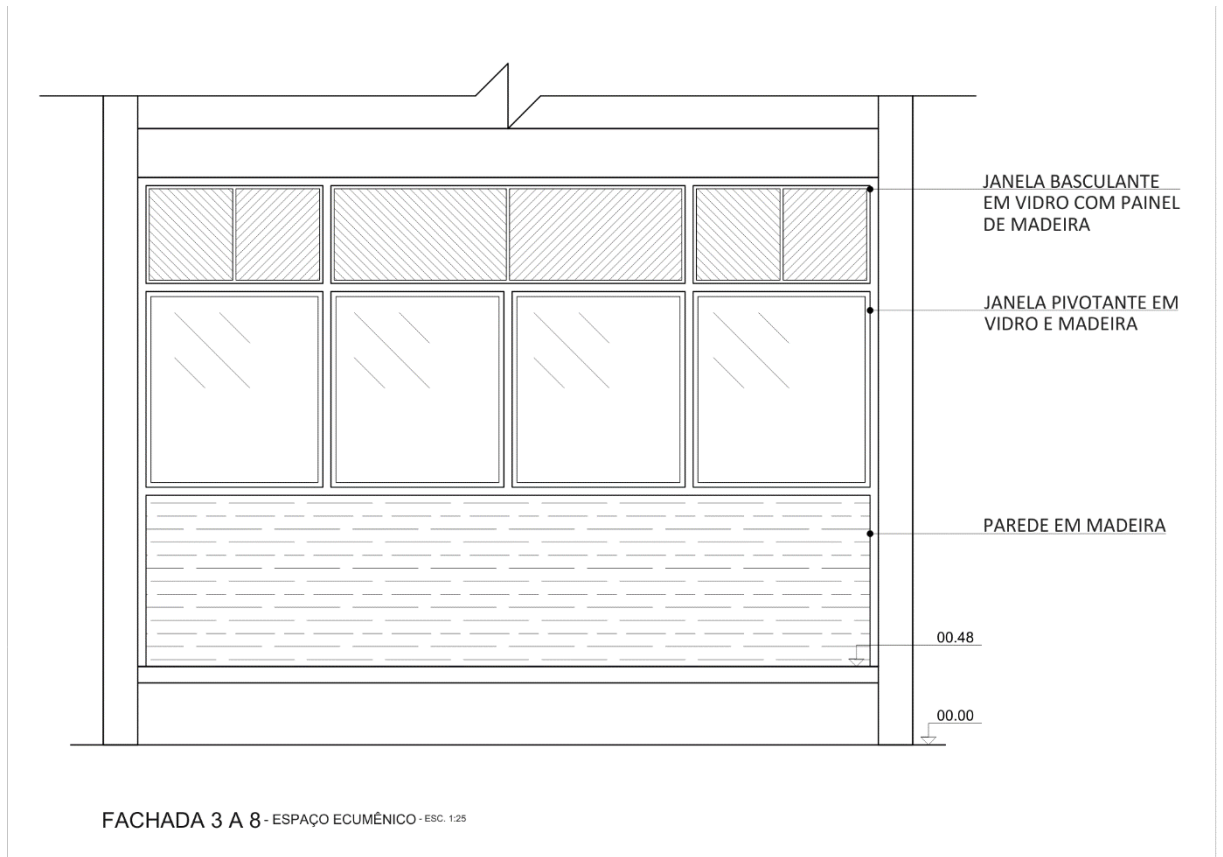
Figura 28 — Fachada 1 e 2 do Espaço Ecumênico



Fonte: Autor.

As fachadas 3 a 8, laterais, são iguais e seguem o mesmo padrão que as fachadas de acesso: Meia parede em madeira, janela inferior pivotante e superior basculante com desenho em painel de madeira.

Figura 29 — Fachada 3 a 8 do Espaço Ecumênico



Fonte: Autor.

A perspectiva frontal mostra a clareza formal do edifício em sua composição simétrica, além da presença marcante da cobertura.

Figura 30 — Vista Frontal do Espaço Ecumênico



VISTA FRONTAL-ESPAÇO EC. E ANEXO - ESC. 1:100

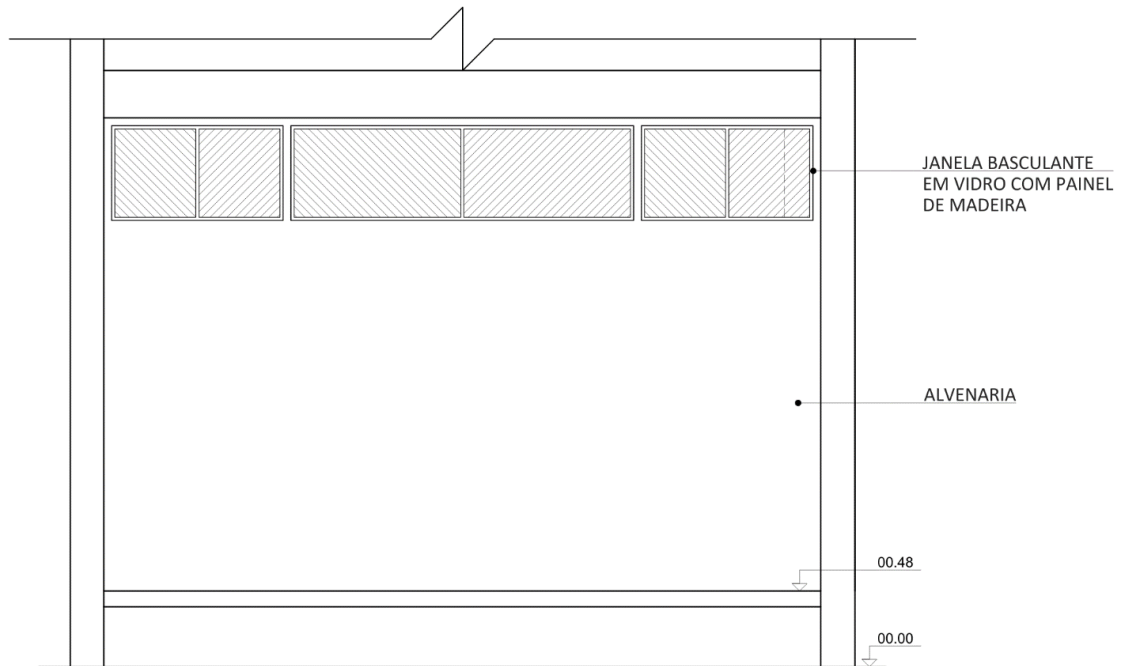
Fonte: Autor.

O anexo, conectado por um avarandado, possui um programa que atende como suporte ao espaço ecumênico, contendo um lavatório, lavabo e depósito de apoio, e também como eventual hospedagem para voluntários e visitantes que necessitem de breve estadia, dispondo de dois quartos, um banheiro completo, uma sala de estar e uma cozinha integrada à sala de jantar.

A volumetria segue o mesmo princípio formal, mas apresenta vedações em alvenaria, e mantém o padrão de esquadrias em vidro e madeira, com a janela basculante e, neste bloco, janelas de correr. Para potencializar o conforto ambiental, as divisões internas terão portas com bandeiras vazadas, solução inspirada na Residência Onda Amarela de Monte, para promover melhor circulação do vento, mantendo o conforto com as esquadrias abertas ou fechadas.

A disposição interna dos ambientes foi pensada de modo que as áreas de maior permanência estejam a leste, e as de menor a oeste. As fachadas não puderam seguir o mesmo ritmo como no bloco do espaço ecumênico, pois foram desenhadas de acordo com os ambientes internos, de forma que os atendessem da melhor maneira em consonância com suas funções. Sendo assim, foram desenhadas as fachadas de número 9 a 15, conforme indicado no layout.

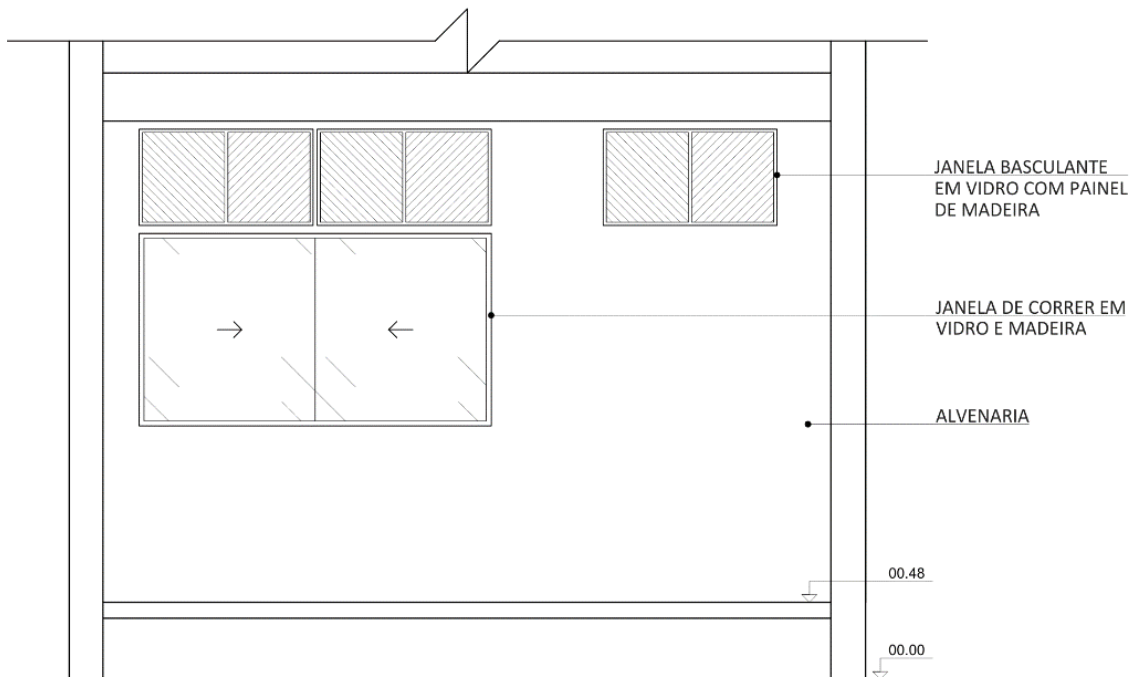
Figura 31 — Fachada 9 do Anexo



FACHADA 9 - ANEXO - ESC. 1:25

Fonte: Autor.

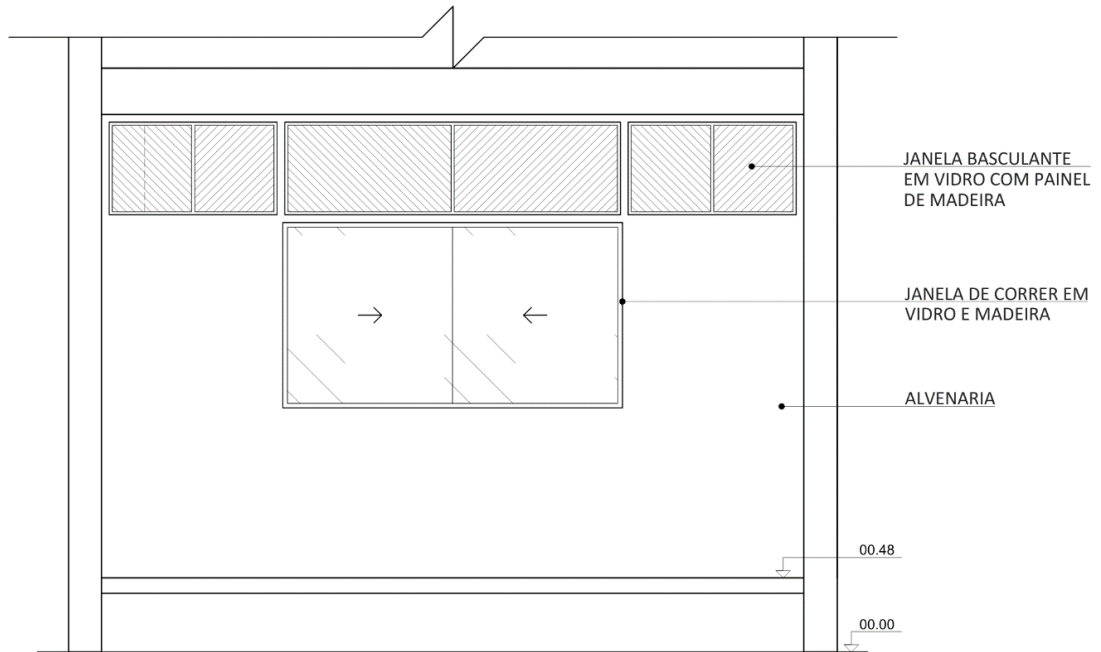
Figura 32 — Fachada 10 do Anexo



FACHADA 10 - ANEXO - ESC. 1:25

Fonte: Autor.

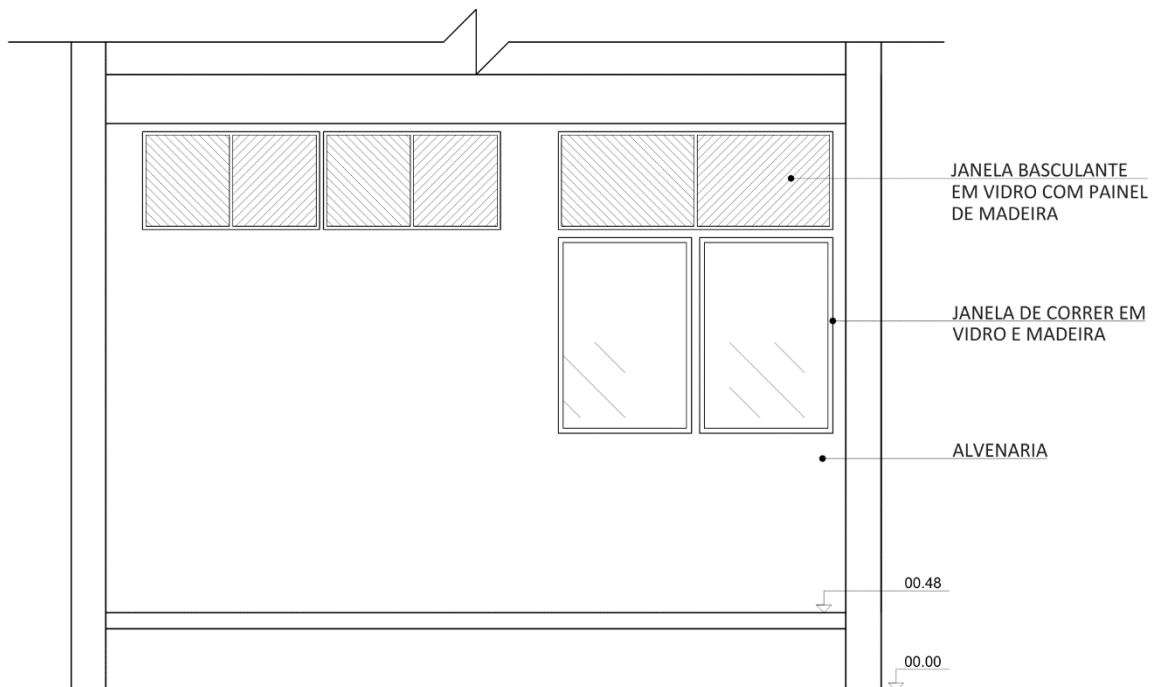
Figura 33 — Fachada 11, 13 e 14 do Anexo



FACHADA 11, 13 E 14 - ANEXO - ESC. 1:25

Fonte: Autor.

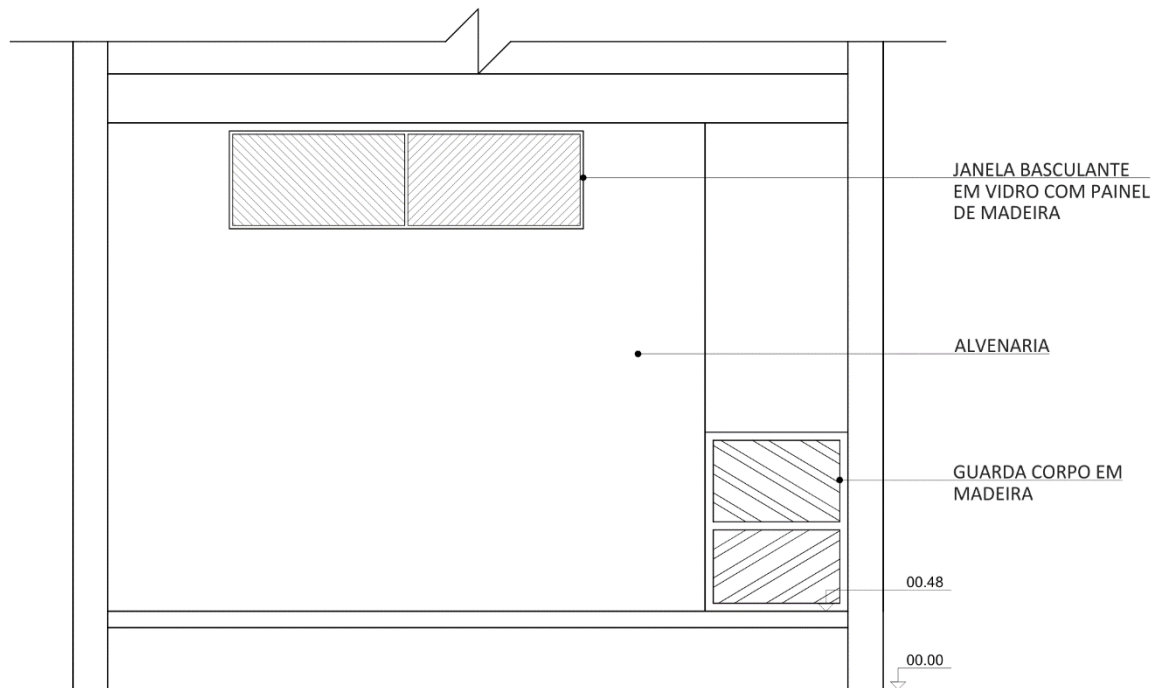
Figura 34 — Fachada 12 do Anexo



FACHADA 12 - ANEXO - ESC. 1:25

Fonte: Autor.

Figura 35 — Fachada 15 do Anexo

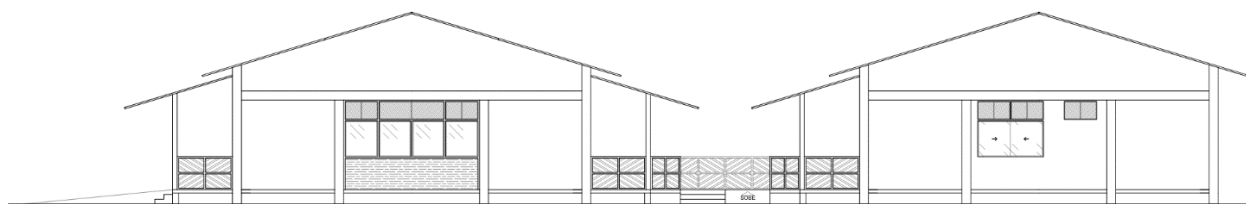


FACHADA 15 - ANEXO - ESC. 1:25

Fonte: Autor.

O Espaço Ecumênico e o anexo são interligados por varandas com um corredor, que dispõe também de um acesso com escada e rampa para o anexo. Dessa forma, não será necessário adentrar o Espaço Ecumênico para conseguir acessar o anexo.

Figura 36 — Vista Lateral do Espaço Ecumênico e Anexo



VISTA LATERAL - ESPAÇO EC. E ANEXO - ESC. 1:100

Fonte: Autor.

A leitura conjunta da Praça e do Espaço Ecumênico evidencia a complementaridade entre os dois projetos, tanto em suas funções quanto em sua inserção no Terreno do Movimento República de Emaús. Enquanto a praça atua como espaço aberto, dinâmico e de múltiplos usos, o espaço ecumênico propõe um

simbólicos, promovendo soluções que não respondem apenas às demandas funcionais, mas também dialogam com a paisagem e cultura amazônica.

Assim, o percurso teórico e projetual apresentado durante este Trabalho de Conclusão de Curso reforça que a arquitetura se torna significativa quando estabelece vínculos com o lugar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso partiu do desafio de refletir sobre a prática projetual no contexto amazônico.

Ao longo desse estudo, tornou-se claro que pensar arquitetura na Amazônia exige mais do que a aplicação de técnicas construtivas adaptadas ao clima quente e úmido; requer sobretudo uma postura crítica e atenta ao lugar como instância histórica, cultural, simbólica e ambiental. O terreno do Movimento República de Emaús revelou-se um espaço de grande complexidade e potência, em que as condições naturais, como a presença da mata densa, curso d'água e solo alagadiço se entrelaçam às demandas sociais, lazer e integração comunitária. O respeito ao Lugar foi fundamental para que as propostas estivessem em consonância não somente com condições físicas, mas que refletissem o que o Movimento República de Emaús representa e se identifica, para que, dessa forma, potencializasse a reaproximação entre o movimento e a comunidade.

O Programa, por sua vez, estruturado a partir de sistemáticas idas a reuniões de estruturação da Cidade Emaús permitiu escutas e demandas levantadas junto à coordenação e o corpo de voluntários, mostrou-se de grande importância para o entendimento de uma estrutura complexa que hoje se renova sempre ampliando e fortalecendo a identidade do Movimento Emaús. Ao propor a praça e o espaço ecumênico como equipamentos centrais de atenção, buscou-se priorizar e articular dimensões de esporte, cultura, convivência e apoio social, traduzindo-se em diversos usos que respondem às necessidades da comunidade oportunizando práticas defendidas pelo Movimento Emaús. Essa dimensão reforça a ideia de que a pertinência do programa de necessidades é alcançada quando o uso do espaço é considerado com profundidade pelo projetista, o que requer o diálogo com os usuários do projeto e suas realidades cotidianas.

Na Construção, as escolhas de materiais e técnicas buscaram resgatar o saber construtivo local, sem abrir mão de critérios de durabilidade, sustentabilidade e acessibilidade. O uso de madeira, alvenaria e cobertura cerâmica, somado às estratégias bioclimáticas de ventilação cruzada, iluminação natural e beirais protetores, evidencia como soluções tradicionais podem ser reinterpretadas de forma contemporânea. Nesse ponto, a obra de Milton Monte mostrou-se uma referência fundamental, pois ilustra como é possível traduzir a memória e a cultura ribeirinha em

arquiteturas urbanas e institucionais de qualidade, sem perder a dimensão simbólica e afetiva do habitar amazônico.

Por fim, na dimensão da estrutura formal, a proposta buscou relacionar soluções com referência ao repertório selecionado e apresentado no item 4.1, para alcançar uma síntese entre as condicionantes do lugar, do programa e da construção, configurando uma forma que se integra e se abre ao entorno. Trata-se de um percurso metodológico capaz de orientar decisões de maneira coerente e crítica, impulsionando o Quaterno de Mahfuz como ferramenta eficaz para conduzir um processo de projeto mais transparente e transmissível.

Assim sendo, este trabalho, além de apresentar um projeto arquitetônico, apresenta-se como uma prática que exemplifica a caixa transparente (Silva, 1980) permitindo a reflexão sobre o fazer arquitetônico na Amazônia. Neste sentido, a contribuição deste Trabalho de Conclusão de Curso está em demonstrar a possibilidade de articular teoria e prática em um processo explícito e especulativo em que cada decisão projetual se apoia em fundamentos teóricos e metodológicos, mas, especialmente, dedica-se à busca de repostas para particularidades locais ambientais e culturais.

Na finalização do período de graduação fica uma grande reflexão para levar durante a atuação profissional: a arquitetura que, ao mesmo tempo, reconhece sua responsabilidade social, valoriza a cultura local é uma arquitetura responsável. Quando busca formas pertinentes de habitar e conviver, reafirmando que projetar na Amazônia é sobretudo projetar com o lugar e para o lugar.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rubens de; TÂNGARI, Vera Regina. **A Praça da República e seus aspectos morfológicos no desenho da paisagem de Belém**. Paisagem e Ambiente, São Paulo, Brasil, n. 16, p. 43–68, 2002. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i16p43-68. Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/40188..> Acesso em: 28 ago. 2025.

ARRAES, H. F. S. ; PERDIGÃO, A. K. A. V. . **A Pertinência da Arquitetura de Milton Monte ao contexto bioclimático entre referências modernas e vernaculares**. In: X SEMINÁRIO DOCOMOMO NORTE E NORDESTE, 2024, Campina Grande, PB.

ARRAES, H. F. S. ; PERDIGÃO, A. K. A. V. . **Referências espaciais da Amazônia como ferramentas de projeto na produção de milton monte**. In: VII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2022, São Carlos. VII ENANPARQ, 2022.

ARRAES, H. F. S. ; PERDIGÃO, A. K. A. V. . **SOLUÇÕES PROJETUAIS DO ARQUITETO MILTON MONTE PARA AMAZÔNIA NO CONTEXTO DA SUSTENTABILIDADE**. In: Simpósio Brasileiro Online de Gestão Urbana, 2020, Bauru. IV SiBOGU, 2020.

ARRAES, Hugo; PERDIGÃO, Kláudia. **Produção arquitetônica de Milton Monte: Conexão com o lugar amazônico**. Thésis, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 142-153, out. 2022

BOUDON, P. **Do espaço arquitetural ao espaço da concepção**. In: DUARTE, C. R; RHEINGANTZ, P. A; AZEVEDO, G; BRONSTEIN, L. (Org). *O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro, Contracapa Livraria, 2007.

BRITO, C. J. D. de; SANTOS, L. N. **Diagnóstico do estrato arbóreo da Praça Batista Campos: Avaliação das árvores de risco**. Belém, 2021. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Engenharia Florestal, Campus Universitário de Belém, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2021.

CHEROBIM, Mauro. **Trabalho e comércio nos seringais amazônicos**. Perspectivas, São Paulo, 6:102-107, 1983. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108221/ISSN1984-0241-1983-6-101-107.pdf?sequence=1>. Acesso em 30 jan. 2025.

DIAS, J. A. M. **Por um Espaço Singular: Produção do Espaço e Espacialidade Múltipla da Praça Batista Campos, Belém/Pa**. Papers do NAEA (UFPA), v. 1, p. 1-19, 2009.

MAHFUZ, E. da C. **Nada provém do nada: A produção da arquitetura vista como transformação de conhecimento**. Revista Projeto, São Paulo, nº 69, p. 89-95, nov., 1984.

MAHFUZ, E. **Reflexões sobre a construção da forma pertinente**. In: Lara, F. & Marques, S. (org.) *Projetar Desafios e conquistas da pesquisa e do ensino*. Rio de Janeiro: EVC, 2003.

MONTE, José Milton Pinheiro. **Estudos e contribuições sobre modelos de projetos e edificações na Amazônia Equatorial**. 1987. 61f. Monografia (Especialização em Arquitetura nos Trópicos) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém.

PERDIGÃO, A. K. A. V. ; OLIVEIRA, L. F. . **Milton Monte e sua arquitetura do Barracão: análise da Residência Onda Amarela, Ilha do Mosqueiro (PA)**.. In: III Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia, 2018, Belém. III Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia, 2018.

PERDIGÃO, A. K. A. V. **Considerações sobre o tipo e seu uso em projetos de arquitetura**. *Arquitextos (SP)*, v. 114, p. 257, 2009. Disponível em: [HTTP://www.vitruvius.com.br/arquitexto/arq000/esp527.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitexto/arq000/esp527.asp). Acesso em 11 de dezembro de 2024.

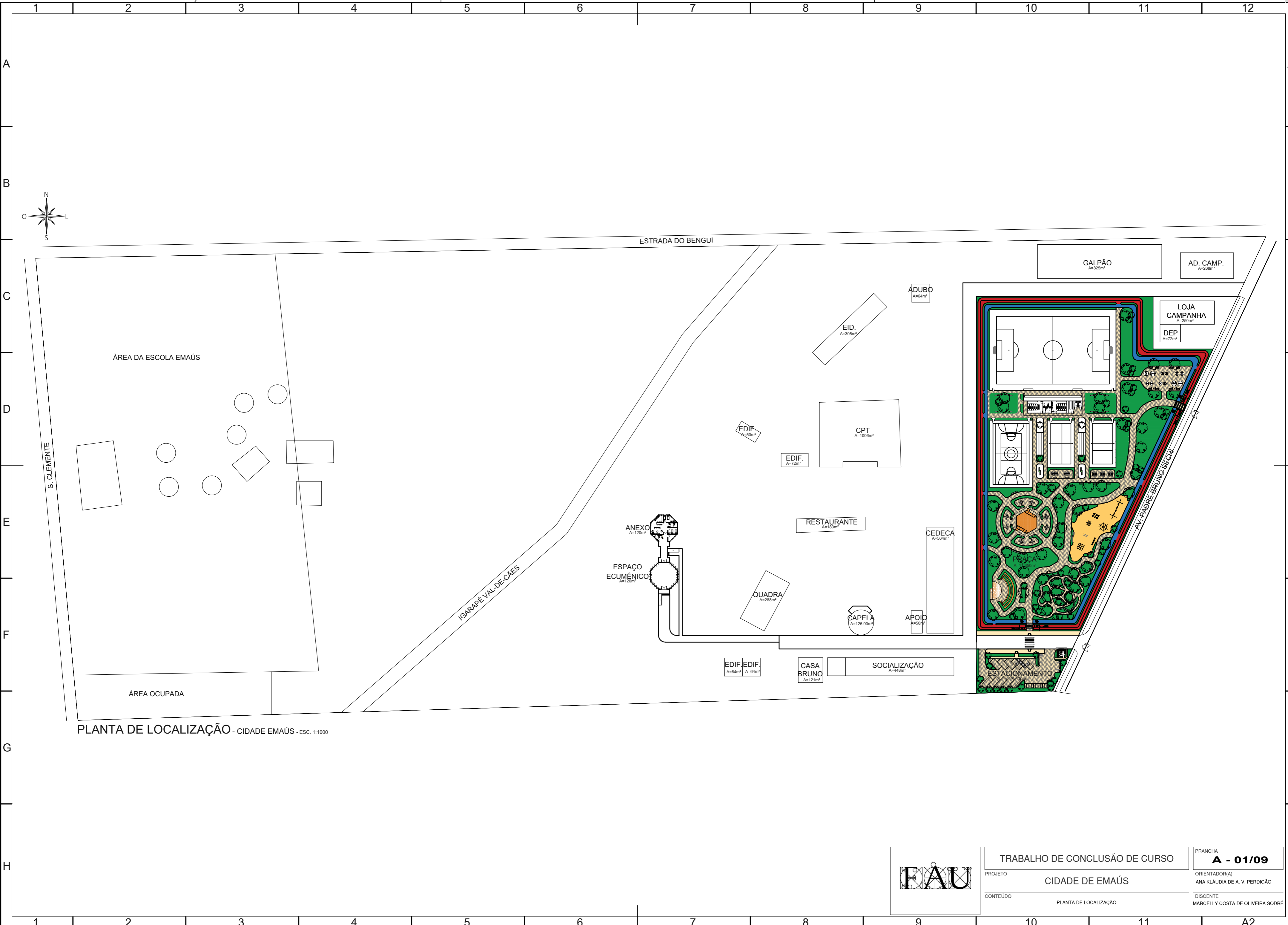
PERDIGÃO, A. K. A. V. **Princípios bioclimáticos consolidados em modelo de arquitetura em Belém**. In: I Encontro Nacional sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 1997, Canela-RS.

PERDIGÃO, A. K. A. V.& BRUNA, G. C. **Representações espaciais na concepção arquitetônica**. In: IV PROJETER: Projeto como investigação: ensino, pesquisa e prática. São Paulo: Alter Market, 2009.

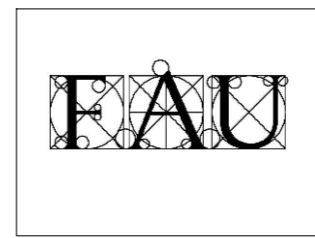
SILVA, E. **Novos e velhos conceitos no ensino do projeto arquitetônico**. In: MARQUES, S; LARA, Fernando. *Projetar: desafios e conquistas da pesquisa da pesquisa e do ensino do projeto*. Rio de Janeiro, EVC, 2003. p. 32-34.

SILVA, Elvan. **Sobre a Renovação do Conceito de Projeto Arquitetônico e sua Didática**. In: COMAS, Carlos Eduardo Dias (org). *Projeto Arquitetônico, Disciplina em Crise, Disciplina em Renovação*. São Paulo. Projeto. 1986. P.15-31.

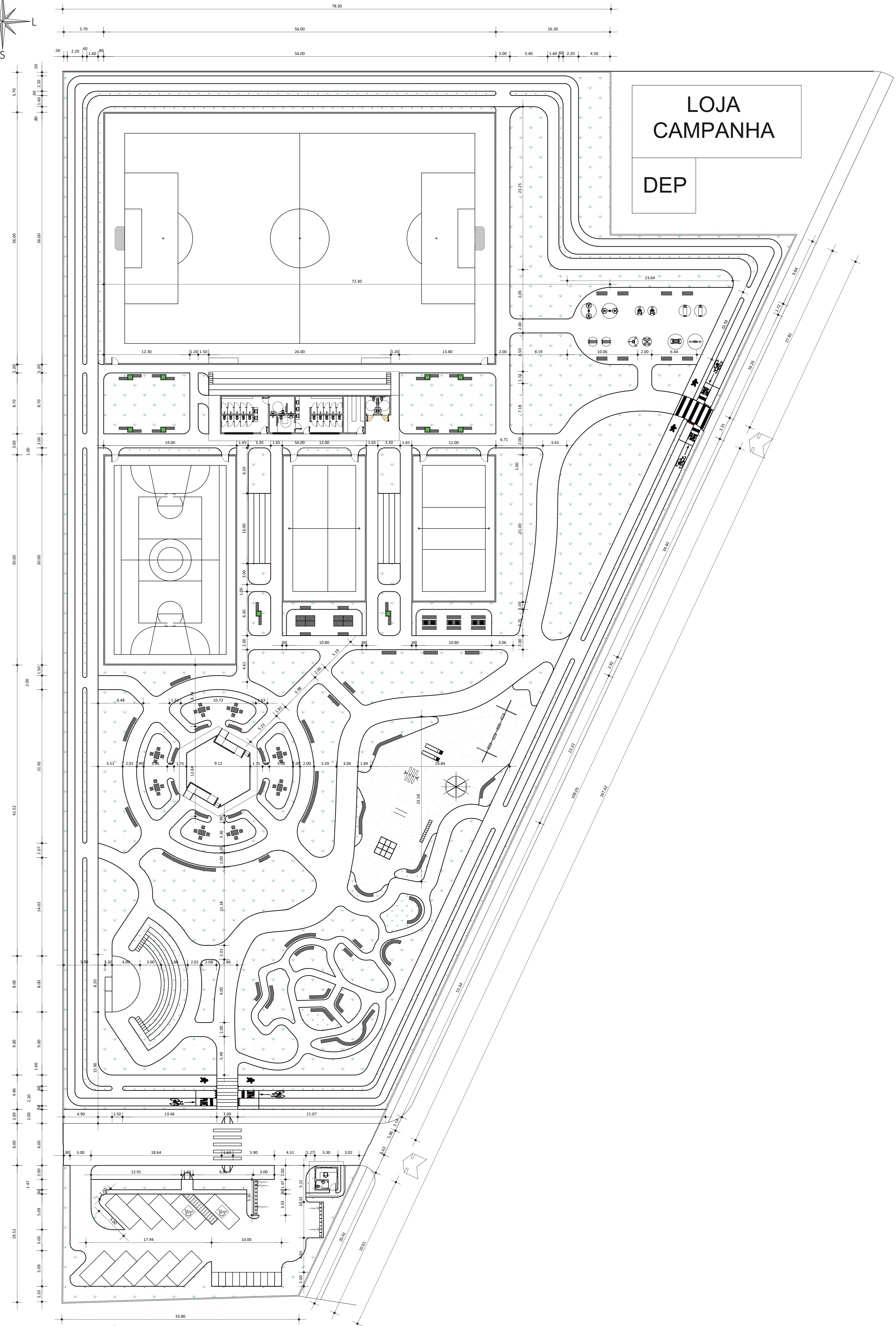
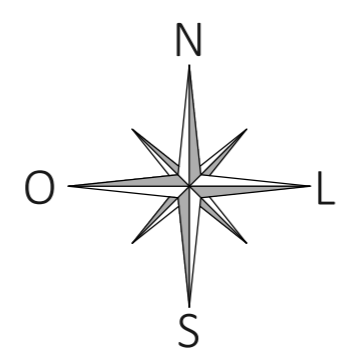
APÊNDICE A - PRANCHAS DE PROJETO



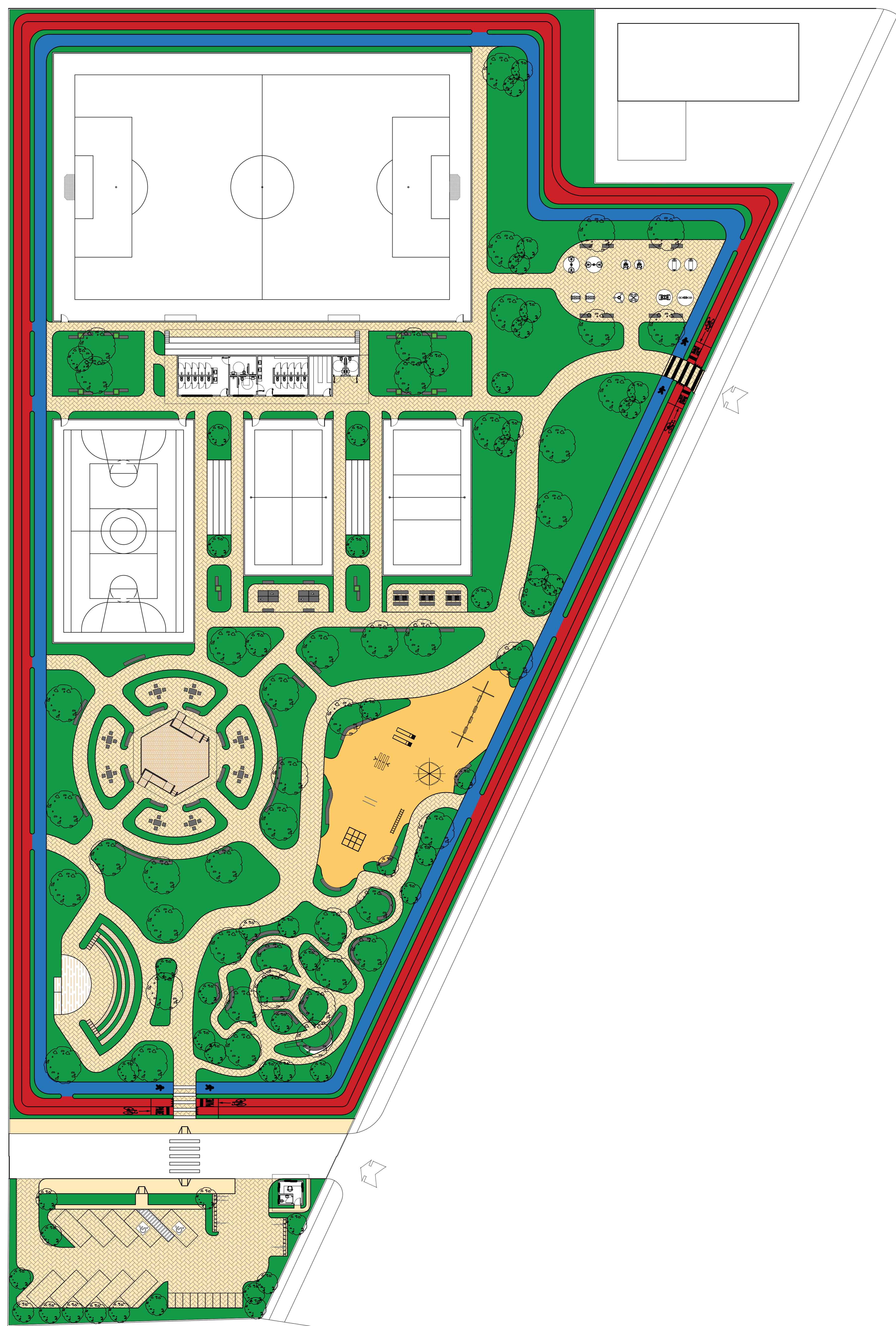
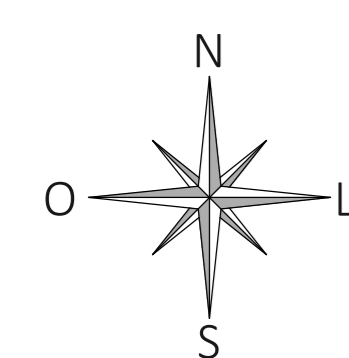
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO - CIDADE EMAÚS - ESC. 1:1000



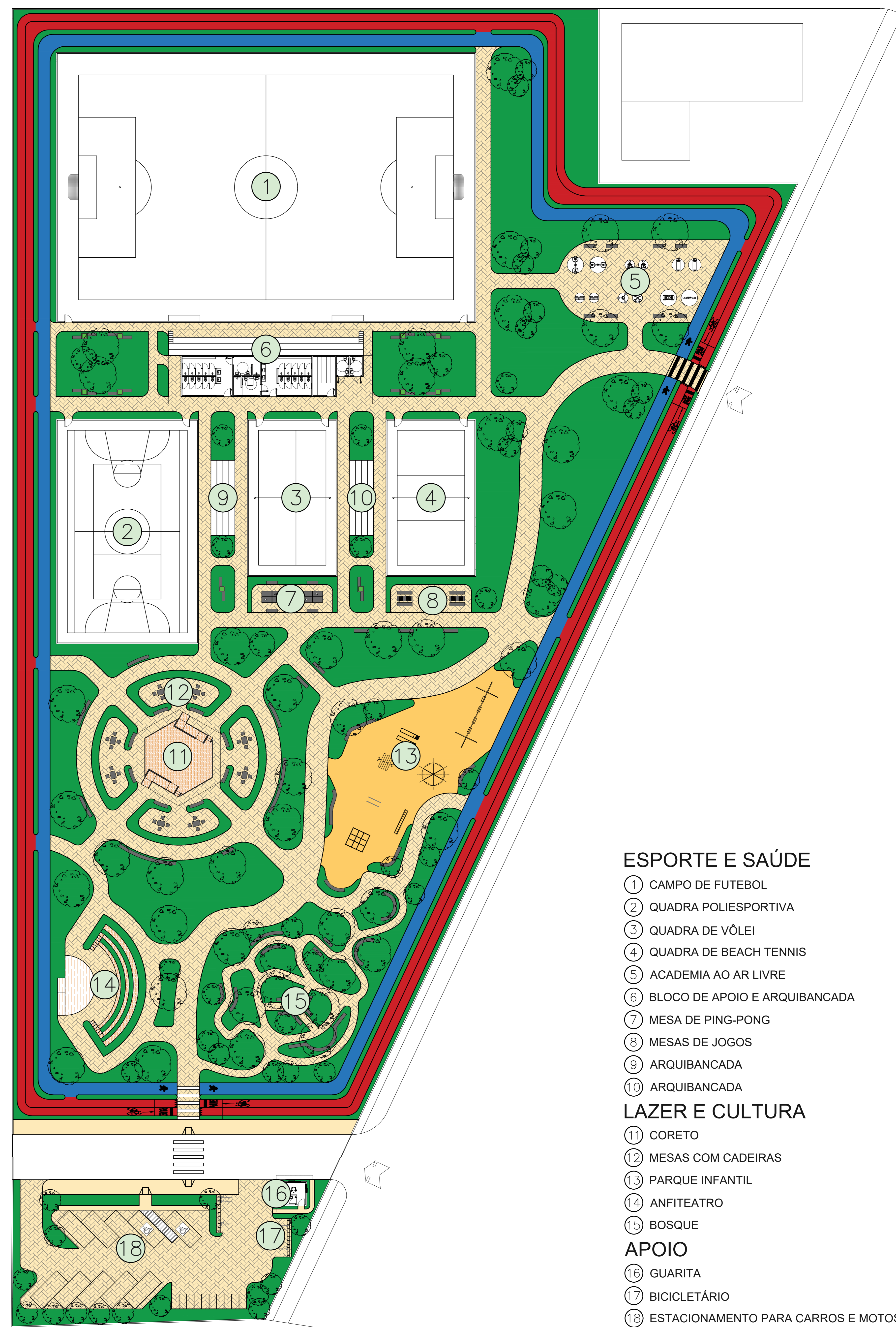
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		PRANCHA A - 01/09
PROJETO CIDADE DE EMAÚS	ORIENTADOR(A) ANA KLÁUDIA DE A. V. PERDIGÃO	
CONTEÚDO PLANTA DE LOCALIZAÇÃO	DISCENTE MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA SODRÉ	



IMPLANTAÇÃO - PRAÇA - ESC. 1:200



LAYOUT - PRAÇA - ESC. 1:250



MAPA DE AMBIENTES - PRAÇA - ESC. 1:250

ESPORTE E SAÚDE

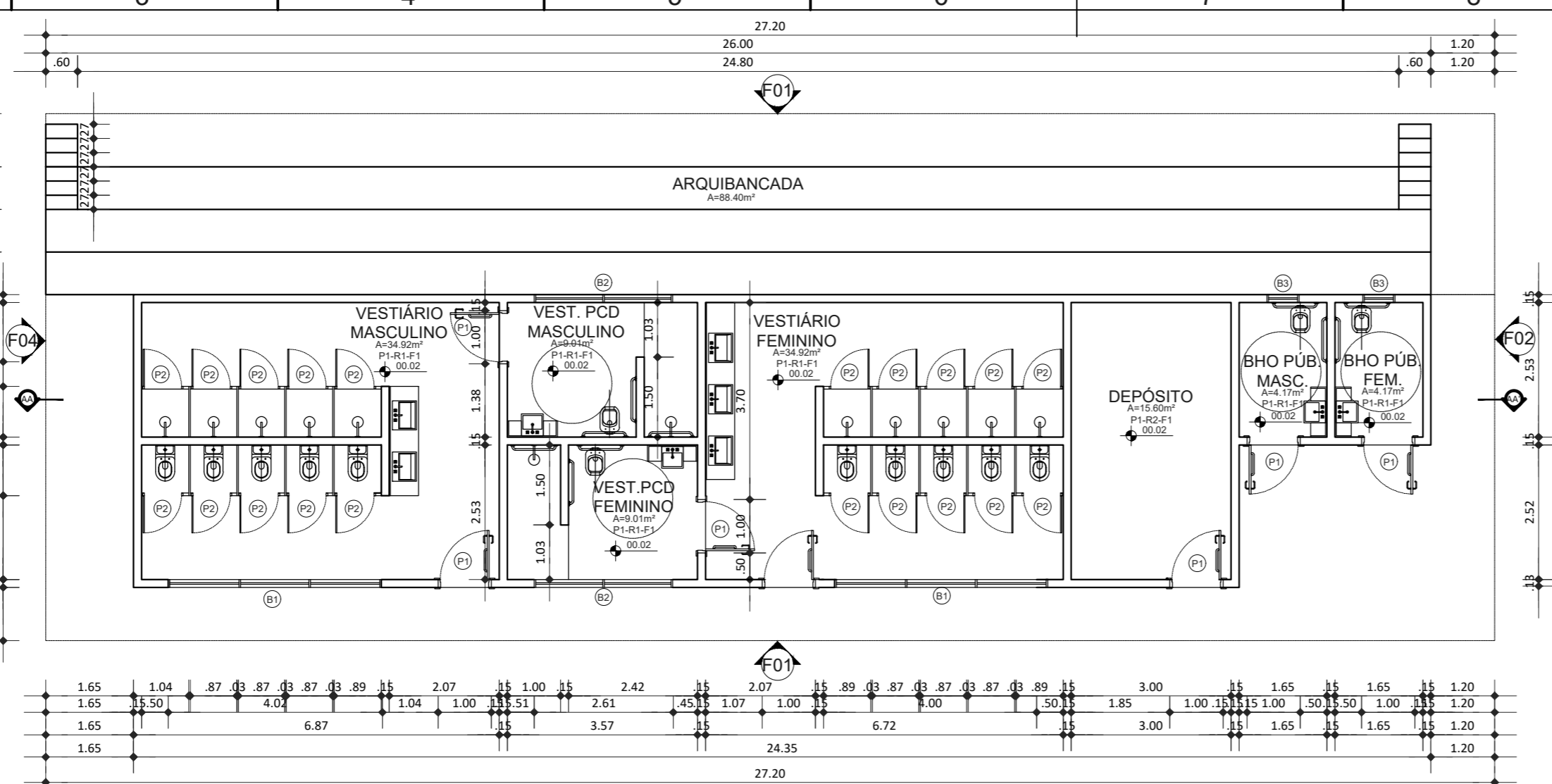
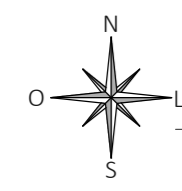
- ① CAMPO DE FUTEBOL
- ② QUADRA POLIESPORTIVA
- ③ QUADRA DE VÔLEI
- ④ QUADRA DE BEACH TENNIS
- ⑤ ACADEMIA AO AR LIVRE
- ⑥ BLOCO DE APOIO E ARQUIBANCADA
- ⑦ MESA DE PING-PONG
- ⑧ MESAS DE JOGOS
- ⑨ ARQUIBANCADA
- ⑩ ARQUIBANCADA

LAZER E CULTURA

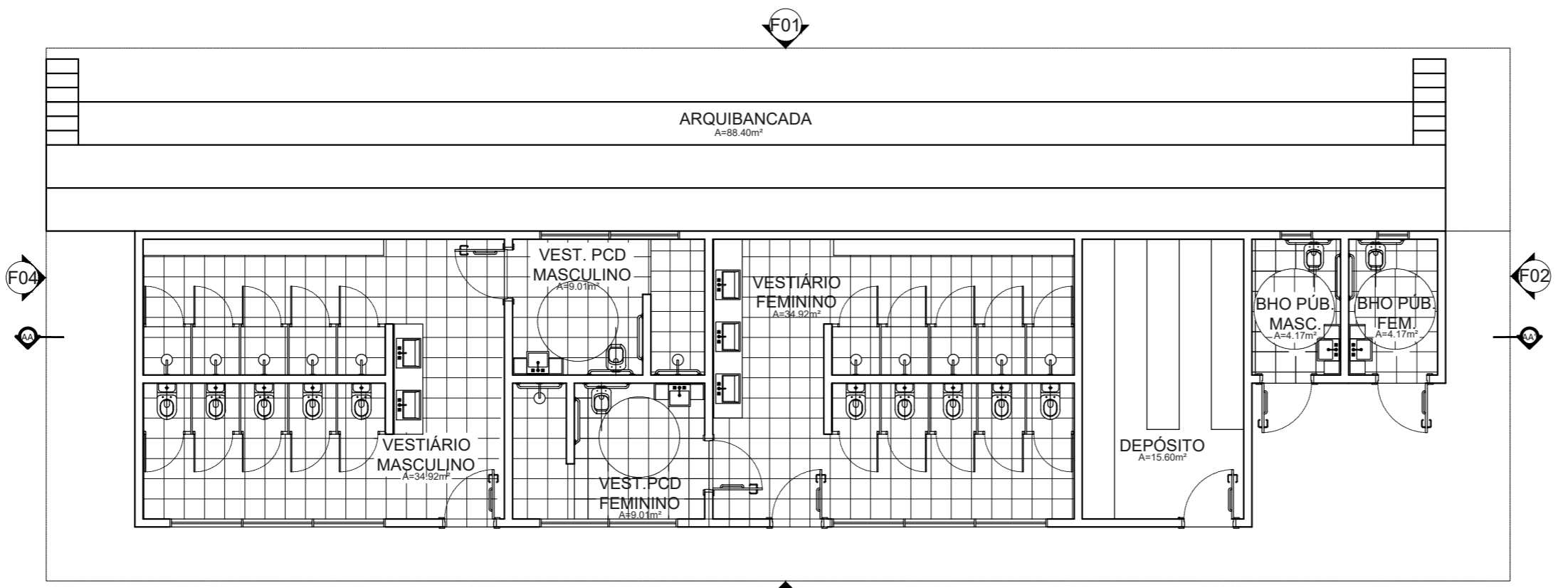
- ⑪ CORETO
- ⑫ MESAS COM CADEIRAS
- ⑬ PARQUE INFANTIL
- ⑭ ANFITEATRO
- ⑮ BOSQUE

APOIO

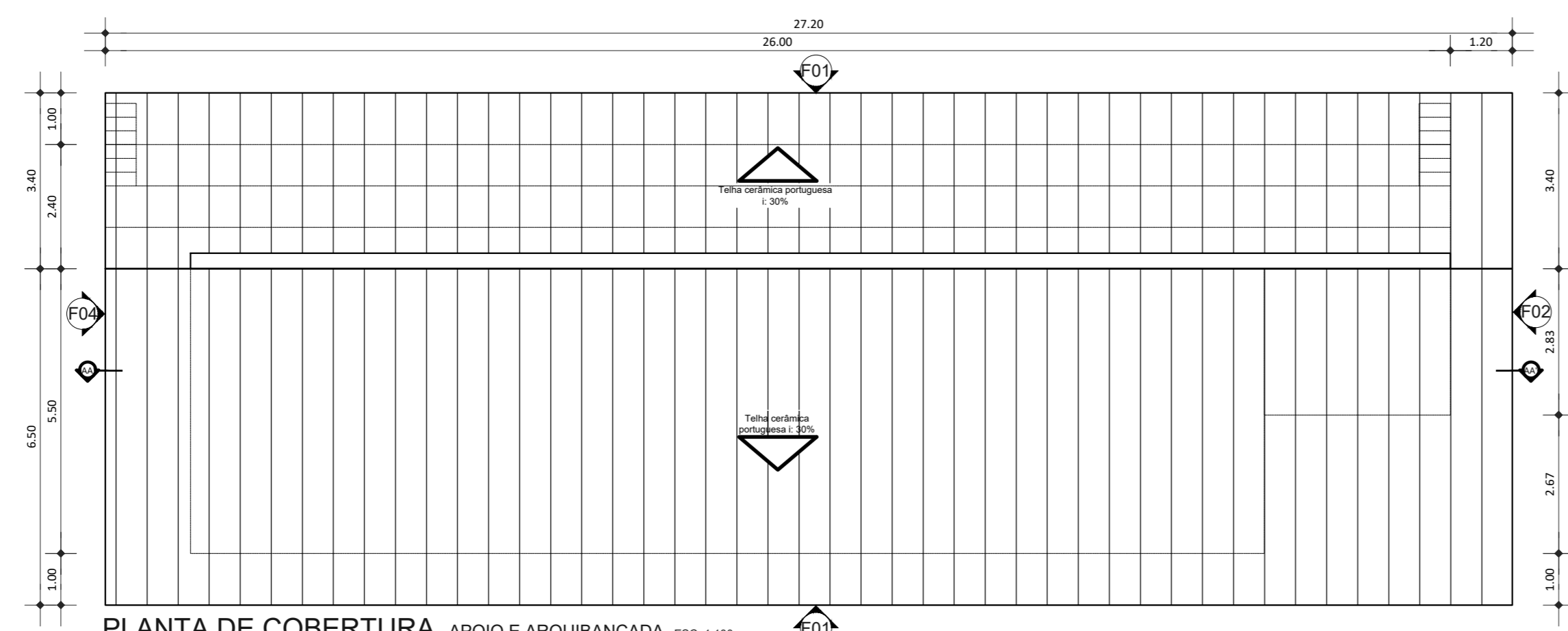
- ⑯ GUARITA
- ⑰ BICICLETÁRIO
- ⑱ ESTACIONAMENTO PARA CARROS E MOTOS



PLANTA BAIXA - APOIO E ARQUIBANCADA - ESC. 1:100



LAYOUT - APOIO E ARQUIBANCADA - ESC. 1:100



PLANTA DE COBERTURA - APOIO E ARQUIBANCADA - ESC. 1:100

TABELA DE ESQUADRIAS

*TAMANHOS SOMENTE P/COTAÇÃO P/ CONFECCÇÃO O FORCENEDOR DEVERÁ MEDIR IN LOCO

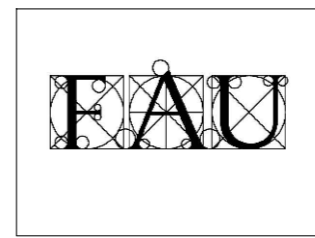
ESQUADRIAS			
NOME	DIMENSÃO	QUANT	MODELO
B1	4,00 x 0,40 1,70	2	ELEMENTO VAZADO A 45°
B2	2,60 x 0,40 1,70	2	ELEMENTO VAZADO A 45°
B3	0,60 x 0,40 1,70	2	ELEMENTO VAZADO A 45°
PORTAS			
P1	1,00x2,10	5	PORTA DE GIRO EM MADEIRA DE LEI
P2	0,70x2,10	20	PORTA DE GIRO EM ALUMÍNIO

TABELA DE ESPECIFICAÇÕES

*TAMANHOS SOMENTE P/COTAÇÃO P/ CONFECCÇÃO O FORCENEDOR DEVERÁ MEDIR IN LOCO

P - PISO

PISO	
NOME	MODELO
P1	Porcelanato Cimentício Acetinado 90x90
REVESTIMENTO	
R1	Porcelanato Cimentício Acetinado 90x90
R2	Tinta acrílica à base de água, lavável, de baixo odor, na cor branco gelo, com acabamento semibrilho.
FORRO	
F1	Forro de placas de PVC a definir



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

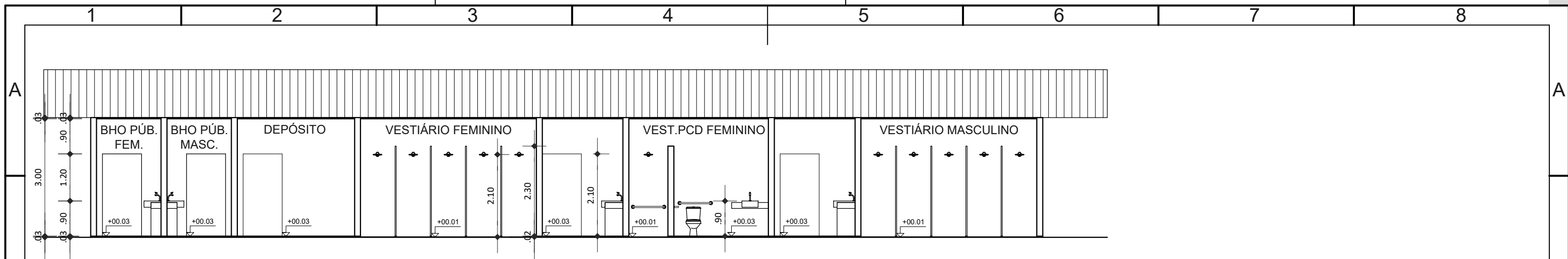
PRONCHA **A - 04/09**

PROJETO: CIDADE DE EMAÚS
BLOCO DE APOIO E ARQUIBANCADA

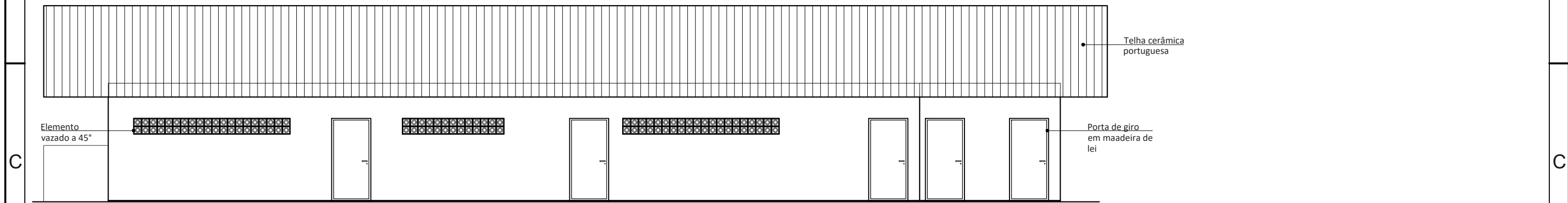
CONTEÚDO: PLANTA BAIXA, LAYOUT E PLANTA DE COBERTURA

ORIENTADOR(A): ANA KLÁUDIA DE A. V. PERDIGÃO

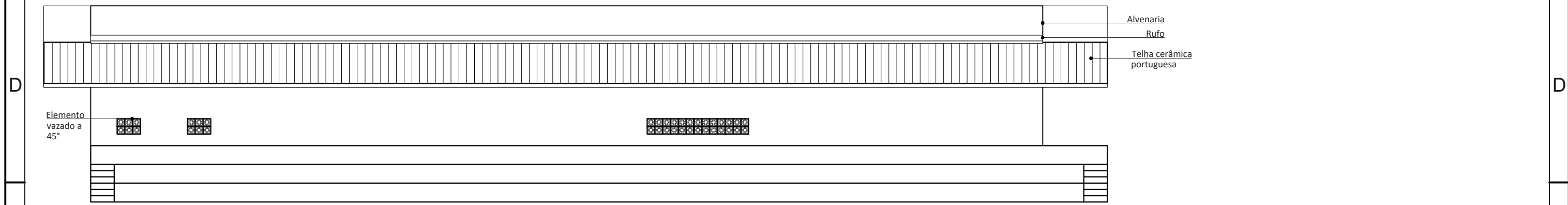
DISCENTE: MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA SODRÉ



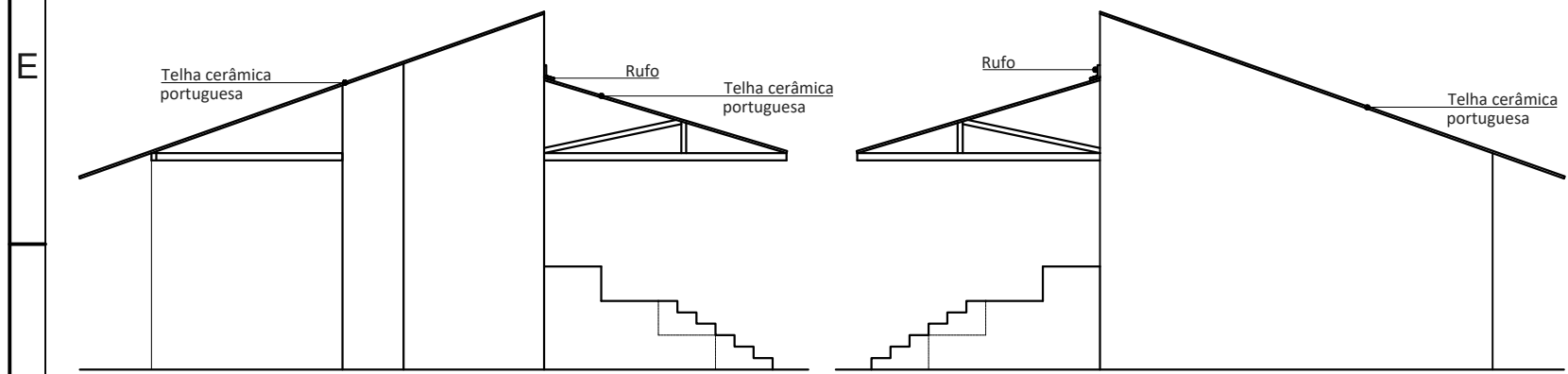
B CORTE AA - APOIO E ARQUIBANCADA - ESC. 1:100



FACHADA 01- APOIO E ARQUIBANCADA - ESC. 1:100

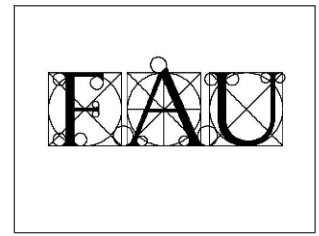


FACHADA 03- APOIO E ARQUIBANCADA - ESC. 1:100



FACHADA 02- APOIO E ARQUIBANCADA - ESC. 1:100

FACHADA 04- APOIO E ARQUIBANCADA - ESC. 1:100



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	
PROJETO	CIDADE DE EMAÚS
CONTEÚDO	BLOCO DE APOIO E ARQUIBANCADA
	CORTE E FACHADAS

PRANCHA	A - 05/09
ORIENTADOR(A)	ANA KLÁUDIA DE A. V. PERDIGÃO
DISCENTE	MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA SODRÉ

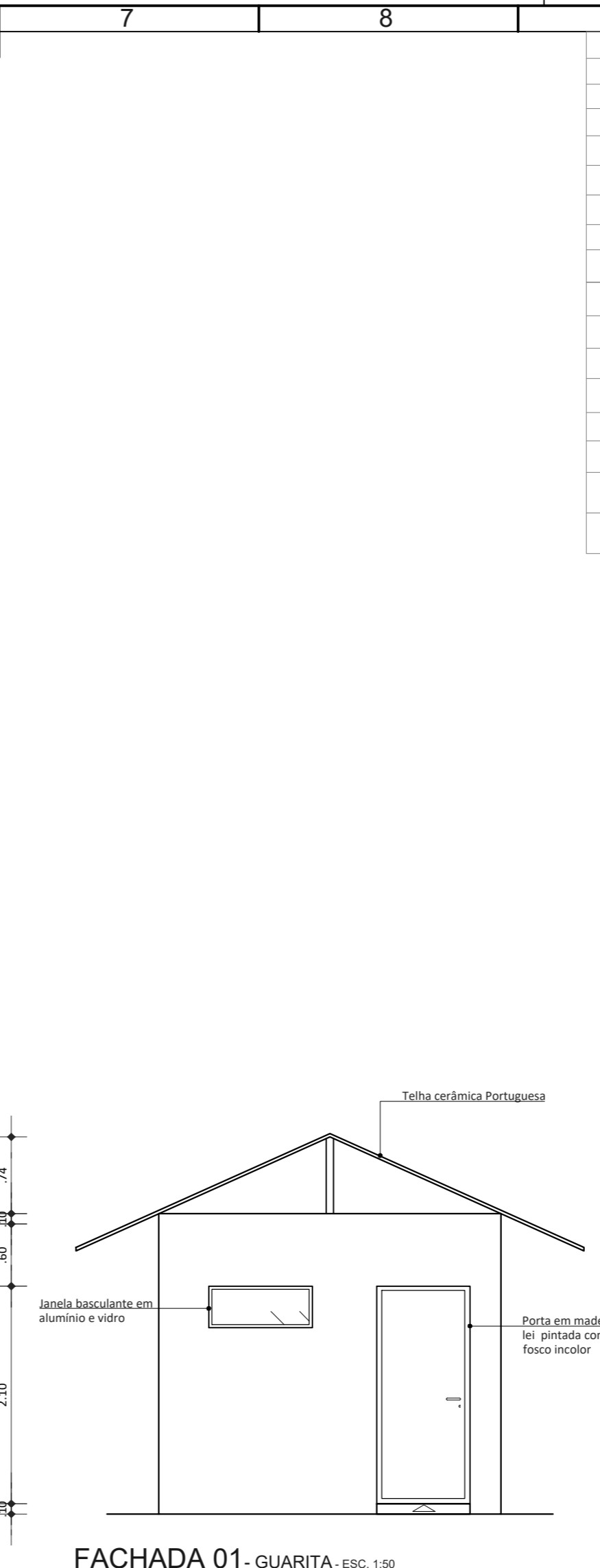
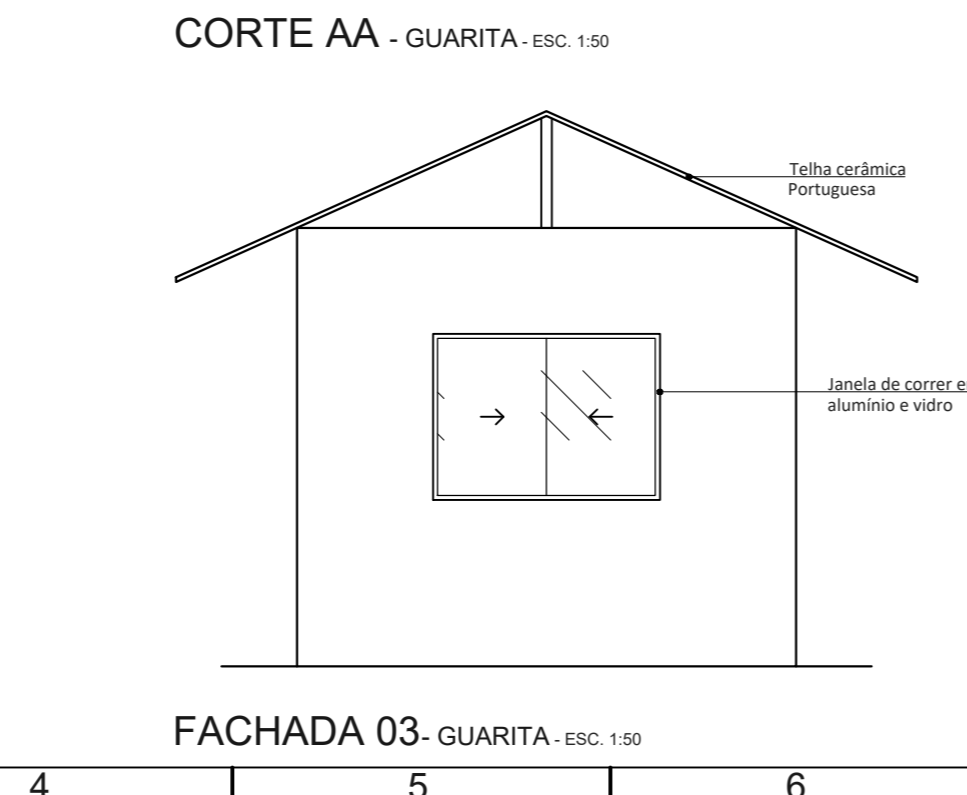
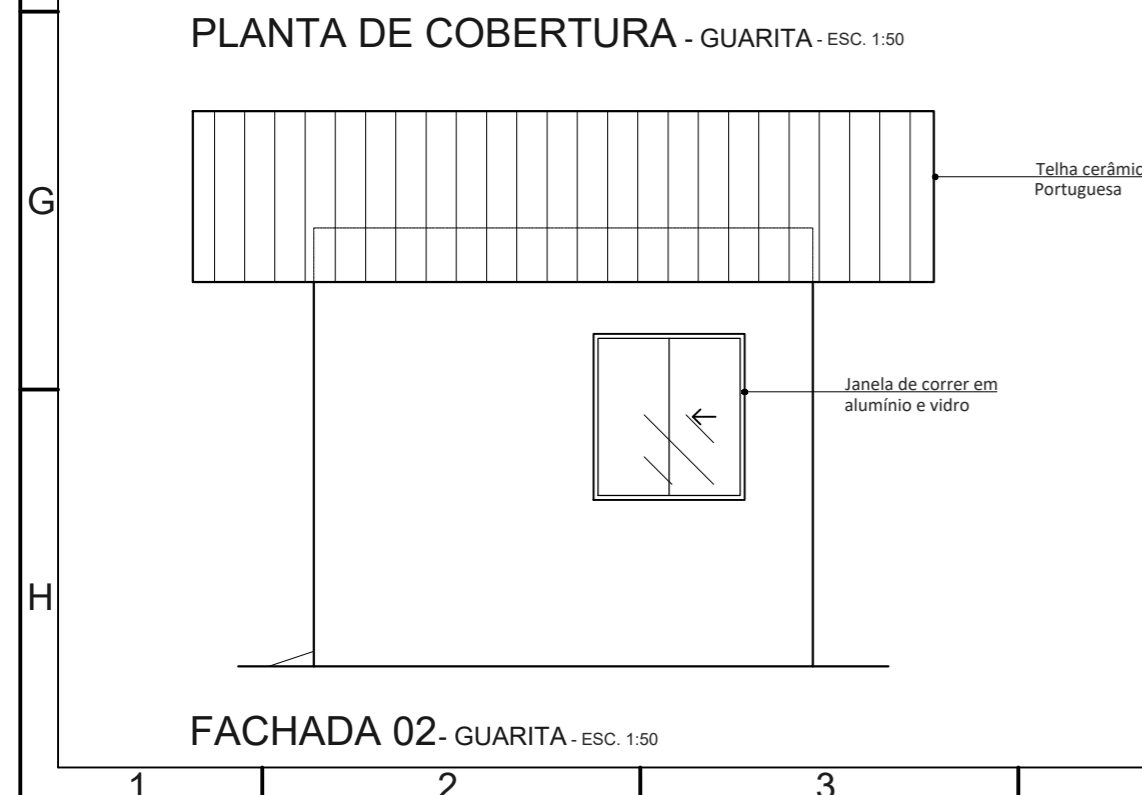
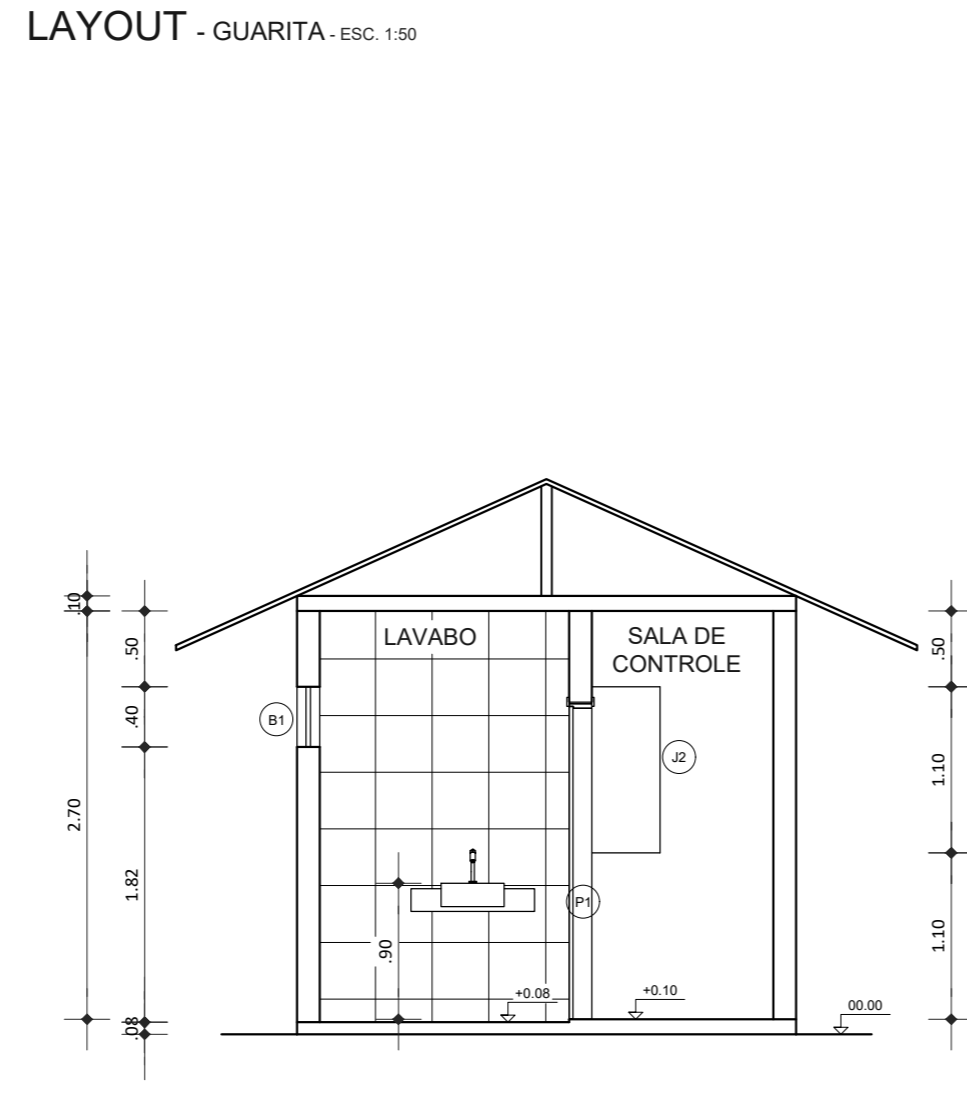
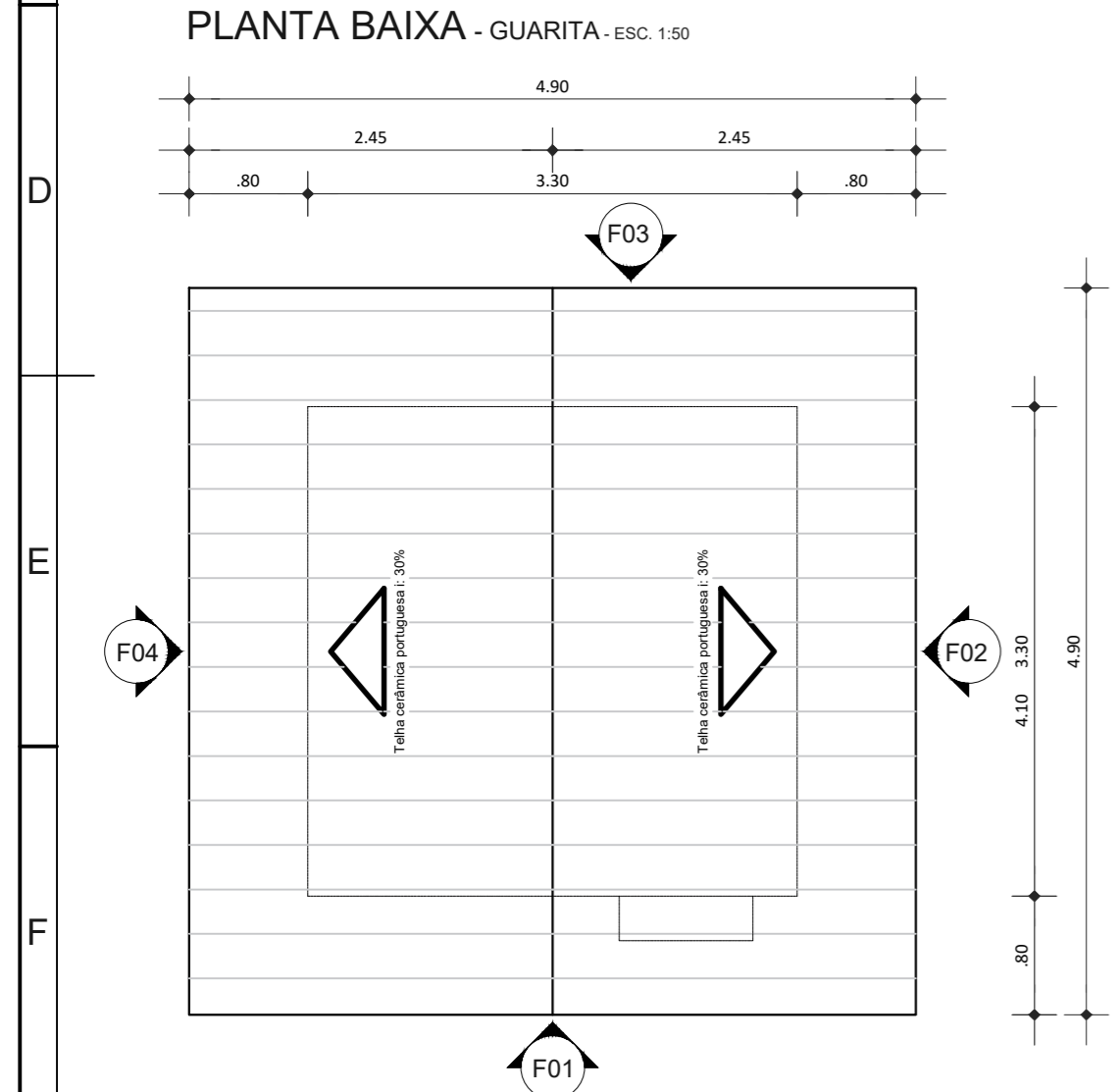
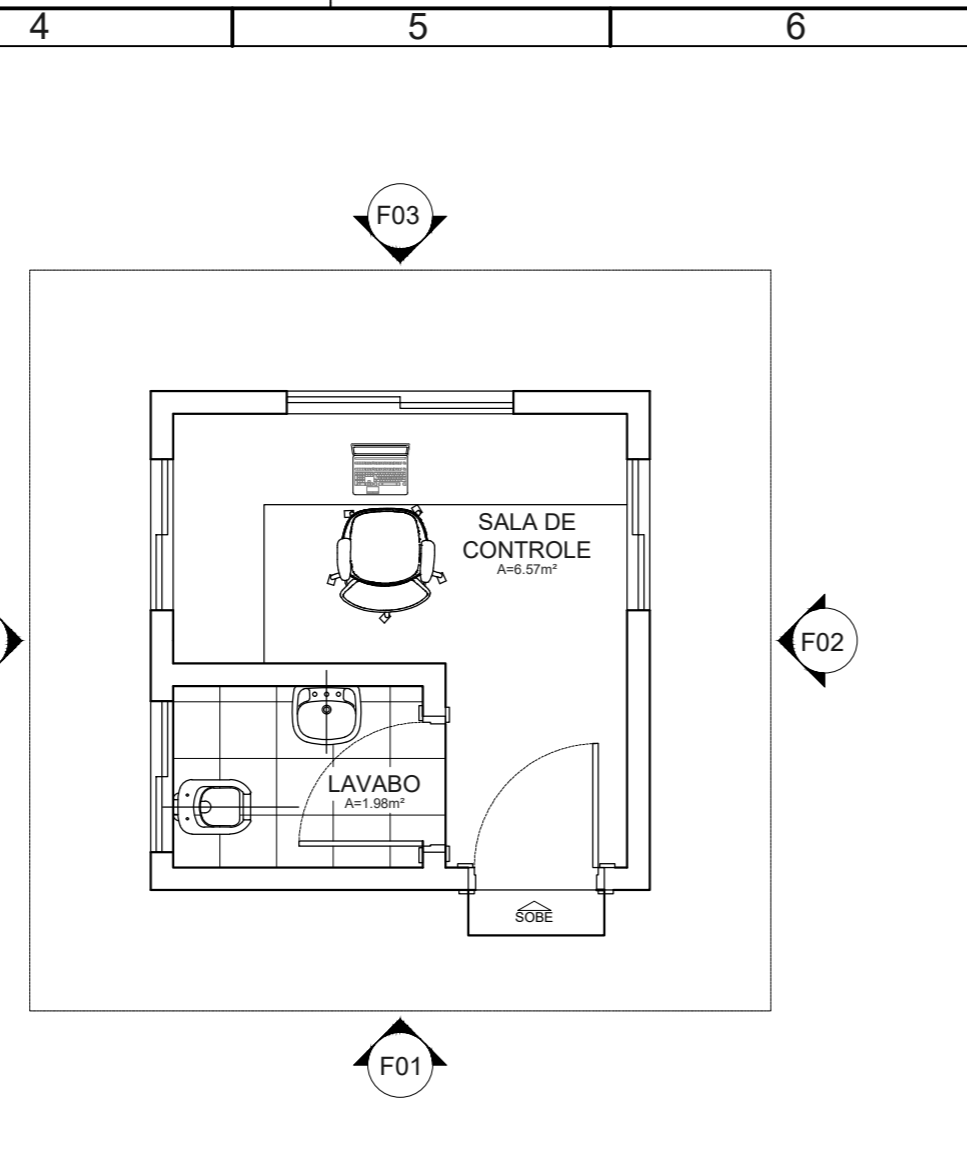
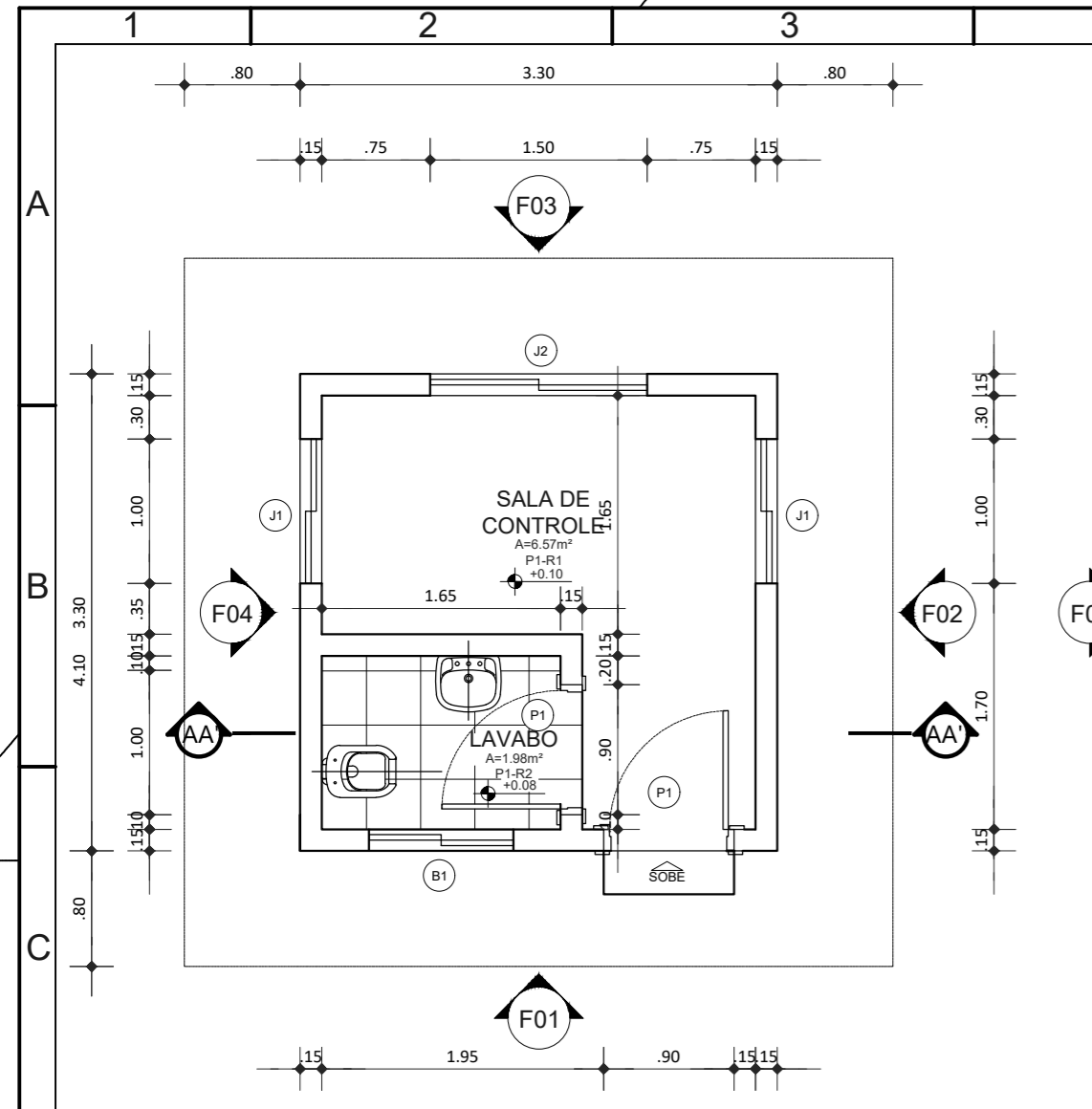


TABELA DE ESQUADRIAS			
*TAMANHOS SOMENTE P/COTAÇÃO P/ CONFECCÇÃO O FORCENEDOR DEVERÁ MEDIR IN LOCO			
ESQUADRIAS			
NOME	DIMENSÃO	QUANT	MODELO
J1	1,00 x 1,10 1,00	1	JANELA DE CORRER EM ALUMÍNIO E VIDRO
J2	1,50 x 1,10 1,00	1	JANELA DE CORRER EM ALUMÍNIO E VIDRO
B1	1,00 x 0,40 1,70	1	JANELA BASCULANTE EM ALUMÍNIO E VIDRO
PORTAS			
P1	0,90x2,10	2	PORTA DE GIRO EM MADEIRA DE LEI

TABELA DE ESPECIFICAÇÕES	
*TAMANHOS SOMENTE P/COTAÇÃO P/ CONFECCÇÃO O FORCENEDOR DEVERÁ MEDIR IN LOCO	
P - PISO	
NOME	MODELO
P1	Porcelanato Cimentício Acetinado 90x90
R - REVESTIMENTO	
R1	Tinta acrílica à base de água, lavável, de baixo odor, na cor branco gelo, com acabamento semibrilho.
R2	Porcelanato Cimentício Acetinado 90x90

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

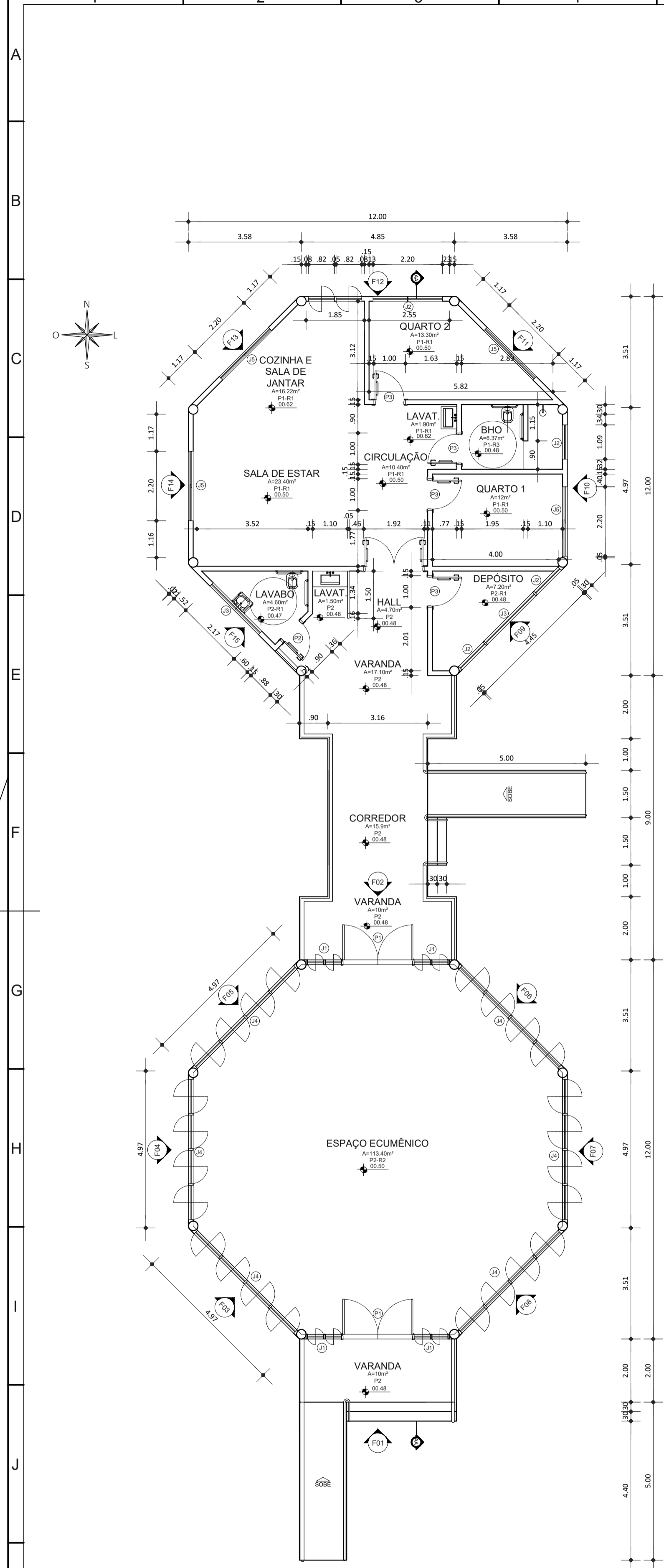
PROJETO: **CIDADE DE EMAÚS**
GUARITA - ESTACIONAMENTO

CONTEÚDO: PLANTA BAIXA, LAYOUT, PLANTA DE COBERTURA, CORTE AA E FACHADAS

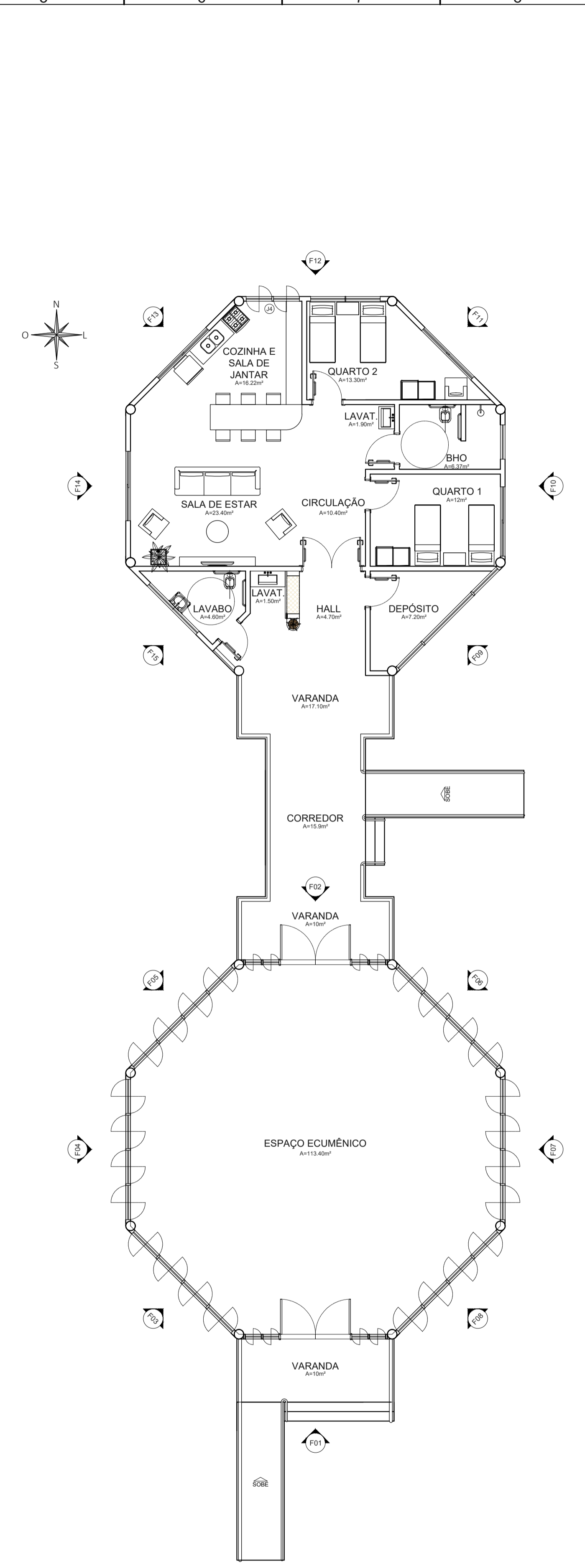
PRANCHA **A - 06/09**

ORIENTADOR(A): ANA KLÁUDIA DE A. V. PERDIGÃO

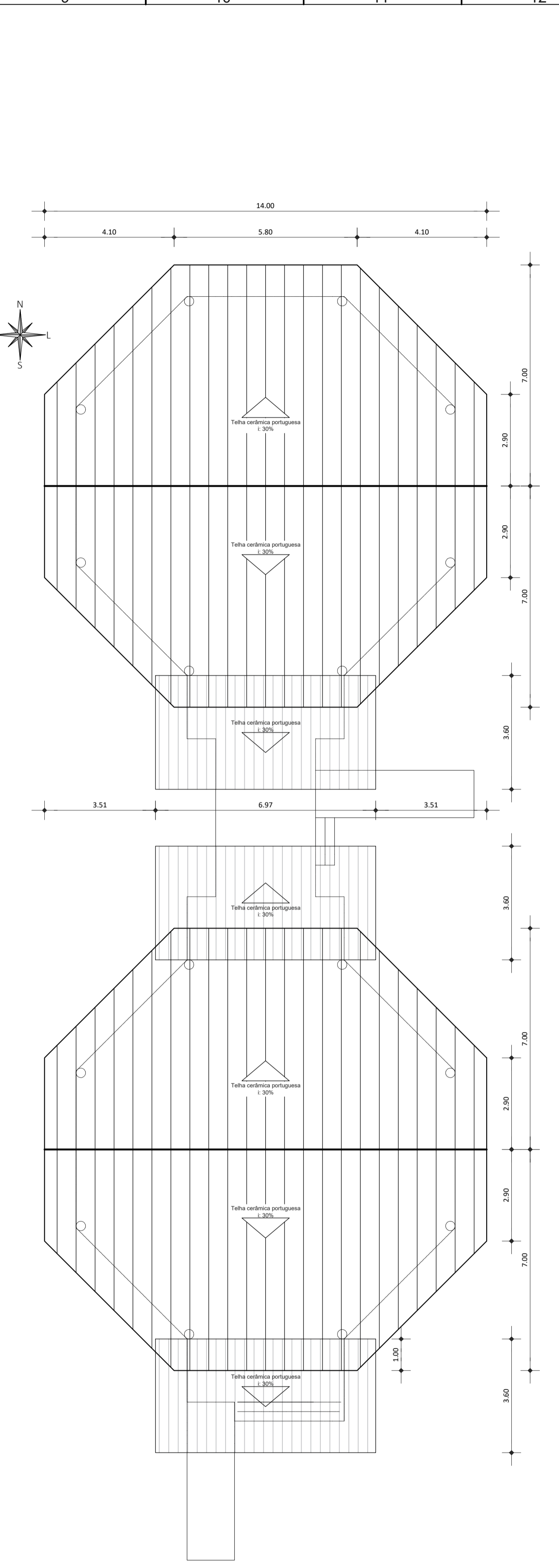
DISCENTE: MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA SODRÉ



PLANTA BAIXA - ESPAÇO EC. E ANEXO - ESC. 1:100



LAYOUT - ESPAÇO EC. E ANEXO - ESC. 1:100



PLANTA DE COBERTURA - ESPAÇO EC. E ANEXO - ESC. 1:100

TABELA DE ESQUADRIAS

*TAMANHOS SOMENTE P/COTAÇÃO P/ CONFECCÃO O FORCENEDOR DEVERÁ MEDIR IN LOCO

ESQUADRIAS			
NOME	DIMENSÃO	QUANT	MODELO
J1	0,50 x 1,20	8	JANELA PIVOTANTE EM VIDRO E MADEIRA
J2	1,10 x 0,60	29	JANELA BASCULANTE EM VIDRO COM PAINEL DE MADEIRA
J3	2,20 x 0,60	11	JANELA BASCULANTE EM VIDRO COM PAINEL DE MADEIRA
J4	1,10 x 1,20	26	JANELA PIVOTANTE EM VIDRO E MADEIRA
J5	2,20 x 1,20	4	JANELA DE CORRER EM VIDRO E MADEIRA
J6	1,70 x 0,60	1	JANELA BASCULANTE EM VIDRO COM PAINEL DE MADEIRA
PORTAS			
P1	2,20x2,30	2	PORTA DE GIRO DUPLA EM MADEIRA DE LEI
P2	0,90x2,10	1	PORTA DE GIRO EM MADEIRA DE LEI
P3	1,00x2,10	4	PORTA DE GIRO EM MADEIRA DE LEI

TABELA DE ESPECIFICAÇÕES

*TAMANHOS SOMENTE P/COTAÇÃO P/ CONFECCÃO O FORCENEDOR DEVERÁ MEDIR IN LOCO

P - PISO

PISO	
NOME	MODELO
P1	Parcelanato Cimentício Acetinada 90x90
P2	Madeira de lei.
R - REVESTIMENTO	
NOME	MODELO
R1	Tinta acrílica à base de água, lavável, de baixo odor, na cor branco gelo, com acabamento semibrilho.
R2	Madeira de lei.
R3	Parcelanato Cimentício Acetinada 90x90

PRANCHA **A - 07/09**

PROJETO: CIDADE DE EMAÚS
ESPAÇO ECUMÊNICO E ANEXO

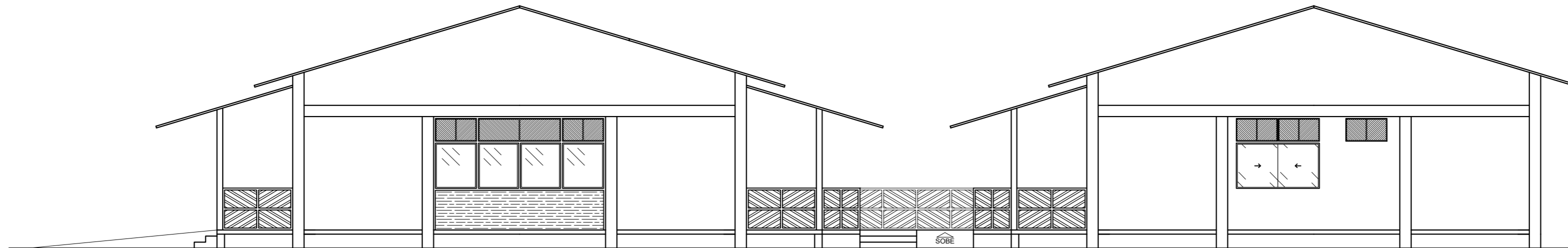
CONTEÚDO: PLANTA BAIXA, LAYOUT E PLANTA DE COBERTURA

ORIENTADOR(A): ANA KLÁUDIA DE A. V. PERDIGÃO

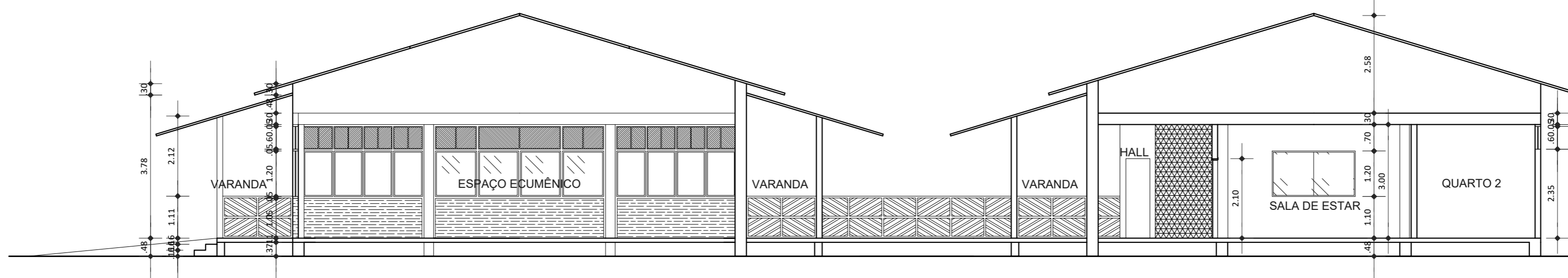
DISCENTE: MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA SODRÉ



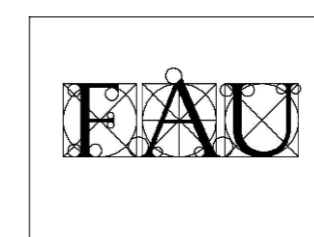
VISTA FRONTAL- ESPAÇO EC. E ANEXO. ESC. 1:100



VISTA LATERAL - ESPAÇO EC. E ANEXO. ESC. 1:100



CORTE AA - ESPAÇO EC. E ANEXO. ESC. 1:100



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PROJETO: CIDADE DE EMAÚS ESPAÇO ECUMÊNICO E ANEXO CONTEÚDO: VISTA FRONTAL, VISTA LATERAL E CORTE AA		PRANCHA A - 08/19 ORIENTADOR(A) ANA KLÁUDIA DE A. V. PERDIGÃO DISCENTE MARCELLY COSTA DE OLIVEIRA SODRÉ
--	--	---

